



**Universidade do Minho**  
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Li Ling

**Da variação na obra do P.e Joaquim  
Gonçalves: Formulações alternativas  
em português e chinês**



**Universidade do Minho**

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Li Ling

**Da variação na obra do P.º Joaquim  
Gonçalves: Formulações alternativas  
em português e chinês**

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Estudos Interculturais Português-Chinês:

Tradução, Formação e Comunicação Empresarial

Trabalho efetuado sob a orientação da

**Professora Doutora Anabela Leal de Barros**

## **DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS**

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

### ***Licença concedida aos utilizadores deste trabalho***



**Atribuição-NãoComercial-SemDerivações**  
**CC BY-NC-ND**

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer em primeiro lugar aos momentos inseguros que senti, tenho sentido, sinto e sentirei; sem eles nunca teria sido possível chegar onde cheguei. A insegurança é um dos maiores motores que incentivam, ao mesmo tempo que impedem o progresso pessoal e académico. O tema escolhido para esta dissertação não era propriamente acessível aquando da escolha sob a inspiração e a compaixão da minha orientadora, sempre exemplar e empírica. Na consequência dessa decisão tomada, e durante todo o percurso desde o início até à data da defesa, foram realizados diversos esforços, devido à incerteza quanto à minha qualificação e capacidade de desempenhar a análise de uma obra ainda hoje pioneira no que diz respeito ao ensino e descrição das línguas chinesa e portuguesa. A fim de obter a força necessária e enfrentar a insegurança surgida, não apenas iniciei a minha profissão no ensino do chinês moderno, para melhor me familiarizar com a minha própria língua materna numa perspetiva didática, mas também retomei um curso da língua latina como língua viva para me recordar deste recurso fonte da evolução da língua portuguesa, ao mesmo tempo que iniciava uma aventura com o grego antigo, na procura de uma aproximação académica em relação ao estudo dos étimos dos vocábulos latinos e portugueses de origem e influência grega. Portanto, gostaria de congratular-me pela minha resolução inicial e a minha persistência durante esta maratona repleta de momentos inesquecíveis, mas sobretudo à minha incerteza perante a ignorância que conduziu a todas as dedicações e encontros aventureiros.

Um profundo agradecimento à minha orientadora da dissertação, Professora Doutora Anabela Leal de Barros, pela inspiração, motivação, dedicação, paciência, insistência, apoio, aconselhamento tanto a nível pessoal como académico, e sobretudo por ser permanentemente um modelo de alma em momentos de receio e dúvida.

À Professora Doutora Sun Lam, Diretora do Curso de Mestrado em *Estudos Interculturais Português-Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial*, não só pela oportunidade que me deu de fazer o mestrado na Universidade do Minho, mas também pelo convite e encorajamento para iniciar o contacto mais que pessoal com o ensino da língua chinesa, através da colaboração no Departamento de Estudos Asiáticos da Universidade do Minho, como leitora de chinês.

Aos meus pais, pelo amor, apoio, tolerância durante todo o meu percurso académico e pela independência e autodisciplina que me ensinaram desde pequena – dois méritos fundamentais para desafiar esta investigação académica. Ao meu noivo Hélio Campos, pelo apoio incansável, pelo amor

sempre carinhoso, pela aspiração tanto académica como profissional, pela indulgência em momentos que pareceriam impossíveis de ultrapassar e pela maior certeza que me transmitiu com o compromisso vital no meio de todas as inseguranças. À família do meu noivo, a minha família portuguesa, que tive a honra de adquirir na minha vida pessoal, em paralelo com este percurso académico, pelo carinho, apoio, companhia e ajuda infatigáveis.

À minha melhor amiga de vida Li Ying, pela amizade que fizemos há treze anos enquanto adolescentes, pelo lugar exclusivamente reservado para mim no seu coração apesar da nossa distância física e pelo incentivo e exigência absolutamente essenciais para a conclusão desta aventura. Aos meus grandes amigos e colegas de mestrado, Lv Qifeng, Yang Yu e Francisca Monteiro, pela amizade e apoio a todos os níveis e por todas as memórias inesquecíveis. Aos meus amigos, o Nuno e a Joana, pela sua companhia, que me faz sentir em casa, apesar de estar a dez mil quilómetros de casa.

A todos os meus alunos do curso de Licenciatura em *Estudos Orientais: Estudos Chineses e Japoneses* e da Formação de *Língua e Cultura Chinesas* para o curso de Doutoramento UM-BOSCH, foi convosco que tive a oportunidade de aprender e estudar a minha língua materna do “zero” e crescer tanto a nível pessoal como a nível profissional.

Aos dois docentes de *Ensino de Português como Segunda Língua Estrangeira*, integrado no Curso de Licenciatura em Tradução e Interpretação da Universidade de Sun Yat-sen, a Professora Lin Manlin, pela possibilidade deste encontro eterno com a língua portuguesa, pelas oportunidades que me tem oferecido de ganhar experiências ricas de tradução português-chinês e retroversão chinês-português e pela nossa grande amizade cristalizada no percurso deste crescimento pessoal e académico, e o Professor Manuel Pires, pelo entusiasmo lusitano que me fascinou aquando do início do meu contacto com a língua portuguesa. A todos os docentes do Curso de Licenciatura em *Línguas e Literaturas Europeias: Major Português - Minor Inglês*, pela transmissão de conhecimentos linguísticos, literários e culturais que me possibilitaram fundar uma base sólida para este desafio. A todos os docentes do Curso de Mestrado em *Estudos Interculturais Português-Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial*, pela paciência e pelos conhecimentos transmitidos.

## **DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE**

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.



## RESUMO

### *Da variação na obra do P.º Joaquim Gonçalves: Formulações alternativas em português e chinês*

O sinólogo português do século XIX Joaquim Afonso Gonçalves foi uma grande figura da sinologia europeia. Este mestre da língua chinesa dedicou a maior parte da sua vida não apenas à sua missão de evangelização como padre lazarista na diocese de Macau, mas também ao ensino e aprendizagem da língua chinesa para o público-alvo europeu, sobretudo para os seus compatriotas, nesta península meridional da China. Dentre as suas numerosas publicações dedicadas ao estudo da língua chinesa, salienta-se a sua trilogia *Arte China*, *Diccionario Portuguez-China* e *Diccionario China-Portuguez*, um método didático inovador amplamente apreciado por vários sinólogos do mesmo espaço histórico e seguidores contemporâneos desta carreira. No presente estudo procura-se em primeiro lugar oferecer uma breve apresentação da biografia e bibliografia do padre Joaquim Gonçalves, bem como da linguística missionária do século XIX, dando prioridade à comparação entre aspetos didáticos diferentes no âmbito do ensino e aprendizagem de línguas locais pelos missionários europeus mais conhecidos. De seguida, faz-se uma breve contextualização das duas línguas envolvidas, neste caso, o chinês e o português preservados na obra de Joaquim Gonçalves, de forma a conhecer as suas características mais representativas numa perspetiva diacrónica, em comparação com as respetivas normas atuais. Por fim, apresenta-se uma breve categorização e análise das formulações alternativas mais relevantes, colocando o foco de estudo na sua importância para o ensino e aprendizagem e para o conhecimento e descrição do chinês e do português, com base na trilogia de Joaquim Gonçalves, sem esquecer o manuscrito inédito elaborado pelo mesmo autor, posteriormente publicado sob o título *Gramática e Diálogos em português e chinês* por Anabela Leal de Barros e Ana Ng Cen, tendo em conta que uma grande parte destes recursos preparatórios podem ter sido reeditados ou modificados pelo autor para inclusão na versão impressa. No final do estudo analítico sobre os diversos níveis de formulações alternativas, sugerem-se ainda alguns aspetos a aprofundar em futuros estudos, demonstrando a importância e os valores que constituem o legado de Joaquim Gonçalves.

Palavras-Chave: História das línguas portuguesa e chinesa; variação e mudança em português e chinês; *Arte China*; Joaquim Gonçalves; linguística contrastiva; linguística missionária





## 摘要

### 《江沙维神父作品中的语言变体：葡萄牙语和汉语中的同义多样表达》

十九世纪葡萄牙汉学家江沙维是整个欧洲汉学史上的一位标志性人物。作为遣使会的一员，江沙维神父在澳门教区度过了春秋数十载，在其传教事业之外，更是将其所有精力投入到面向以葡萄牙人为主的欧洲人士的汉语教学事业之中。在其丰硕的研究成果中，最为人所知的是由《汉字文法》、《洋汉合字汇》、《汉洋合字汇》组成的汉语教学三部曲，作为一种创新性的汉语教学法不仅受到来自其同时代汉学家们的赞许，至今仍被后人视为宝贵的前沿教学实践。本文的第一部分主要介绍江沙维神父的生平和作品以及十九世纪欧洲传教士的汉语研究和教学观。第二部分的重点是十九世纪的汉语和葡语的历史性特征概览，通过这两种语言的历时对比，比较和分析当时的语言特色与现在的语法特征之间的差别。最后一部分将针对最为显著的同义多样性表达进行一个简单的分类和研究，重点突出这些多样性表达对于汉语和葡语教学的意义，以及对于认识和描述两种语言历史面貌的重要性。本文的研究重心除了上述三部曲以外，还包括江沙维神父的一份未编辑出版的手稿，后由 Anabela Leal de Barros 和伍昊莹共同整理出版。这份手稿中包含了大量最终版本出版前可能经过修订的语言文本，对于两个版本之间的比较研究意义重大。在最后一部分的末尾还附上少数对于未来进一步研究的建议，旨在唤起对江沙维神父作品的进一步重视。

关键词：汉语史与葡萄牙语史、汉语与葡萄牙语语言变体、《汉字文法》、江沙维、比较语言学、传教士语言学



## ABSTRACT

### *About the variation in Father Joaquim Gonçalves's work: Alternative formulations in Portuguese and Chinese*

The 19<sup>th</sup> century Portuguese sinologist Joaquim Afonso Gonçalves was a great figure of the European sinology. This Chinese language master dedicated most part of his life not only to his mission of evangelization as a Lazarist father in the Diocese of Macao, but also to the teaching and the learning of the Chinese language to the target European audience, especially to his fellow countrymen in the southern peninsula of China. Among his numerous publications dedicated to the study of the Chinese language, his trilogy composed by *Arte China*, *Diccionario Portuguez-China* and *Diccionario China-Portuguez* is the most innovative didactic method widely appreciated by various sinologists of his time and contemporary followers of the career. The present study starts by providing a brief introduction of the biologic and bibliographic information about Father Joaquim Gonçalves, as well as the missionary linguistic of the 19<sup>th</sup> century, giving importance to the comparison between different perspectives in terms of the teaching and learning of local languages practiced by some most well-known European preachers. Thereafter, a linguistic contextualization of the two target languages – the Chinese and the Portuguese languages preserved in the works of Gonçalves will be presented in order to provide the most representative characteristics of the two languages in comparison to their present norms of circulation in a diachronic perspective. Lastly, a succinct categorization and analysis of the most relevant alternative formulations will be carried out, paying special attention to the study of their importance for the teaching and learning and the knowledge and description of the Chinese and the Portuguese. This study is based on the trilogy of Father Gonçalves, without forgetting the unprecedented manuscript of the same author, which has been published under the title of *Gramática e Diálogos em português e chinês* by Anabela Leal de Barros and Ana Ng Cen. This manuscript is of particular significance because a large portion of the preparatory resources could have been re-edited or modified before being included in the published version. By the end of the study about the various levels of alternative formulations, a few suggestions for future studies will be provided to demonstrate the importance and value that Father Gonçalves's heritage deserves.

KEYWORDS: History of Portuguese and Chinese; variation and change in Portuguese and Chinese; *Arte China*, Joaquim Gonçalves; contrastive linguistics; missionary linguistics



## ÍNDICE

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	vii
摘要.....	ix
Abstract.....	xi
Lista de Tabelas .....	xv
INTRODUÇÃO.....	1
1. Biografia e Bibliografia do Padre Joaquim Gonçalves e Introdução à Linguística Missionária .....	5
1.1 Introdução do autor e da sua obra .....	5
1.1.1 Breve apresentação do padre Joaquim Gonçalves .....	6
1.1.2 A trilogia <i>Arte China, Dicionario Portuguez-China e Dicionario China-Portuguez</i> .....	10
1.2 Breve contextualização da linguística missionária no extremo-orientes no século XIX .....	15
1.2.1 Obras didáticas da língua chinesa para falantes de línguas maternas ocidentais .....	16
1.2.2 O ensino e aprendizagem das línguas locais.....	19
2. Contextualização Linguística.....	21
2.1 O português e o chinês no século XIX.....	21
2.1.1 Alguns aspetos característicos da língua portuguesa .....	22
2.1.2 Alguns aspetos característicos da língua chinesa .....	26
2.2 O ensino-aprendizagem por contraste linguístico e os problemas de equivalência .....	33
2.3 A introdução do registo "vulgar", em contraste com o "sublime", no método de Gonçalves para o ensino de línguas vivas .....	36
2.4 A importância das formulações alternativas no método pioneiro de ensino e aprendizagem do Padre Joaquim Gonçalves.....	39
3. Recenseamento, Categorização e Análise de Formulações Alternativas .....	43
3.1 Tipos de alternativas .....	43
3.2 As formulações alternativas mais relevantes na obra de Gonçalves: sua importância no ensino e aprendizagem e para o conhecimento e descrição do chinês e do português .....	46
3.2.1 A variação gráfica, fonética, fonológica e morfofonológica .....	47
3.2.2 A variação morfológica e morfossintática.....	100

3.2.3	A variação sintática.....	110
3.2.4	A variação lexical .....	114
3.2.5	Aspetos de alternância semântica e pragmática .....	117
3.2.6	Mudanças do âmbito da tradução e do conteúdo (formulações contrárias, modulações, informações diferentes).....	123
4.	Alguns Aspetos a Aprofundar em Estudos Futuros .....	131
	CONCLUSÃO .....	137
	BIBLIOGRAFIA .....	143

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Aplicação do critério de identificação da fala de Pequim na obra de Gonçalves.....	29
Tabela 2 Variação gráfica qu / c .....	49
Tabela 3 Variação gráfica g / gu .....	50
Tabela 4 Variação gráfica g, gj e j .....	50
Tabela 5 Variação gráfica i, y e j .....	51
Tabela 6 Variação gráfica m, n e til.....	52
Tabela 7 O uso do h: hiato entre duas vogais diferentes ou entre vogais de qualidades diferentes .....	53
Tabela 8 O uso do h: antes de vogais iniciais .....	54
Tabela 9 Consoantes duplas: em posição intervocálica sem fins fonéticos .....	56
Tabela 10 Línguas clássicas: ch, ph, rh, th e y .....	58
Tabela 11 Línguas clássicas: ct, gm, gn, mn, mpt e consoantes duplas .....	58
Tabela 12 Variação gráfica s final / z .....	62
Tabela 13 Variação gráfica s / z em posição intervocálica .....	63
Tabela 14 Variação gráfica s, ss e c/ç em posições inicial e intervocálica .....	64
Tabela 15 Apócope de -to no advérbio muito .....	65
Tabela 16 Metátese de -re no prefixo pre-.....	66
Tabela 17 Síncope de -e nas palavras adivinho/adivinhar.....	67
Tabela 18 Betacismo ou troca de b/v .....	67
Tabela 19 Desafricamento de /tʃ/ .....	69
Tabela 20 Vocalismo: dissimilação e alternância entre as grafias i e e .....	70
Tabela 21 Vocalismo: elevação da vogal átona /o/ para /u/ ou a troca de o e u .....	71
Tabela 22 Variação hiato ea / tritongo eia.....	72
Tabela 23 Vocalismo: troca de ou por o.....	73
Tabela 24 Ocorrência comum das grafias tradicionais dos caracteres chineses .....	75
Tabela 25 叫: 叫 vs. 叫 (jiào).....	75
Tabela 26 才: 才 vs. 終 (cái) .....	75
Tabela 27 个: 个 vs. 個 (gè).....	76



Tabela 28 儿: 兒 vs. 兒 (ér) (substantivo).....	76
Tabela 29 儿: 兒 vs. 兒 (ér) (sufixos substantival, adjetival e verbal) .....	77
Tabela 30 够: 勾 vs. 穀 (gòu) (uso alternativo) .....	78
Tabela 31 够: 勾 vs. 穀 (gòu) (caso específico).....	78
Tabela 32 过: 过 vs. 過 vs. 過* (guò).....	79
Tabela 33 几: 几 vs. 幾 (jǐ).....	80
Tabela 34 几: 几 vs. 幾 (jǐ) (extensão) .....	80
Tabela 35 礼: 礼 vs. 禮 (lǐ).....	81
Tabela 36 么: 么 vs. 麼 (me)/(ma).....	82
Tabela 37 难: 难 vs. 難 (nán).....	83
Tabela 38 听: 听 vs. 聽 (tīng) .....	83
Tabela 39 觉: 覺 vs. 竟 (jiàng).....	84
Tabela 40 学: 學 vs. 孝 (xué).....	84
Tabela 41 櫟 (zhuō) em lugar de 桌 (zhuō).....	85
Tabela 42 糊 (hú) em lugar de 胡 (hú) .....	85
Tabela 43 快 (kuài) em lugar de 筷 (kuài) .....	85
Tabela 44 栽 (zāi) em lugar de 仔/崽 (zǎi).....	87
Tabela 45 你納 (nǐ nà) → 您 (nín) .....	89
Tabela 46 曠 (kuàng) → 逛 (guàng):.....	91
Tabela 47 踢 (tī) → 躺 (tǎng): .....	93
Tabela 48 總 (zǒng) → 從 (cóng) vs. 聰 (cōng) → 總 (zǒng): alternância de (c) e (z) .....	95
Tabela 49 總 (zǒng) → 從 (cóng) vs. 聰 (cōng) → 總 (zǒng).....	98
Tabela 50 喫 → 吃 (chī).....	98
Tabela 51 Variação morfológica e morfossintática no tocante a pronomes pessoais.....	101
Tabela 52 Variação morfológica e morfossintática no tocante a pronomes pessoais (caso específico).....	102
Tabela 53 Variação morfológica e morfossintática no tocante a adjetivos .....	103
Tabela 54 Variação morfológica e morfossintática no tocante a verbos: pessoas verbais (a) 103	
Tabela 55 Variação morfológica e morfossintática no tocante a verbos: pessoas verbais (b) 104	

Tabela 56 Variação morfológica e morfossintática no tocante a verbos: tempos e modos verbais (1).....	106
Tabela 57 Variação morfológica e morfossintática no tocante a verbos: tempos e modos verbais (2).....	107
Tabela 58 Variação morfológica e morfossintática no tocante a verbos: tempos e modos verbais (3).....	107
Tabela 59 Variação morfológica e morfossintática no tocante a verbos: tempos e modos verbais (4).....	108
Tabela 60 Variação morfológica e morfossintática no tocante a verbos: tempos e modos verbais (5).....	109
Tabela 61 A variação sintática em português (1).....	110
Tabela 62 A variação sintática em português (2).....	111
Tabela 63 A variação sintática em português (3).....	112
Tabela 64 A variação sintática em chinês .....	112
Tabela 65 A variação lexical .....	115
Tabela 66 Aspectos de alternância semântica e pragmática: “狠 (hěnlǚ)” (1).....	118
Tabela 67 Aspectos de alternância semântica e pragmática: “狠 (hěnlǚ)” (2).....	119
Tabela 68 Aspectos de alternância semântica e pragmática: “狠 (hěnlǚ)” (3).....	120
Tabela 69 Pronomes pessoais “咱們 (zánmen)” e “我們 (wǒmen)” (1).....	121
Tabela 70 Pronomes pessoais “咱們 (zánmen)” e “我們 (wǒmen)” (2).....	121
Tabela 71 Formulações contrárias .....	123
Tabela 72 Modulações .....	125
Tabela 73 Informações diferentes no âmbito da tradução (1).....	126
Tabela 74 Informações diferentes no âmbito da tradução (2).....	129



# INTRODUÇÃO

As obras metalinguísticas em português para a descrição do chinês, dos séculos XVI a XIX, reconhecidamente pioneiras, encontram-se em muitos casos por conhecer, por editar e por estudar, em especial devido ao facto de, até ao século XXI, terem sido muito poucos os investigadores bilingues conhecedores da história de ambas as línguas e habilitados para o estudo e edição de manuscritos e de obras impressas antigas. No contexto do Mestrado em *Estudos Interculturais Português-Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial*, tive a oportunidade de aprofundar os meus conhecimentos de *História da Língua Portuguesa* adquiridos no âmbito da Licenciatura em *Línguas e Literaturas Europeias*, nomeadamente na Unidade Curricular de *Linguística Portuguesa 5*, sob a orientação da Professora Anabela Leal de Barros. Com a motivação e inspiração da minha orientadora, e ao longo da leitura e exploração das obras linguísticas missionárias, nomeadamente da obra tripartida — lexicográfica e gramatical — para o ensino aprendizagem da língua chinesa da autoria do padre lazarista português Joaquim Afonso Gonçalves, foi-se-me tornando evidente e premente a necessidade de aprofundar estudos contrastivos e textuais dessa obra, sabendo que ainda é muito escassa, e recente, a investigação linguística neste âmbito e que persiste o imperativo de identificar e sistematizar numerosos aspetos a aprofundar nesta obra, para futuros estudos.

Para isso, e sob conselho da minha orientadora, proponho-me fazer o recenseamento e posterior análise e categorização das formulações alternativas, abundantes na obra do padre Gonçalves. Focar-me-ei na análise comparativa dos exemplos alternativos em português e chinês encontrados na trilogia composta pelos dois dicionários e gramática, num total de quase três mil páginas, e sobretudo no compêndio gramatical e didático *Arte China* (Gonçalves, 1829), sem esquecer o manuscrito atribuído ao mesmo autor, primeiramente editado em lição semidiplomática (Barros & Ng, 2014) e mais tarde também em lição interpretativa, para mais fácil aproveitamento didático (Barros & Ng, 2017). Esta obra oferece numerosos pontos de contacto com a *Arte China*, mas também ampla variação, já que o autor ensaiou diferentes formas de fazer equivaler as duas línguas, ou foi emendando e aperfeiçoando as suas formulações, até ao momento da publicação da *Arte China*, e certamente também depois disso. Tendo observado essa variação, Anabela Leal de Barros publica o manuscrito inédito da Biblioteca Nacional de Portugal como edição crítica, apresentando em rodapé todos os aspetos divergentes entre o texto do mesmo e o da *Arte China*, no que respeita ao português, e referindo-se ainda, com a colaboração de Ana Ng Cen, a aspetos pontuais do chinês. Na lição

semidiplomática contemplaram-se amplamente a variação e mudança fonéticas (Barros e Ng, 2014), enquanto na interpretativa, com ortografia atualizada, se mantiveram apenas os casos de variação morfológica, morfossintática, sintática, lexical, semântica, pragmática e do âmbito da tradução e do conteúdo (Barros e Ng, 2017).

No âmbito desta dissertação, e com base na leitura e análise da obra do Padre Joaquim Gonçalves, proceder-se-á ao recenseamento de formulações alternativas que o próprio autor e professor entendeu disponibilizar aos leitores (que seriam, antes de mais, os seus estudantes), quer assinalando-as graficamente como alternativas em cada texto específico, quer colocando no sintagma (ou verticalmente, já que na *Arte China* e na *Gramática e Diálogos* o texto em português surge à esquerda, lado a lado com o equivalente em chinês, à direita), várias possibilidades de resposta (nos diálogos), quer apresentando diferentes equivalentes catalogados como *Língua Vulgar* ou *Língua Sublime*, numa abordagem pioneira no século XIX, logo seguida por outros sinólogos europeus, numa altura em que o ensino aprendizagem se centrava quase totalmente na escrita, no registo culto ou corrente mas escrito, literário, centrado na tradução dos clássicos.

Ao introduzir o diálogo, o registo vulgar e coloquial, ou informal, no seu método de ensino, Joaquim Gonçalves preocupa-se em apresentar várias formulações da mesma resposta e também respostas moduladas, contrárias, ou com alternativas no âmbito do conteúdo. Por outro lado, oferecem-se também ao estudo formulações não intencionalmente dadas a conhecer pelo autor, por se acharem em obras diversas, nomeadamente o manuscrito da Biblioteca Nacional de Portugal, acima referido, e a *Arte China*. Dando continuidade ao trabalho filológico de Anabela Barros, que na referida edição crítica do primeiro dá conta de toda essa variação, categorizando alguma na Introdução (Barros & Ng, 2014; 2017), proceder-se-á nesta dissertação ao aprofundamento de todo o material alternativo tendo em atenção o estudo contrastivo do chinês e do português, para uma descrição e conhecimento mais amplos dessas línguas no período oitocentista. Na sequência do recenseamento e listagem de todas as formulações alternativas, da ordem das muitas centenas, proceder-se-á à sua arrumação em diversas categorias (implicando variação gráfica e fonética; morfofonológica; lexical; morfológica e morfossintática; sintática; semântica; pragmática e/ou de registo; do âmbito da tradução e do conteúdo, quando se adivinha sobretudo uma intenção de mudança do que se pretendia significar ou transmitir, inclusivamente com formulações de sentido oposto).

Pretende-se, em geral, efetuar uma análise textual e comparativa das formulações recolhidas tendo em consideração, antes de mais, a variação diastrática e diafásica intencionalmente introduzida pelo Padre e Professor de Chinês, mas também alguma variação

diatópica e ainda a variação diacrónica mais relevante nas duas línguas até meados do século XIX, em contraste com a sua situação atual. Procurar-se-á fazer a prévia contextualização da linguística missionária na altura, através da leitura e análise de estudos académicos e de outras fontes praticamente desconhecidas, de forma a fornecer uma breve apresentação dos grandes sinólogos contemporâneos. A encerrar este trabalho procurar-se-á disponibilizar a inventariação completa das formulações alternativas ocorridas na obra do padre Gonçalves, visando facilitar e incentivar futuros estudos sobre esta obra pioneira do maior sinólogo português, que desde o início teve enorme importância para o desenvolvimento da sinologia europeia e é ainda uma importante referência intercultural para os dois países, Portugal e a China.



# 1. BIOGRAFIA E BIBLIOGRAFIA DO PADRE JOAQUIM GONÇALVES E INTRODUÇÃO À LINGUÍSTICA MISSIONÁRIA

Pretende-se fazer neste capítulo uma breve apresentação dos estudos biográficos e bibliográficos existentes sobre Joaquim Afonso Gonçalves, tanto da perspetiva ocidental como da oriental, visto que os estudos sobre esta grande figura da sinologia portuguesa têm surgido depois de um longo período de esquecimento, tanto nos dois países em destaque, a China e Portugal, como noutros países, nomeadamente os Estados Unidos da América e o Japão. Procura-se também apresentar uma breve contextualização da linguística missionária no extremo oriente no século XIX – uma época de desenvolvimento relevante da sinologia ocidental com o surgimento de figuras como Joaquim Afonso Gonçalves (1781-1841<sup>1</sup>), Robert Morrison (1782-1834), Abel Rémusat (1788-1832), Thomas Wade (1818-1895), etc. Esta contextualização centrar-se-á nos métodos de ensino e aprendizagem das línguas locais e nas obras didáticas mais conhecidas de autoria de missionários ocidentais, procurando definir o contexto para a análise das obras didáticas do padre lazarista português Gonçalves.

## 1.1 Introdução do autor e da sua obra

Em termos gerais, os estudos relacionados com Joaquim Afonso Gonçalves efetuados por investigadores orientais, nomeadamente da China e do Japão, têm na sua maioria como fonte principal o texto biográfico sobre o padre lazarista português, da autoria do seu discípulo J. M. Callery<sup>2</sup> (1810-1862), publicado poucos anos após o falecimento do seu mestre, na forma característica de uma notícia fúnebre. Por exemplo, o estudo biográfico do Ye Nong (2010) sobre Joaquim Gonçalves recorre frequentemente ao estudo de Callery (1846), tal como o de Wang & Lu (2015: 185), que afirmam que a fonte biográfica e bibliográfica provavelmente mais direta e confiável sobre o padre vicentino é esta notícia biográfica da autoria do seu aprendiz Callery. Entretanto, no ocidente, nomeadamente em Portugal – o país de origem de Joaquim Gonçalves –, os estudos biográficos sobre esta figura de relevante importância são sobretudo baseados na

---

<sup>1</sup> Refere-se aos anos de nascimento e falecimento geralmente reconhecidos.

<sup>2</sup> A autora da presente dissertação não conseguiu aceder à versão original de “Notice Biographique sur le pere J. A. Gonçalves” em francês, tanto pela indisponibilidade do documento como pela barreira linguística. Por este motivo, as citações desse documento reportam-se sempre à versão traduzida para inglês, publicada em *The Chinese Repository*, vol. 15, n.º 2: 69-80, tal como acontece na maior parte dos estudos sobre o autor recentemente efetuados na China.



fonte biográfica primária de Inocêncio da Silva (1860), como é o caso dos estudos de Aresta (2000: 677-678), Joseph Levi (2007: 211-213), Anabela Barros (2014: 104-108) e Ana Ng Cen (2015: 3). Portanto, é de interesse comparar estas fontes biográficas produzidas em lapsos temporais distintos aquando da apresentação da biografia do padre Joaquim Gonçalves.

### 1.1.1 Breve apresentação do padre Joaquim Gonçalves

Os dados biográficos abaixo citados são principalmente oriundos de três fontes primárias: a *Notice Biographique sur le pere J. A. Gonçalves, comprising an account of his life with notices of his various sinological productions. By J. M. Callery* (Callery, 1846), o *Diccionario Bibliographico Portuguez. Estudos de Innocencio Francisco da Silva Applicaveis a Portugal e ao Brasil* (Silva, 1860) de Inocêncio Francisco da Silva (1810-1876) e *Macau e a Sua Diocese* (1956-1976), de Manuel Teixeira (1912-2003). Estas três fontes biográficas sobre o sinólogo português Joaquim Gonçalves representam três perspetivas distintas, nomeadamente de um discípulo do próprio padre lazarista português, de um estudioso bibliográfico português seu contemporâneo e de um padre historiador conterrâneo de J. A. Gonçalves que passou a maior parte da sua vida em Macau, tendo focado o seu estudo na história desta diocese<sup>3</sup>.

Joaquim Afonso Gonçalves nasceu a 23 de março de 1781 segundo Silva (1860: 438) e Teixeira (1961: 717), porém o ano de nascimento mencionado por Callery (1846: 69) é 1780, distinto da maior parte doutras fontes biográficas citadas, como Aresta (2000: 677) e Ye (2010: 57), com exceção das informações em *The Encyclopaedia Sinica* (Couling, 1973: 208), a qual seguiu fielmente esta notícia publicada por Callery<sup>4</sup>. Gonçalves era natural do Tojal, no concelho de Cerva, província de Trás-os-Montes (Silva, 1860: 57), e foi batizado na igreja de S. João de Limões do arcebispado de Braga (*idem*, 439). Segundo Callery (1846: 69), Joaquim Gonçalves nasceu e foi criado no seio de uma família agrícola pobre, mas piedosa, na qual

---

<sup>3</sup> Manuel Teixeira (1912-2003) nasceu a 15 de abril de 1912 na província de Trás-os-Montes. Aos 12 anos, Teixeira concluiu o curso primário e partiu para o oriente. Chegou a 27 de outubro do mesmo ano a Macau e entrou no Seminário de S. José. Recebeu a Ordem Sacerdotal na Igreja do Seminário de São José em 1934 e tornou-se no mesmo ano pároco de São Lourenço, cargo que desempenhou até 1946. Aos 22 anos, iniciou o trabalho de edição do *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*. Foi professor do Colégio de São José entre 1962 e 1965. Monsenhor Manuel Teixeira foi membro da Associação Internacional de Historiadores da Ásia, da Academia Portuguesa de História e da Academia Portuguesa da Marinha, sócio correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa, sócio da Sociedade Científica Católica Portuguesa, vogal do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, vogal do Conselho e Doutor *Honoris Causa* da Universidade da Ásia Oriental. Em 2001, regressou à sua pátria, Portugal, onde faleceu num lar de terceira idade a 15 de setembro de 2003. (Traduzido e adaptado do Catálogo da Bibliografia de Monsenhor Manuel Teixeira Colecionada pela Biblioteca Central de Macau, disponível em <http://www.library.gov.mo/ManuelTC/ct1.htm>, consultado a 11 de janeiro de 2018).

<sup>4</sup> Couling (1973) seguiu de forma fiel as datas biográficas apresentadas por J. M. Callery, no que diz respeito ao ano de nascimento, à data de chegada a Macau e à data de falecimento do padre Joaquim Gonçalves, nas poucas informações biográficas que se encontram publicadas em *The Encyclopaedia Sinica*, sendo todas estas notavelmente distintas das presentes noutras fontes biográficas.

desde pequeno recebeu o legado religioso do cristianismo, que mais tarde teve influência na sua decisão de se juntar à igreja católica e de se tornar um padre lazarista, achando-se a província de Trás-os-Montes maioritariamente dirigida pelos lazaristas ou vicentinos.

Segundo o dicionário bibliográfico de Inocêncio da Silva (Silva, 1860: 439), a 17 de maio de 1799, Gonçalves entrou na congregação de S. Vicente de Paulo. Teixeira (1961: 717) precisa que, nessa data, Gonçalves entrou no Seminário de Rilhafoles, em Lisboa, só havendo tomado os votos como padre lazarista dois anos mais tarde, a 18 de maio de 1801. Em 1812, o padre transmontano partiu de Lisboa para Macau (Silva, 1860: 439) no barco do estado, o *Magnanimo* (Callery, 1846: 69), destinado à missionaçãõ de Pequim (Teixeira, 1961: 717). Callery relata ainda que esta decisão de se dedicar à evangelizaçãõ no outro extremo do mundo – neste caso a China, um país confiado aos lazaristas –, teve origem na sua resoluçãõ de viver num país mais tranquilo, visto que na altura Portugal estava envolvido em assuntos bélicos, a fim de “saborear a doçura da vida religiosa que adotou”<sup>5</sup> (Callery, 1846: 69).

No que respeita à data de chegada à China do padre lazarista português Joaquim Gonçalves, há sobretudo dois registos: Callery defende que, seguindo os procedimentos da época, portugueses ou de qualquer país cuja navegaçãõ se encontrava limitada no século XIX, o seu mestre português, a bordo do *Magnanimo*, depois de ter embarcado em Lisboa, passou por vários portos, Brasil, Índia e Filipinas, e só chegou a Macau a 28 de junho de 1814 (Callery, 1846: 70). No entanto, segundo Brandt (1936: 25) e Teixeira (1961: 717), o padre lazarista português terá chegado a Macau a 28 de junho de 1813. Devido à conjuntura política na corte imperial, foi impedido de prosseguir com o seu plano de missionaçãõ em Pequim (Aresta, 2000: 677), portanto, tal como a maior parte dos lazaristas que residiam em Macau, durante a tempestade contra o cristianismo em Pequim, e enquanto esperavam regressar à corte como colaboradores de Matemática no projeto de regulaçãõ do calendário para a capital celestial, começou por aprofundar os seus estudos de Matemática e Astronomia, tendo mais tarde começado a abordar o estudo do chinês em Macau, iniciando pelo estudo da variedade do chinês do Norte, ou seja, o mandarim, e mais tarde enveredando também pelo estudo da língua do local de residênciã, a fim de conquistar uma audiênciã mais ampla na sua missãõ de evangelizaçãõ (Callery, 1846: 70).

Sendo docente do Colégio de São José de Macau, Joaquim Gonçalves passou os seus últimos trinta anos nessa terra de ligaçãõ sino-portuguesa (Silva, 1860: 57), dedicando-se de

---

<sup>5</sup> Traduçãõ da autora. Texto original: “...Gonçalves resolved to go into some country, more tranquil, to taste the sweets of the religious life which he had embraced (Callery, 1849: 69).

forma extraordinária ao estudo da língua chinesa, mais concretamente à variante característica do Norte da China – o mandarim – e à que se falava e fala no Sul da China — neste caso o “*Canton Dialect*” de Macau, o cantonês (Callery, 1846: 70). Para além do seu entusiasmo pela sinologia, tanto no estudo como no ensino durante a sua permanência em Macau, o padre vicentino lecionou ainda Inglês e Música (Teixeira, 1961: 717). Teixeira cita o testemunho de um lazarista francês, João Gabriel Perboyre (1802-1840), discípulo do P.<sup>e</sup> Joaquim Gonçalves desde 1835, e posteriormente mártir e Beato, que comprova que era com esse mestre português que os missionários europeus aprendiam o chinês (718).

Segundo se lê nas *Memoires de la Congrégation de la Mission*, citadas por Teixeira, para além do seu reconhecido talento em música e composição, teologia e matemática, o P.<sup>e</sup> Gonçalves demonstra também conhecimento profundo das línguas europeias (718). Referir-se-ia pelo menos ao inglês, ao espanhol, ao italiano e ao francês, pois, conforme relata Callery, uma das atividades do padre durante os últimos anos era oferecer cursos gratuitos de línguas europeias aos jovens de Macau (1846: 77). Durante os seus 28 anos em Macau, o sinólogo português publicou uma grande quantidade de obras pioneiras e admiráveis. Inocêncio de Silva (1860: 57) apresenta a seguinte lista de publicações da autoria do seu contemporâneo:

1409) *Grammatica latina, ad usum sinensium juvenum*. Macau, in Collegio St. Joseph Typis mandata 1828. 12.º – Diz Brunet, que este pequeno volume, não valendo alias 12 francos, fôra pago por 50 na venda da livraria de Klaproth.

1410) *Arte china, constante de alphabeto e grammatica, comprehendendo modelos das diferentes composições*. Ibi, no mesmo Collegio 1829. 4.º de VIII-502-45 pag.

1411) *Diccionario portuguez-china, no estylo vulgar mandarin, e classico geral*. Ibi, no mesmo Collegio 1831. 4.º – Foi, conforme Brunet, vendido por 60 francos um exemplar da referida livraria.

1412) *Diccionario china-portuguez, no estilo vulgar mandarin e classico geral*. Ibi, 1833. 4.º – Tambem d’este se vendeu um exemplar por 66 francos, na mesma occasião.

1413) *Vocabularium latino-sinicum, pronuntiatione mandarina latini litteras*. Ibi, 1837.

1414) *Lexicon manuale latino-sinicum, continens omnia vocabula utilia et primitiva etiam scriptae sacrae*. Ibi, 1839.

1415) *Lexicon magnum latino-sinicum, ostendens etymologiam, prosodiam, et constructionem vocabulorum*. Ibi, 1841.

1416) *Versão do Novo Testamento em lingua china*. – Inedita.

1417) *Diccionario sinico-latino*. – Tambem inedito.

Teixeira fornece também uma lista parecida das obras de Gonçalves impressas no Seminário-Colégio de São José (Teixeira, 1961: 718):

Grammatica latina, ad usum sinensium juvenum, 1828; 12.º

Arte China, constando de alfabeto e gramatica, comprehendendo modelos de diferentes composições, 1829; 4.º de VIII-502-45 pág.

Diccionario portuguez-china, no estylo vulgar mandarim, e classico geral, 1831; 4.º

Diccionario china-portuguez, no estylo vulgar mandarim, e classico geral, 1833; 4.º

Vocabularium latino-sinicum pronuntiatione mandarina, litteris latinis expressa, 1837;

Lexicon manuale latino-sinicum continens omnia vocabula utilia et primitiva etiam scriptae sacra, 1839;

Lexicon Magnum latino-sinicum, ostendens etymologiam, prosodiam et constructionem vocabulorum, 1841;

Deixou por sua morte inéditas:

Versão do Novo Testamento em língua sínica<sup>6</sup>;

Diccionario sínico-latinum.

A estas listas podemos acrescentar pelo menos mais duas contribuições do próprio padre: um caderno manuscrito<sup>7</sup> do autor editado por Anabela Leal de Barros, com a colaboração de Ana Ng Cen para a fixação do chinês e o esclarecimento de aspetos relativos a esta língua (Barros, 2014: 106), e uma tradução da “Relação da jornada de Antonio China de Macau a Hoi-Chou e outras cidades de Nan-kim a buscar semente e plantas de Chá, em 1835-1836” (Teixeira, 1967: 556). De acordo com Teixeira, esta última foi uma obra escrita pelo mesmo viajante, e traduzida e anotada pelo P.º J. A. Gonçalves. Em termos específicos, segundo este historiador, “este manuscrito, que se conservava no Seminário de S. José, começou a ser publicado em *O Macaense*, Nº 24, de 28-9-1882; mas só apareceu o primeiro artigo”<sup>8</sup>.

Para além da trilogia *Arte China, Diccionario Portuguez-China e Diccionario China-Portuguez*, amplamente apreciada por vários sinólogos, cujos testemunhos serão abaixo analisados como homenagem ao trabalho exímio do padre, o seu contributo ao relacionar a

---

<sup>6</sup> Segundo Callery (1846: 74), esta tradução não se deve ao mérito do seu mestre por ser uma peça proposta ao padre Gonçalves para impressão, de acordo com o seu testemunho próprio.

<sup>7</sup> Códice 7975 da Biblioteca Nacional de Portugal.

<sup>8</sup> Este manuscrito não foi incluído juntamente com o resto das informações detalhadas sobre o padre Joaquim Gonçalves na narração de Teixeira provavelmente por ter sido descoberto posteriormente à impressão do volume III, em 1961. Repare-se também que na página 556 de *Macau e a Sua Diocese VII Padres da Diocese de Macau*, consta uma gralha no nome do padre Gonçalves; na entrada desta página lê-se “P. Joaquim António Gonçalves”, porém, considerando as obras a seguir associadas, como a *Arte China*, deve-se considerar o engano do nome um simples erro de tipografia.

língua latina com a língua sínica também teve muita influência nos estudos posteriores, a qual se comprova na reedição pela sexta vez do seu *Lexicon Magnum latino-sinicum*, “sem acréscimos nem mudanças”, feita em 1936 em Pequim, por lazaristas franceses, com base na última edição da mesma obra datada de 1922, isto por servir de instrumento de trabalho indispensável no que dizia respeito às necessidades dos alunos, cada vez mais numerosos, sendo evidente a grande falta de bibliografia até ao século XX (Teixeira, 1961: 721).

Gonçalves passou a maior parte da sua estadia no extremo oriente em Macau, com a exceção do período em que teve de se deslocar dessa terra por causa de ter tido “um acérrimo adversário no bispo de Macau, D. Frei Francisco de N. Sra. da Luz Chacim, O. F. M. (1804-1828)”, como consequência do movimento liberal que rebentou em 1822 (Teixeira, 1976: 345). Por este motivo, depois de quatro padres terem sido presos, em outubro de 1823, o padre Joaquim Afonso Gonçalves, juntamente com o missionário Luís Álvaro Gonzaga, fugiram para Manila, tendo regressado dois anos depois<sup>9</sup> (*idem*, 346). Em 3 de outubro de 1841<sup>10</sup>, este sinólogo português faleceu em Macau de febre maligna; tinha 61 anos e 14 dias de idade (Teixeira, 1961: 719).

### 1.1.2 A trilogia *Arte China*, *Diccionario Portuguez-China* e *Diccionario China-Portuguez*

De entre os vários volumes de generosas dimensões do padre lazarista Joaquim Afonso Gonçalves, aquele que tem recebido maior atenção é o seu compêndio pedagógico de estudo do chinês mandarim – *Arte China*. Nesta secção serão abordados alguns estudos temáticos de forma a apresentar uma visão abrangente da sua estrutura interna e da sua valorização e os posteriores aproveitamentos.

O próprio autor, padre Joaquim Gonçalves, no prólogo, declara que o seu método de estudar o chinês se divide em três partes interdependentes – a *Arte*, o *Diccionario China-Portuguez* e o *Portuguez-China* — para não engrossar os volumes, ou seja qualquer iniciante aprendiz da língua chinesa que pretenda seguir os meios de aprendizagem fornecidos pelo mestre lazarista só consegue alcançar o seu objetivo com a posse de todas estas obras (Gonçalves, 1829: I). O constituinte fundamental desta trilogia, a *Arte China*, é composto por

---

<sup>9</sup> Teixeira não apresenta de forma direta a data de regresso dos dois padres Gonçalves e Gonzaga a Macau, escrevendo apenas que “... e os dois outros voltaram ao colégio, o qual com a volta deles, e com a chegada de mais alguns padres novos de Portugal, continuou a funcionar, mas já não com tanta regularidade como dantes”; através da nota (5) em rodapé, vê-se que os novos padres aqui referidos chegaram a Macau a 25 de outubro de 1825, portanto, supõe-se que terá sido por volta dessa altura que regressaram os dois padres lazaristas a Macau.

<sup>10</sup> Segundo Callery (1846: 78), foi em 1844, porém, considerando a fonte primária, neste caso a lápide sepulcral do próprio padre e outras fontes biográficas, foi em 1841 que faleceu o padre Joaquim Gonçalves.

oito capítulos principais: *Alphabeto China*; *Frases vulgares e sublimes*; *Grammatica*; *Syntaxe*; *Dialogos*; *Proverbios*; *Historia, e Fabula*; *Composições Chinas*, mais um apêndice intitulado *Arte China sem letras Chinas* na parte final do tomo. De entre os vários méritos deste compêndio didático, destacam-se pelo menos os seguintes aspetos originais, de acordo com o testemunho do próprio padre: diminuição das “letras chinas” aos seus constituintes; exclusão dos géneros inúteis; organização das letras de igual número de rasgos de ordem alfabética; proposta de um conjunto de regras para facilitar a identificação do género através da letra (nas palavras do autor, e com grafia atualizada, “dar regras para, à vista da letra, conhecer qual é o seu género”) e ordenação de um Dicionário de acordo com estas regras propostas (*idem, ibidem*).

Em relação à inovação relativa ao alfabeto chinês nesta obra gramatical, embora tenham sido reduzidos para 124 os 214 radicais que ordinariamente constam noutros dicionários contemporâneos, segundo as palavras de Abel Rémusat citadas por monsenhor Teixeira (1961: 719), esta diminuição, na opinião do discípulo italiano-francês, J. M. Callery, mantinha-se tão difícil e desagradável ao longo dos estudos que nenhum dos estudantes do padre Joaquim Gonçalves conseguiu prosseguir com exatidão até ao fim (1846: 71-2), pois mesmo para o próprio autor Joaquim Gonçalves, este alfabeto precisava de ser aperfeiçoado com o tempo (Gonçalves, 1829: II). Apesar das críticas, esse mesmo foi o adotado por Callery, de forma quase integral, em *Catalogus litterarum fundamentalium scripturae sinicae*, publicado no primeiro volume do seu *Systema phoneticum* (Callery, 1846: 71). Portanto, pode-se considerar esta primeira renovação do padre um trabalho fundamental, que contribuiu para o desenvolvimento e melhoria do estudo dos sinogramas, isto é, os caracteres chineses, ou as designadas *letras* na *Arte China*, numa perspetiva comparativista linguística, dividindo-os nos seus elementos básicos.

Através da comparação do códice 7975 da Biblioteca Nacional de Portugal com a *Arte China*, é possível notar que os capítulos II-VI desta versão impressa tinham como ponto de partida o conteúdo que consta neste manuscrito do próprio autor, embora tenha sido realizada uma série de adições e melhoramentos tanto nas frases exemplares como nas categorias gramaticais. Em relação aos exemplos fornecidos durante toda a obra didática, vê-se um destaque nas formulações alternativas bilingues, ou seja, o autor procura apresentar assim que possível as frases exemplares de forma comparativa nas duas línguas envolvidas e ao mesmo tempo dar a conhecer aos alunos a riqueza linguística, com as várias formas alternativas de exprimir um mesmo assunto. Nas palavras do próprio padre lazarista, conforme este defende no prólogo do terceiro capítulo, intitulado “Grammatica”, visto que é indispensável aos alunos

aprenderem os dois estilos de falar e escrever, o autor apresenta sempre cada exemplo nos dois estilos, tanto *vulgar* como *sublime* (Gonçalves, 1829: 127-8<sup>11</sup>).

O segundo capítulo consiste num conjunto de frases formuladas no registo sublime e no estilo vulgar categorizadas de acordo com o rasgo ou número de traços dos sinogramas em destaque, sendo uma forma complementar do leque de caracteres fornecido no capítulo anterior. De acordo com o autor, depois de ter estudado os primeiros dois capítulos, os alunos deverão, antes de passarem para a gramática, aprender primeiro a usar o *Diccionario China* (*idem, ibidem*). O terceiro capítulo aborda a gramática dos estilos vulgar e sublime dividindo o sistema gramatical da língua chinesa, estruturalmente distante das línguas ocidentais, procurando manter a estrutura interna particular do chinês (no que diz respeito à teoria de objetos abstratos e concretos<sup>12</sup>) e ao mesmo tempo introduzir as classes gramaticais geralmente aplicadas às línguas ocidentais de forma analógica para a descrição da língua sínica (Zhu, 2016: 30). O quarto capítulo oferece-nos uma análise sintática da língua chinesa, procurando apresentar, tanto quanto possível, exemplos nos dois registos: vulgar e sublime. Em resumo, os primeiros quatro capítulos destinam-se a facilitar a compreensão sistemática da língua chinesa numa perspetiva gramatical.

O quinto capítulo é provavelmente a essência desta obra pioneira do padre Joaquim Gonçalves, pois a maior parte das referências elogiosas relativamente ao método de ensino deste mestre português tem-se focado neste capítulo composto por quarenta e seis diálogos vivos. O padre procurou incluir na gramática todos os aspetos da língua chinesa mais avessos à língua portuguesa, e o mesmo apontou que era necessário para o exercício do estilo vulgar multiplicar os diálogos, pela falta de livros nessa dimensão da língua (Gonçalves, 1829: 127-8). Foi talvez por causa da escassez de recursos do género disponíveis que este quinto capítulo começou a ser valorizado, tendo recebido atenção especial desde a sua impressão. Song Ju afirma que foi encontrado “um folheto anónimo intitulado ‘语言问答<sup>13</sup>’, o qual, até ao momento, se conserva em apenas quatro bibliotecas a nível mundial: Biblioteca Nacional

---

<sup>11</sup> A página intitulada “GRAMMATICA PROLOGO” não se encontra numerada, mas localiza-se entre as páginas 127 e 128, o mesmo abaixo.

<sup>12</sup> Como citado em Zhu (2016: 30), Uchida considera que vários missionários se esforçam a descrever a gramática da língua chinesa de acordo com as necessidades reais, tentando aproximar-se à China e aos chineses em vez de seguir unicamente o método ocidental, que se revela na aceitação de conceitos como a divisão das palavras em “实词 (shící) (palavra de conteúdo/conceito concreto)” e “虚词 (xūcí) (palavra funcional/de conceito abstrato)”. Porém, Zhu, embora concorde com Uchida, defende que a maior parte dos missionários ocidentais, para além da aceitação dos conceitos tradicionalmente aplicados ao chinês, introduz vários conceitos morfológicos que não eram considerados para a língua chinesa, como as categorias gramaticais de “substantivo, possessivo, verbo, adjetivo, numeral, classificador, etc.”, em conjunto com os tempos e modos verbais, e comenta que tais tentativas criam um método de análise gramatical totalmente novo para o chinês.

<sup>13</sup> 《语言问答》, (*Yǔyán wèndá*), “Diálogos” (Tradução da autora).

Central de Roma, Biblioteca da Universidade de Leuven, Biblioteca de Xangai e Biblioteca da Universidade de Fudan (Song, 2010: 11); esta brochura de conversação em chinês resulta de um grande aproveitamento da *Arte China* do padre Gonçalves (Zhu, 2016: 29). Embora estudos profundos ainda não tenham sido realizados relativamente à origem deste folheto anónimo, é possível imaginar que tanto o estilo de elaboração como o próprio conteúdo deste capítulo V da *Arte China* possam ter sido amplamente aproveitados em vários compêndios didáticos do chinês posteriormente publicados ou usados nos colégios missionários em toda a China, sobretudo para o ensino da compreensão oral da língua chinesa.

O sexto capítulo apresenta uma inventariação rica de provérbios chineses com traduções para o português, sempre com as duas línguas e ideologias envolvidas em contraste. O sétimo capítulo apresenta histórias e fábulas clássicas chinesas, oferecendo ao mesmo tempo traduções próprias<sup>14</sup> para a língua portuguesa. O último capítulo pretende habilitar para práticas de composição em vários registos na língua chinesa, abordando um conjunto de regras de retórica, poesia, formulário de cartas, entre outros. De forma geral, os últimos quatro capítulos da *Arte China* revestem-se de maior importância pragmática, procurando oferecer meios mais abrangentes tanto no estilo vulgar como no sublime, tanto na fala como na escrita, para que os possíveis usuários deste livro didático possam dominar a língua chinesa de forma mais ampla.

Sendo uma das escassas obras didáticas da língua chinesa no século XIX, a *Arte China* tem sido elogiada por vários sinólogos pela sua complexidade e abrangência. Liu (2009: 152) apresenta no seu estudo comparativo entre a *Arte China* do J. A. Gonçalves e a gramática da língua chinesa do sinólogo russo N. J. Bichurin (1777-1853) o seguinte aval que esta grande figura da sinologia russa dá no prólogo da sua obra ao missionário português: “de entre as várias obras gramaticais de autores europeus impressas até ao momento, considera-se que a *Arte China* de Joaquim Gonçalves é uma obra gramatical da língua chinesa de completa sistematicidade”<sup>15</sup>. Teixeira menciona na sua descrição do padre Joaquim Gonçalves as palavras proemiais do sinólogo francês M. Abel Rémusat sobre a grande obra do ensino da língua chinesa, *Arte China*, da autoria do missionário lazarista português Joaquim Gonçalves:

---

<sup>14</sup> Apesar de não ter encontrado estudos acerca da autoria das traduções para o português, de acordo com a orientadora da presente dissertação, ao longo do texto de Gonçalves podem observar-se alguns traços trasmontanos, que comprovam a originalidade das traduções oferecidas.

<sup>15</sup> Tradução da autora. “歷數在歐洲人以往所出版的漢語語法書後，認為江沙維的《漢字文法》是一部體系完備的漢語語法書。(Lishù zài ōuzhōu rén yǐwǎng suǒ chūbǎn de hànyǔ yǔfǎ shūhòu, rènwéi jiāng shā wéi de “hànzì wénfǎ” shì yí bù tǐxì wánbèi de hànyǔ yǔfǎ shū)”



...mas a “Arte China”, não se reduz apenas a um simples manual de etimologia. Aí se encontram exemplos de história e de mitologia, modelos de peças oficiais, de estilo epistolar e de escrita cursiva, frases selectas em estilo mandarim e cantonense ... seria injustiça não reconhecer a obra dum literato tão versado na sua arte. Baste o seu primeiro volume para lhe assegurar um lugar distinto entre Varo e Prémare e os doutores Marshman e Morrison. (Rémusat 1831, *apud* Teixeira 1956-61: 719)

Joseph Abraham Levi, no seu artigo intitulado “Padre Joaquim Afonso Gonçalves (1781-1834) and the Arte China (1829): an innovative linguistic approach to teaching chinese grammar”, defende firmemente o carácter inovador da obra portuguesa, afirmando o seguinte na conclusão do seu estudo:

O Padre Joaquim Afonso Gonçalves pode, então, ser considerado como um verdadeiro predecessor do conceito moderno da Aquisição de uma Língua Segunda, uma metodologia que eventualmente se expandiria na última parte do século XIX e floresceria durante todo o século XX, particularmente após a Segunda Guerra Mundial.<sup>16</sup> (Levi 2007: 19)

Barros (2014: 107) cita na sua pesquisa o testemunho laudatório do sinólogo britânico Thomas Francis Wade (1818-1895) em relação a esta obra didáctica do padre lazarista português, considerando-a a melhor em comparação com outros recursos contemporâneos e exprimindo de forma direta o seu desejo de criar um manual de estudantes do mesmo estilo da *Arte China*.

Em suma, a obra tripartida do padre lazarista português Joaquim Afonso Gonçalves apresenta não apenas uma série de inovações no que diz respeito à ordenação e inventariação dos caracteres chineses, mas também um método inovador no âmbito do ensino e aprendizagem da língua chinesa. Esta inovação traduz-se principalmente na exposição de recursos bilingues ricos tanto no registo vulgar como no sublime, tanto na oralidade como na composição escrita, método que, mesmo no contexto didático atual, continua na vanguarda, sobretudo no que diz respeito ao ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. Além disso, esta trilogia tem sido premiada por várias figuras de grande importância na sinologia mundial por apresentar um sistema integral de aprendizagem da língua chinesa e pelo seu contributo para possíveis estudos comparativos entre as duas línguas envolvidas, o chinês e o português.

---

<sup>16</sup> Tradução da autora do original: “Padre Joaquim Afonso Gonçalves, then, can be considered as a true precursor of modern Second Language Acquisition, a methodology that will eventually expand in the latter part of the XIX century and flourish during the entire XX century, particularly after World War II”.

## 1.2 Breve contextualização da linguística missionária no extremo-orientes no século XIX

Nesta secção procura-se apresentar uma visão dos hábitos didáticos no âmbito do ensino-aprendizagem das línguas locais por parte dos missionários europeus que estiveram na China durante o século XIX, especialmente no que toca às obras gramaticais das principais figuras e às suas características pedagógicas. Uchida (2012b: 292) defende que os missionários europeus que estiveram na China desde o século XVI assumiram um papel fundamental na “disseminação da cultura ocidental para o extremo oriente”<sup>17</sup>. De forma paralela, a sinologia desenvolvida por estes evangelizadores possui características distintas dos estudos locais por representarem um ponto de vista ocidental na descrição da língua e cultura chinesa, destacando-se especialmente os ensaios gramaticais que apreciam os vários dialetos locais e valorizam tantos os registos coloquiais como os clássicos.

Apesar do valor inimaginável dos estudos gramaticais missionários sobre a língua chinesa, estes não têm sido investigados da forma que mereciam. Segundo afirma Uchida, o valor dos estudos gramaticais missionários tem sido apreciado pelas referências metalinguísticas para promover a investigação diacrónica dos vários dialetos chineses. No entanto, relativamente à gramática missionária e à história desses estudos gramaticais, ainda se carece de estudos sistemáticos, e os poucos trabalhos existentes cingem-se quase completamente aos missionários protestantes. Perante este esquecimento, valia a pena efetuar estudos rigorosos destas obras de excelência, e sobretudo dos padres católicos pioneiros que fundaram o domínio da sinologia missionária, servindo como orientação fundamental para os estudos posteriores (Uchida, 2004: 259-60).

Sendo fruto destas observações de tanta complexidade e variedade, os estudos missionários da língua chinesa, sobretudo as obras gramaticais de características pedagógicas destinadas aos aprendentes ocidentais, tornam-se uma referência de importância substancial e têm vindo a preencher as lacunas da linguística chinesa local, carente de sistematização durante quase toda a sua extensa história, isto porque não existia na China nenhum estudo gramatical de carácter sistemático antes da publicação da *Gramática do Ma* em 1900, existiam apenas estudos convencionais caracterizados pela teoria de palavras de conteúdo e palavras funcionais<sup>18</sup>,

---

<sup>17</sup> Tradução da autora do original: “16 世纪以后的所谓“西学东渐”大潮流的主要旗手是来华传教士。(16 Shiji yǐhòu de suǒwèi “xīxué dōng jiān” dà cháoliú de zhǔyào qíshǒu shì lái huá chuánjiàoshì.)”

<sup>18</sup> Palavras de conteúdo (também conhecidas como palavras cheias ou palavras lexicais) referem-se a “實詞 (shící)” e palavras funcionais (também conhecidas como palavras vazias, palavras vinculadas à forma ou palavras gramaticais) a “虛詞 (xūcí)” (designações portuguesas cf. Hogetop, 2017: 22).

no âmbito da Semântica Histórica Chinesa, cuja descrição ou utilização se limitava a algumas palavras muito específicas<sup>19</sup> (Uchida, 2004: 258). Assim, procura-se dar a conhecer os hábitos missionários no âmbito do ensino das línguas locais, sendo também do principal interesse desta secção a apresentação de uma breve contextualização, ou mais especificamente, uma comparação entre o método tripartido de ensino-aprendizagem da língua chinesa da autoria do padre lazarista português Joaquim Gonçalves e algumas obras didáticas de influência capital elaboradas igualmente por missionários ocidentais da mesma época.

#### 1.2.1 Obras didáticas da língua chinesa para falantes de línguas maternas ocidentais

Antes do século XVIII, os estudos da língua chinesa eram efetuados principalmente pelos missionários católicos, no entanto, a partir do século XIX, os protestantes também começaram a dominar este palco de pesquisa (Uchida, 2012b: 295). Tendo em consideração os conflitos religiosos entre as diferentes doutrinas, não era surpreendente a existência de concorrência entre os diversos evangelizadores nas atividades de doutrinação. Como afirma Ivan Aleksandrovich Goncharov (1812-1891) na sua descrição acerca da cidade de Shanghai nos anos cinquenta do século XIX, os missionários católicos proibiam aos crentes a posse de recursos didáticos publicados por protestantes (*apud* Uchida 2012b: 297). Um discípulo do padre Joaquim Gonçalves também referiu que tinha encontrado uma vez um livro de Morrison coberto por uma camada de pó num canto discreto do quarto do seu mestre, mas que o seu professor lhe tinha asseverado que nunca aproveitaria nenhuma obra anteriormente publicada sobre o mesmo tema (Callery, 1846: 77).

Apesar da diversidade no que diz respeito às políticas linguísticas adotadas pelas várias companhias e da concorrência entre estas, as diversas ordens nunca conseguiram proibir de forma absoluta o aproveitamento mútuo dos progressos alcançados no domínio da sinologia. Independentemente da concorrência entre os vários dogmas, não faltam exemplos de respeito e aproveitamento mútuos nas publicações missionárias no âmbito do ensino e aprendizagem da língua chinesa. Uchida inventaria os seguintes exemplos dessa “referência” recíproca no campo da sinologia missionária:

---

<sup>19</sup> Tradução da autora. “在中國，《馬氏文通》以前沒有系統的漢語（語法）研究，只有以虛實論為主的個別詞的解釋或者用法的描寫，就是所謂‘訓詁學’。（Zài zhōngguó, ‘Mǎ Shì Wéntōng’ yǐqián méiyǒu xìtǒng de hànyǔ (yǔfǎ) yánjiū, zhīyǒu yī xūshí lùn wéi zhǔ de gèbié cí de jiěshì huòzhě yòngfǎ de miáoxiě, jiùshì suǒwèi ‘xùnhǔ xué’）”

... A primeira *Arte de la lengua Mandarin*<sup>20</sup> de Francisco Varo<sup>21</sup> impressa na China teve influência profunda noutras obras gramaticais posteriormente publicadas (como por exemplo, a *Linguae Sinarrum Mandarinicae hieroglyphicae Grammatica duplex*<sup>22</sup> de Fourmont é baseada nas obras de Varo e Prémare<sup>23</sup>). Francisco Varo é missionário da Ordem Dominicana, porém, esta obra sua foi mais tarde publicada pelo Colégio Chinês em Nápoles<sup>24</sup> como manual didático dos jesuítas, sob o novo título *Grammatica Lingvae Sinensis* (1835)<sup>25</sup>. Além disso, a *Brevis Confessions Instituendae* da Ordem Franciscana identifica-se com a confissão anexada na parte final da obra de Varo, entretanto, os dicionários elaborados por missionários dominicanos como por exemplo o *Vocabulario de letre China com la explication castellana*<sup>26</sup> de Francisco Diaz partilham o mesmo sistema de transcrição fonética com *A Help to Western Scholars*<sup>27</sup> de Nicolas Trigault. Com isso, entende-se que apesar da discordância relativamente à metodologia evangelizante entre a Companhia Jesuíta, a Ordem Dominicana e outras ordens católicas, i.e., o conflito em relação aos rituais, em termos académicos, estes aproveitam os sucessos alcançados de forma recíproca. (Uchida, 2012b: 295)

Estas partilhas de conhecimento e experiências alcançados entre os missionários de ordens religiosas diferentes não se restringem ao catolicismo. Por exemplo, apesar da garantia dada pelo Padre Gonçalves ao seu discípulo Callery em relação à sua resolução de não tirar proveito da obra do missionário presbiteriano Robert Morrison, Levi defende que este padre lazarista português reconheceu o contributo de Robert Morrison para a sinologia ocidental, afirmando que este missionário protestante britânico teve influência importante no que respeita aos seus conhecimentos geográficos, administrativos, religiosos, culturais e linguísticos da China (Levi, 2007: 214). É apenas um dos exemplos deste apreço académico o louvor que o sinólogo protestante britânico Thomas Wade fez à *Arte China* nas palavras preambulares dos seus manuais para o ensino do dialeto de Pequim – *The Hsin Ching Lu, or Book of Experiments; being the first of a series of contributions to the study of chinese*<sup>28</sup>. Nas publicações de várias grandes figuras da sinologia protestante também se verifica a inspiração e aproveitamento dos

---

<sup>20</sup> Francisco Varo (方濟國), *Arte de la lengua Mandarin* 《華語官話語法》(Canton), 1703.

<sup>21</sup> 1627-1687.

<sup>22</sup> Fourmont (傅爾蒙), *Linguae Sinarrum Mandarinicae hieroglyphicae Grammatica duplex* 《漢語文典》, 1742.

<sup>23</sup> Prémare (馬若瑟), *Notitia Linguae Sinicae* 《漢語劄記》, 1720, 1831 at Malacae by Morrison.

<sup>24</sup> Refere-se a “*il Collegio dei Cinesi di Napoli*”.

<sup>25</sup> De acordo com o autor, este livro, intitulado 《初學簡徑》, tem impressos na sua capa o título “*Grammatica Lingvae Sinensis*” e o nome dos autores (Varo e Gremona), juntamente com a sigla “IHS” (da Companhia de Jesus, ou dos Jesuítas).

<sup>26</sup> Francisco Diaz, *Vocabulario de letre China com la explication castellana* (《漢西辭典》(1646?)).

<sup>27</sup> Nicolas Trigault (金尼閣), *A Help to Western Scholars* 《西儒耳目資》, 1626.

<sup>28</sup> Thomas Francis Wade (威妥瑪), *The Hsin Ching Lu, or Book of Experiments; being the first of a series of contributions to the study of chinese* 《尋津錄》, Hong Kong, 1859.

trabalhos previamente publicados por missionários católicos. Por exemplo, Uchida (2012b: 297-8) mencionou que as obras do missionário protestante Robert Morrison contêm vários traços de referência a obras anteriores da autoria de missionários católicos: a definição de “adjetivo” na sua obra *A Grammar of Chinese Language*<sup>29</sup> (1815) revela grande similaridade com a adotada pelo padre dominicano Francisco Varo na sua obra *Arte de la lengua Mandarina* (1703), tal como se verifica na secção sobre os “qualificadores”, sendo essa parte basicamente desenvolvida a partir dos dois dicionários sínico-latino e latino-sínico do franciscano italiano Basilio Brollo (1648-1704).

Sobre os principais estudos gramaticais da língua chinesa oferecidos por missionários europeus desde o século XIX, Uchida apresenta a seguinte inventariação de ordem cronológica:

1. Joshua Marshman (馬士曼<sup>30</sup>), *Clavis Sinica (Elements of Chinese Grammaer)* (《中國言法》), 1814.
2. Robert Morrison (馬禮遜), *A Grammar of the Chinese language* (《通用漢言之法<sup>31</sup>》), 1815.
3. Abel Rémusat (雷慕莎), *Elemens de la Grammaire chinoise* (《漢文啟蒙》), 1822.
4. J. A. Gonçalves (公神甫), *Arte China* (《漢字文法》), 1829.
5. Stanislas Julien (儒蓮), *Exercices pratiques d' analyse, de syntaxe et de lexigraphie chinoise* (《漢語詞彙、句法及語篇分析的實用練習》), 1842.
- ...
6. T. F. Wade (威妥瑪), *A progressive course designed to assist the student of colloquial Chinese as spoken in the capital anda the metropolitan department* (《語言自邇集》), 1867 ... (Uchida, 2012b)

A lista completa abrange um total de 27 estudos linguísticos publicados por missionários ocidentais no século XIX. Perante a rica referência metalinguística incluída nesta lista de tributos missionários à sinologia, Uchida propõe um modo inovador de pesquisa intitulado “o método periférico” da Linguística Chinesa como uma área de estudos de interação cultural (Uchida, 2011b), com a finalidade de afirmar o valor elevado desses estudos como dados

---

<sup>29</sup> Robert Morrison (馬禮遜), *A Grammar of Chinese Language* 《通用漢語之法》, 1815.

<sup>30</sup> Refere-se aos nomes chineses dos respetivos autores ocidentais.

<sup>31</sup> Refere-se aos títulos das obras gramaticais.

metalinguísticos e referências interculturais para futura investigação no domínio do contacto cultural e da comunicação intercultural.

### 1.2.2 O ensino e aprendizagem das línguas locais

Uma grande parte dos missionários europeus, desde os primeiros jesuítas que começaram a explorar a terra oriental a partir do século XVI até aos protestantes que deram continuidade a esta aventura no século XX, os quais estiveram na China em missão de evangelização no extremo oriente, possuía amplo conhecimento linguístico e cultural graças aos cursos de línguas, retórica e poesia que os colégios religiosos costumavam fornecer aos futuros evangelizadores. Tanto o mestre lazarusista português Joaquim Gonçalves como o sinólogo russo Bichurin tiveram educação escolar religiosa de caráter sistemático, isto porque as escolas da igreja concentravam o ensino-aprendizagem clerical não apenas nos cursos de línguas, como é no caso do grego, do latim, do francês, etc., mas também nos estudos de gramática, poesia e música entre outras áreas científicas (Liu, 2009: 153). No entanto, tal como se refere na subsecção anterior, entre as várias ordens evangelizadoras existiam também estratégias linguísticas de características variadas. Portanto, estes missionários ocidentais eram já na sua maioria linguistas engenhosos antes de terem iniciado os estudos da língua chinesa através da descrição e investigação de traços linguísticos chineses, sobretudo no que toca à transcrição fonética da língua chinesa e aos estudos gramaticais desta língua.

De acordo com Takada (2010, *apud* Uchida 2012b: 294-5), as várias ordens católicas defendiam as suas próprias políticas linguísticas, entre as quais se destaca a promovida pela Companhia de Jesus, que se encontra numa posição distinta. Em termos concretos, os jesuítas, que tinham Macau como o seu centro de atividades religiosas, procuravam no quotidiano aproximar-se dos chineses e da cultura chinesa. Visto que o público-alvo da evangelização promovida pelos jesuítas eram sobretudo os intelectuais chineses, estes, portanto, davam prioridade ao estilo clássico da língua chinesa e à norma padrão da mesma; contudo, os missionários de outras companhias católicas, como é o caso da Ordem Dominicana ou da Ordem Franciscana, que se entregavam a missões devotas na zona de Manila, destinavam as suas atividades principalmente ao povo comum da zona de Fujian, e, por conseguinte, valorizavam preferencialmente o estilo coloquial e o ensino-aprendizagem das línguas locais. Em termos gerais, embora os interesses de estudo fossem variados entre os missionários das diferentes ordens religiosas, observa-se uma valorização universal do estudo, neste caso, do ensino e aprendizagem das línguas locais, de modo a poder fortalecer o efeito dos seus trabalhos

religiosos. Graças ao amplo interesse demonstrado por parte dos missionários cristãos no domínio e utilização das várias línguas locais, diversos dialetos chineses foram estudados e desta forma salvaguardados para posterior referência.

## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO LINGÜÍSTICA

Debruça-se este capítulo sobre o enquadramento linguístico, i.e., a contextualização linguística dos três elementos primordiais da metodologia didática do Padre Joaquim Gonçalves dedicada ao ensino-aprendizagem do chinês em Macau no início do século XIX: a *Arte China*, o *Diccionario Portuguez-China* e o *Diccionario China-Portuguez*. No que toca ao carácter inovador deste método de ensino, Barros afirma o seguinte:

Ora, ainda que as línguas se achem em contínua evolução, que as mudanças ortográficas muito rapidamente tornem áridos e opacos os textos com uma antiguidade de quase um par de séculos, secundadas por alguma opacidade também ao nível morfológico e sintático, o certo é que a mestria com que selecionou os seus exemplos, com que redigiu os seus textos, e muito em particular as muitas dezenas de diálogos que acompanham a explicitação da gramática, não foi ainda ultrapassada pelos linguistas, pedagogos e, sobretudo, autores de gramáticas e manuais para o ensino-aprendizagem do chinês, ou do português por aprendentes de língua materna chinesa. (Barros & Ng, 2017: 11)

Para o melhor enquadramento destas obras, pretende-se, antes de mais, abordar uma visão breve do português e do chinês no século XIX, pois é deste período que aqui se trata e nele ambas as línguas, mas sobretudo a chinesa, sofreram influências fundamentais e apresentaram evoluções substanciais que as distinguem das normas contemporâneas. De igual forma, com a finalidade de facilitar a análise pormenorizada destas três publicações de importância capital, sobretudo das formulações alternativas que serão abordadas no último capítulo, procura-se nesta parte apresentar uma abordagem linguística de alguns aspetos inovadores da metodologia pedagógica do Padre lazarista Joaquim Afonso Gonçalves, nomeadamente o contraste linguístico e o respetivo problema de equivalência, o estilo “vulgar” em contraponto com o estilo “sublime”, nas vertentes formal e informal, tal como a importância das suas formulações alternativas.

### 2.1 O português e o chinês no século XIX

Para que seja mais bem entendido o conteúdo das obras do padre lazarista Joaquim Gonçalves, é necessário, antes de avançar para a análise, fornecer uma contextualização



linguística na qual se encaixarão as características diacrônicas frequentes na trilogia bilingue. Por este motivo, nesta secção pretende-se apresentar uma abordagem linguística do português e do chinês no século XIX, a fim de facilitar a compreensão de alguns traços linguísticos distintos das duas línguas relativamente aos dias de hoje, mas sempre focados numa época de transição significativa para o chinês. O início do século XIX, com o aprofundamento dos contactos da língua chinesa com idiomas estrangeiros, marcou uma época essencial na modernização do chinês e na alteração do antigo padrão – do paradigma de Nanquim para o padrão do norte da China, neste caso o modelo de Pequim.

### 2.1.1 Alguns aspetos característicos da língua portuguesa

A língua portuguesa, resultando da evolução do latim vulgar no espaço geográfico da costa oeste da península ibérica, possui uma história de mais de um milénio. Para melhor encaixar o século XIX no panorama do estudo histórico desta língua latina, é preciso, antes de mais, apresentar uma divisão temporal da sua história. Acerca desta periodização Edwin B. Williams argumenta nos seguintes termos, e com base unicamente na língua escrita, já que na sua dimensão oral o galego-português tinha existência bem anterior:

Os mais antigos documentos em português aparecem pelo fim do século XII e marcam o começo histórico do português arcaico. Durante quatro séculos a língua sofreu muitas modificações. A mais importante dentre essas foi a definida intensificação do acento dinâmico que ocorreu no século XVI. Isso se revela no aumento de síncopes encontrado em versos (§ 54 e § 59) e na tendência para maior individualização vocabular (§ 118). Pelo fim do século XVI, quase todas as características distintivas do português arcaico haviam desaparecido; a língua se tornara, no essencial, a mesma de hoje em dia. (Williams, 1991: 27).

Nesse sentido, de acordo com o mesmo autor, pode-se dividir a história do português em três períodos principais: “a) o período arcaico ou nacional – do século XII ao século XVI; b) o período clássico ou médio – do século XVI ao século XVIII, e c) o período arcádico ou francês – do século XVIII até ao presente” (*idem*, 28). A periodização proposta por Ivo Castro (2011) confirma de forma geral essa classificação de Williams, apesar de ter especificado o período do português médio como uma fase de transição entre o português antigo e o português clássico (Castro, 2011: 149) e ter designado esta última divisão como o período do português clássico e moderno (*idem*, 183). Em ambas as definições, o português do século XIX encontra-se

integrado no último período histórico da língua portuguesa, i.e., a etapa do português arcádico, francês ou moderno.

De forma geral, quando se fala do português oitocentista utilizado no território português, este, em vários aspetos, não representa mudanças significativas em relação ao português atual. A língua literária portuguesa do século XIX, de acordo com Martins (1988), apresenta, quer em Portugal, quer no Brasil, um notável enriquecimento que moderadamente se tinha iniciado nos séculos anteriores, o qual, em confronto com os séculos XVII e XVIII, se devia ao complexo movimento histórico-cultural, como era comum em inúmeros países (Martins, 1988: 8). Portanto, a fim de enquadrar estes cem anos históricos na cronologia da língua portuguesa, é indispensável lançar um breve olhar aos traços linguísticos precedentes.

Para além da divisão geral da história da língua portuguesa, existe ainda uma periodização que diz respeito à história da sua ortografia, tal como Edwin Williams defende: “a história da ortografia portuguesa divide-se em três períodos: a) o período fonético, que coincide com o período do português arcaico; b) o período etimológico, que se estende desde o Renascimento até ao século XX, e c) o período reformado, que principia com a adoção pelo governo português da *nova ortografia*, em 1916” (Williams, 1991: 33). Com base em estudos aturados sobre a história da ortografia portuguesa, embora escassos, Gonçalves (1992: 13) afirma que “num ponto parecem coincidir todos os estudiosos das questões ortográficas: o da sua periodização”, propondo um divisão em três períodos: “o período fonético (dos primeiros textos até ao século XVI); o período etimológico ou pseudo-etimológico (do século XVI até 1904) e o período das reformas ortográficas (de 1904 até aos nossos dias)”. Apesar da nuance no que diz respeito ao início deste último período, confirma-se o consenso no tocante à periodização da história ortográfica da língua portuguesa.

De acordo com esta divisão, o português do século XIX encontra-se enquadrado no período etimológico da história da ortografia portuguesa. No entanto, as maiores polémicas relacionadas com este assunto encetaram-se já em tempos passados, tendo atingido o seu auge no século XVIII. Consoante a caracterização do século XIX por Martins (1988), esta passagem de cem anos pode ser dividida em dois períodos distintos: o das quatro primeiras décadas, nas quais se mantêm as características do século anterior, e o do restante século, que recebe maior influência dos movimentos artísticos, com o florescimento do Romantismo e as correntes estéticas do Realismo, Naturalismo, entre outros (Martins, 1988: 14). Em suma, para melhor definir os aspetos característicos da ortografia portuguesa do século XIX, é necessário reportar-se ao século imediatamente anterior a este.

O século XVIII foi o período que marcou as maiores contradições ortográficas. Conforme assevera Williams, nesta etapa, “as grafias latinas e gregas foram divulgadas com acintosa desatenção à pronúncia”, ou seja, o grafema etimológico e não fonético, que inicialmente radicou na necessidade de traduzir as obras antigas das línguas clássicas, começou a ser difundido propositadamente pelos escritores e impressores do Renascimento e permaneceu até aos dias de hoje (Williams, 1991: 40).

A este propósito Rolando Morel Pinto apresenta a seguinte opinião: “entre os estudos gramaticais, tiveram primazia os ortográficos: o tema era polémico e tratado sem muita coerência, nem base científica. Por isso mesmo, foi este um dos pontos mais controvertidos da história da língua portuguesa” (Pinto, 1988: 15). Portanto, assistiu-se neste período a um crescente interesse pelas questões de língua, o qual se tornou mais tarde num debate entre os defensores etimológicos e os reformistas.

Há sobretudo duas razões para os anos setecentistas terem sido alvo dos paradoxos ortográficos: o início do ensino da língua portuguesa no Colégio dos Nobres, na sequência do exemplo francês de *Port-Royal* (*idem*, 14), e a persistente falta de coerência entre os dois registos – a fala e a escrita. Com a divulgação da reforma do ensino da língua portuguesa e dos estudos vernáculos, é natural ter surgido cada vez mais interesse nos assuntos da língua ou, mais concretamente, na arte de compor nesta língua. Foi fruto desse interesse a fundação da Arcádia Lusitana (1756-1776) – academia literária que forneceu um importante contributo para a renovação oitocentista no que diz respeito às letras em Portugal. A criação desta instituição é frequentemente comparada ao sismo de Lisboa em 1755, por ter sido igualmente um marco periodológico no domínio da poesia (Anastácio, 2007: 1-2). Um dos princípios defendidos por esta foi a utilização de uma linguagem simples na composição literária, ou seja, “os poetas devem buscar o equilíbrio de expressão e evitar os excessos do cultismo e as sutilezas do conceptismo” (Pinto, 1988: 15). No entanto, apesar dos esforços de alguns autores ou teorizadores para defenderem a importância da coerência entre a língua que se fala e a forma como se escreve, i.e., a reforma da ortografia com base na doutrina fonética com o objetivo de simplificar e uniformizar a escrita, esta luta entre a tradição etimológica e as realidades fonéticas da língua resultou apenas numa uniformidade de pouca duração.

Além das evoluções fonéticas e ortográficas, são igualmente fáceis de observar as mudanças ao nível lexical – tal como Pinto afirma, o léxico, em virtude da sua dualidade significante/significado, constitui uma parte integrante da estrutura linguística e da evolução do mundo, possuindo desta forma aspeto cultural ao refletir na língua a vida e as estruturas sociais

de uma comunidade (Pinto, 1988: 19). No que diz respeito aos traços lexicais característicos do século XIX, Martins apresenta as seguintes referências particulares:

O léxico básico da língua comum aparece acrescido, na língua literária, de vocábulos mais ou menos marginais – latinismos, arcaísmos, neologismos, tupinismos, estrangeirismos, regionalismos, vulgarismos – que se relacionam com o género da obra e com o assunto tratado, ou resultam das influências da época e do próprio gosto do autor. (Martins, 1988: 17)

Dentre esses aspetos, na obra do padre Joaquim Gonçalves destacam-se, sobretudo, os estrangeirismos, regionalismos e vulgarismos. A ocorrência dos vocábulos desses géneros deveu-se à necessidade de representar realidades culturalmente distintas, ou seja, foram empregues termos novos para que certos objetos marcados pela própria cultura chinesa pudessem ser descritos em língua portuguesa. Quanto aos regionalismos, sendo Gonçalves natural de Trás-os-Montes, o português representado na sua obra identifica-se em grande parte com a fala da sua terra, seja fonética seja lexicalmente. Em relação aos vulgarismos, a intenção de estudar o estilo vulgar representa um dos maiores méritos do seu método de ensino.

No que diz respeito às particularidades sintáticas deste período, é difícil fazer uma generalização, pois existem inúmeros géneros literários a considerar. Portanto, quando se trata da variedade frástica do século XIX, consideram-se nomeadamente dois aspetos: o estilo familiar ou simplificado herdado do século antecedente, por representar uma mudança inovadora e distinta dos tempos clássicos, e a particularidade do discurso relatado e das formas de tratamento, por ser um dos aspetos que se destacam na obra do padre Joaquim Gonçalves. Pinto descreve a atualização da frase do século XVIII como a vitória geral de uma expressão mais simples e direta do pensamento circunscrito pelo abandono da frase clássica ou “vernáculo” e pelo emprego moderado da ordem inversa (Pinto, 1988: 36). Ou seja, a tendência geral da reforma sintática caracteriza-se pelas estruturas frásticas simplificadas, que visam manifestar diretamente o pensamento. Esta vontade de procurar expressões simples comprova-se na obra didática de Joaquim Gonçalves, pois basta lançar um olhar breve ao prólogo do seu erudito volume de ensino, a *Arte China*, para se reparar no cuidado e na delicadeza como que este tentou facilitar a compreensão por parte dos aprendizes.

Em relação ao discurso relatado, especialmente ao discurso direto e às formas de tratamento, Martins afirma que no século XIX foi dada uma importância considerável à representação da fala das personagens, graças ao desenvolvimento significativo da prosa de ficção do mesmo âmbito temporal (Martins, 1988: 47). O século XIX abundava no emprego do

diálogo, que permite exprimir com vivacidade as reações emotivas das personagens. Talvez fosse parcialmente influenciado por esta tendência que o sinólogo português Joaquim Gonçalves optou por dedicar um capítulo inteiro, o capítulo V, aos diálogos bilingues, na procura de fornecer aos alunos a maior vivacidade possível enquadrada com assuntos do dia-a-dia. Nota-se também uma mudança na escolha do tratamento, particularmente da segunda pessoa do singular, ou seja, se considerarmos o caso dos diálogos, dos interlocutores diretos. Martins refere que o tratamento por *vós* para o singular, que já se havia arcaizado no século XVIII, permaneceu no século XIX na linguagem popular arcaizante como traço de solenidade (ainda que ironizada) e que, apesar de o tratamento por *você* ter começado a disputar a primazia com o *tu* no caso do Brasil, ao seu lado permaneciam na fala popular inúmeras formas evoluídas a partir de *Vossa Mercê: vosmecê, vasmicê, vossemecê, vossemecê, vancê, vassucê, mecê, ocê, sê (cê)*, atestadas pela literatura regionalista e de traços populares (*idem*, 49-50). Tais traços foram impecavelmente retratados na *Arte China* do padre Joaquim Gonçalves, sobretudo nos diálogos do capítulo V, os quais nos possibilitam um retorno aos tempos de transição.

Em resumo, o século XIX testemunhou uma época transitória da língua portuguesa, sobretudo no que respeita à ortografia e ao léxico. Quanto ao paradigma ortográfico, os anos oitocentistas herdaram muitos traços marcados pelas polémicas ortográficas do século precedente, no sentido de manter uma grande parte das características da grafia etimológica enquanto se dava voz à necessidade do retorno à grafia fonética. No que concerne à variedade lexical, neste período expandiu-se a liberdade de empregar termos novos provenientes do empréstimo de várias línguas ou formados com elementos da própria língua. Relativamente à atualização sintática, este intervalo marcou o processo reformista de simplificação ou expressão direta do pensamento. Com base nesta contextualização linguística, é esperável encontrar na *Arte China*, sendo esta uma obra de ensino bilingue pioneiro do século XIX do maior sinólogo português de então, uma rica variedade de testemunhos relativamente a estas variações históricas da língua portuguesa.

### 2.1.2 Alguns aspetos característicos da língua chinesa

O século XIX foi um período repleto de mudanças para a definição da China moderna, não apenas no sentido político, mas também pela modernização da língua chinesa, pois foi um período que testemunhou uma transição significativa do paradigma da língua chinesa. De acordo com Ota (1991: 212), em termos gerais, o período moderno da nação chinesa refere-se ao tempo cronológico após as Guerras do Ópio, i.e., a partir de 1839, no entanto, para melhor

descrever as características históricas da língua chinesa, do ponto de vista linguístico, convém incluir todo o período do Império Qing (1616-1912<sup>32</sup>) e também os primeiros anos da República da China (1912-1949) na definição do chinês moderno, porque foi neste período que o dialeto de Pequim começou a ganhar a sua definição decisiva, o qual mais tarde instituiu um fundamento sólido para a criação e denominação do mandarim que atualmente se fala em toda a China. Ou seja, foi este período que marcou a formação definitiva e a transformação do dialeto de Pequim como o modelo padrão nacional.

Antes do século XIX, uma grande parte dos funcionários do império chinês era natural do sul do país, fazendo com que o dialeto de Nanquim se fixasse numa posição vantajosa entre os mandarins, no entanto, posteriormente, a partir do Império Qing, com a ocupação dos postos de emprego na corte pelos descendentes das Oito Bandeiras<sup>33</sup>, o dialeto deste grupo étnico começou a influenciar a designação do mandarim, por isso, a partir deste período o termo *mandarim* também passou a designar a língua falada pelos manchus<sup>34</sup>, criando desta forma uma situação em que tanto o padrão do Sul como a norma do Norte eram amplamente seguidos (Takada 2001, *apud* Fujita, 2007: 50). Em termos gerais, foi no século XIX que o dialeto de Pequim ultrapassou a anterior norma nacionalmente reconhecida e consolidou a sua posição dominante na circulação linguística chinesa.

O chinês de Pequim é, antes de ser uma língua originária de um local isolado, fruto da fusão entres várias variantes tanto sincrónicas como diacrónicas da língua chinesa. Do ponto de vista histórico, na transição da dinastia Ming (1368-1644) para a dinastia Qing, com a conquista da China pelos manchus em 1644, os antigos habitantes da etnia Han de Pequim foram confinados ao Sul da cidade. A língua recorrente nessa altura entre funcionários imperiais manchus e os seus descendentes era principalmente a língua manchu, entretanto a língua mais utilizada era o chinês do Nordeste da China misturado com o sotaque da primeira. Com o movimento “Colisão para a Manchúria”, liderado pelos Hans de Shandong, esse padrão recorrente ganhou mais um toque do dialeto de Shandong. Pouco a pouco, com a difusão do chinês de estilo manchu do centro de Pequim para as zonas periféricas, o mandarim – um chinês de estilo manchu – começou a espalhar-se pela cidade celestial (Fujita, 2007: 51). Ou seja, o chamado *mandarim de Pequim* é de facto uma mistura muito mais complexa do que podia

---

<sup>32</sup> Todas as referências sobre os anos nos quais decorre cada dinastia são citadas de acordo com a *Tabela de Cronologia* anexada no Dicionário do Chinês Moderno. *Sicut inferius*.

<sup>33</sup> Tradução da autora. “八旗 (bāqí)”. Refere-se às divisões administrativas/militares durante o Império Qing, nas quais se encontravam enquadradas todas as famílias manchus.

<sup>34</sup> Mandarim refere-se inicialmente quase exclusivamente à variante do chinês falada pelos mandarins, i.e., a língua falada pelos oficiais manchus “滿大人 (Mǎn dàrén)”.

parecer através da designação, podendo ser considerado como uma cristalização de vários dialetos e a fusão entre eles.

Apesar da complexidade da denominação de *mandarim de Pequim*, tendo em conta os seus vários elementos constituintes, podem-se resumir as suas características mais relevantes da seguinte forma: 1. Uma representação linguística repleta de características da cultura manchu; 2. Empréstimos da língua manchu; 3. Palavras compostas com origem nas línguas manchu e han; 4. Influência manchu na pronúncia; 5. Influência gramatical da língua manchu (*idem, ibidem*). Além desta apresentação sintetizada, é ainda utilizada uma outra forma de sumariar os aspetos gramaticais mais característicos desta nova variante:

[Gramática] As características do mandarim de Pequim podem ser resumidas da seguinte maneira. No entanto, isto não implica que todas estas tiveram início na dinastia Qing.

- (1) Os modos inclusivos e exclusivos do pronome pessoal da primeira pessoa plural são distinguidos (respetivamente) por “咱們 (zánmen)” e “我們 (wǒmen)”, entretanto, as formas como “咱 (zán)” e “俺 (ǎn)” entre outras não são utilizadas (para esta distinção);
- (2) Utiliza-se a preposição “給 (gěi)”;
- (3) Utiliza-se a partícula “來著 (lái zhe)”;
- (4) Não se utiliza a partícula “哩 (lǐ)”, ao invés, recorre-se à partícula “呢 (ne)”;
- (5) Existe o advérbio de proibição “別 (bié)”;
- (6) O advérbio de grau “很 (hěn)” é utilizado na posição de adverbial;
- (7) “~多了 (duō le)” é utilizado a seguir ao adjetivo, transmitindo um sentido equivalente ao de “...得多 (dé duō)” e “...得遠 (dé yuǎn)”. (Ota, 1991: 212-213)<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> Tradução da autora. Texto original:

“【語法】北京話語法的特點可以概括如下。但這並不是說它們全都始於清代。

- (1) 第一人稱代名詞的包括式 (inclusive) 和排出式 (exclusive) 用“咱們”“我們”區別，不用“俺”“咱”等。
- (2) 有介詞“給”。
- (3) 用助詞“來著”。
- (4) 不用助詞“哩”而用“呢”。
- (5) 有禁止副詞“別”。
- (6) 程度副詞“很”用於狀語。
- (7) “~多了”置於形容詞之後，表示“...得多”、“...得遠”的意思。

([Yǔfǎ] běijīng huà yǔ fǎ de tèdiǎn kēyǐ gǎikuò rúxià。Dàn zhè bìng bùshì shuō tāmen quándōu shǐ yú qīng dài.)

- (1) Dìyīrénchēng dàimíngcí de bāokuò shì (inclusive) hé páichū shì (exclusive) yòng “zánmen” “wǒmen” qūbié, bùyòng “ǎn” “zán” děng.
- (2) Yǒu jiècí “gěi”.
- (3) Yòng zhùcí “láizhe”.
- (4) Bùyòng zhùcí “lǐ” ér yòng “ne”.
- (5) Yǒu jìnzhǐ fùcí “bié”.
- (6) Chéngdù fùcí “hěn” yòng yú zhuàngyǔ.
- (7) “~Duōle” zhì yú xíngróngcí zhǐhòu, biǎoshì “...dé duō”, “...dé yuǎn” de yìsi.)”

O chinês patente na *Arte China* está em conformidade como todos estes elementos, à exceção do terceiro e do sétimo. Encontram-se abaixo alguns exemplos concretos que Uchida apresenta (2011a: 234-5) no âmbito da correspondência dos traços característicos do mandarim de Pequim:

Tabela 1 Aplicação do critério de identificação da fala de Pequim na obra de Gonçalves

(Uchida, 2011a: 234-5)	Transcrição em <i>pinyin</i>	Frases portuguesas correspondentes na <i>Arte China</i>
“咱們”	“zánmen”	/
咱們要上那裡去。 (10 <sup>36</sup> )	Zánmen yào shàng nàlǐ qù.(10)	Aonde havemos de ir
咱們歇一歇罷。(10)	Zánmen xiē yi xiē ba.(10)	Descançemos
咱們都一塊兒走罷。 (14)	Zánmen dōu yīkuài zǒu ba.(14)	Vamos todos juntos.
“呢”	“ne”	/
見過他幾次呢。(8)	Jiànguò tā jǐ cì ne.(8)	Quantas vezes o viste?
幾本呢 <sup>37</sup> 。(24)	Jǐ běn ne.(24)	E quantas tomos
“狠”	“hěn”	/
你狠知禮。(1)	Nǐ hěn zhīlǐ.(1)	Tu es mui civil.
我狠歡喜你。(1)	Wǒ hěn huānxǐ nǐ.(1)	Muito te estimo.
我心裡狠過不去你 納。(1)	Wǒ xīnlǐ hěn guòbùqù nǐ nà.(1)	Vmce, me confunde, tratando-me assim.
天氣狠好。(10)	Tiānqì hěn hǎo.(10)	Faz bom tempo
*“這個酒熱的狠”(22) 這樣的例子也有。	*“Zhège jiǔ rè de hěn”(22) Zhèyàng de lìzi yěyǒu.	Este vinho está muito quente.
“來著”	“láizhe”	/
後來在隔壁兒街房家 裡耍錢來著。(20)	Hòulái zài gébì er jiē fáng jiālǐ shuǎ qián láizhe.(20)	(Posemo-nos a jogar, primeiro em minha casa,) e depois em casa do vizinho de paredes meias.
*那一日事情狠忙。 不得空來。(16) <sup>38</sup>	*Nà yī rì shìqíng hěn máng. Bùdé kōng lái.(16)	Neste dia tive muito, que fazer, não tive vagar de vir.

<sup>36</sup> De acordo com o autor, os números entre parênteses referem-se aos diálogos correspondentes no capítulo V da *Arte China* (2011:234).

<sup>37</sup> Esta frase de exemplo não foi corretamente transcrita. A frase encontrada na *Arte China* é “有幾本呢”.

<sup>38</sup> Trata-se de um erro. Esta frase pertence ao Diálogo XV *Na Aula*.



“給”	“gěi”	/
給你作這個。(1)	gěi nǐ zuò zhège.(1)	Faze-me isto.
我給你切果子。(21)	Wǒ gěi nǐ qiè guǒzi.(21)	Eu te aparo a fruta.
給老爺磕頭。(25)	Gěi lǎoyé kētóu.(25)	Prostrado venero a V. Sa. (dentro de casa.)
給我看。(26)	Gěi wǒ kàn.(26)	Deixa-me ver.
“別”→“不要” <sup>39</sup>	“bié”→“bùyào”	/
不要這麼些個樣子。 (1)	Bùyào zhème xiē ge yàngzi.(1)	As cerimónias são para a Igreja.
不要這麼快走。(4)	Bùyào zhème kuàizǒu.(4)	Não vão tão de pressa.
不要動手。(4)	Bùyào dòngshǒu.(4)	Não me toques.
“多了”	“duōle”	/
*我喝多了酒就愛說話。(22)	*Wǒ hē duōle jiǔ jiù ài shuōhuà.(22)	Eu bebendo muito, também fallo muito.

Além da complexidade em termos da origem ou constituição do mandarim de Pequim, esta variante implica ainda grande distinção entre as respetivas variações diatópicas, diastráticas e diafásicas. Fujita (2007: 51) afirma que, quando se refere o chinês de Pequim do século XIX, este implica a mistura de uma série de variações distintas conforme a zona na qual se integra, a etnia, o trabalho, o estrato sociocultural do sujeito que a emprega e o tipo de modalidade expressiva (estilo sublime, vulgar, elegante, coloquial, etc.). Portanto, o chinês ou o mandarim de Pequim, sendo uma designação específica em relação ao termo geral de mandarim do Norte, e com o padrão da antiga capital de Nanquim, representa em si uma língua de origem mista, repleta de variação conforme o espaço geográfico, as camadas socioculturais e os recursos de verbalização expressiva.

Tendo em consideração a coexistência de ambos os paradigmas – o padrão do Sul e o padrão do Norte bem como a complexidade de cada um deles, não era difícil de imaginar a dificuldade enfrentada pelos missionários ocidentais, à época, na escolha de um padrão para o

<sup>39</sup> Notas de rodapés inseridas pelo autor (2011: 235): acerca do “別 (bié)”, na *Arte China* só se encontra o emprego de “不要 (bùyào)”, no entanto, ao meu ver isso não se trata de um aspeto característico de regionalismo, ao invés, diz respeito a uma questão de antiguidade. Por esta razão, este uso de “不要 (bùyào)” também se verifica nos livros didáticos geralmente reconhecidos como representação do dialeto de Pequim ou dialeto do Norte “官話指南 (guānhuà zhǐnán)” e “正音撮要 (zhèngyīn cuòyào)”, entre outros.

Texto original: “拿‘別’來說，《漢字文法》裡都用‘不要’，但是我覺得‘別’和‘不要’不一定是地方化的問題，而是新舊的問題。所以，一般認為北京話或北方話的課本的《官話指南》《正音撮要》等也使用‘不要’。(Ná ‘bié’ lái shuō, ‘hànzi wénfǎ’ lǐ dōu yòng ‘bùyào’, dànshì wǒ juéde ‘bié’ hé ‘bùyào’ bù yīding shì dìfāng huà de wèntí, ér shì xīnjiù de wèntí. Suǒyǐ, yībān rénwéi běijīng huà huò běifānghuà de kèběn de ‘guānhuà zhǐnán’ ‘zhèngyīn cuòyào’ dēng yě shìyòng ‘bùyào’.)”

ensino de chinês. O padre Joaquim Gonçalves deparou-se com o decreto proferido pelo imperador Kiaking contra a religião cristã, que impôs uma barreira inultrapassável a qualquer tentativa de estabelecimento ou fortalecimento da ligação dos missionários ocidentais com a capital do império (Callery, 1846: 70). Por esta razão, desde o século XIX uma grande parte dos evangelizadores cristãos confinavam as suas atividades de evangelização ao Sul do império, mantendo a distância geográfica e linguística relativamente ao palácio celestial. Portanto, não é surpreendente que apenas poucas obras didáticas missionárias tenham seguido o mandarim do Norte, como era o caso do lazarista português Joaquim Gonçalves, tendo a maioria destes mestres da língua chinesa adotado o chinês padrão do Sul por ser o mais acessível em termos geográficos e políticos. O padre Joaquim Gonçalves confirma essa convivência de vários dialetos e defende a razão da sua própria escolha no “Prologo” do seu compêndio didático *Arte China* (1829):

Estando em uso as letras chinesas por todo o império (talvez há menos quem não saiba ler, que em alguns reinos da Europa) e mais, ou menos nos reinos feudatários, são pronunciadas segundo os diferentes dialetos: este ainda que tenham, as vezes na mesma província, e em lugares bem próximos, uma espantosa diferença, se podem reduzir dentro do Império a três, *Mandarino*, de *Fokien*, e *Cantão*. Eu sigo o primeiro, como mais geral, e fácil: mais geral: porque é entendido em toda a parte pelas pessoas de educação, principalmente empregadas, e nas províncias do Norte, e Oeste, pelo vulgo; mais fácil: porque os seus sons são mais análogos aos nossos, particularmente por não ter o tom entrante; e se o estudante quiser saber outro dialeto, lhe servia de degrau, para passar a ele pela analogia, que tem com os mais<sup>40</sup>. (Gonçalves, 1829: III-IV)

Entre as obras missionárias mais estudadas no âmbito do ensino da língua chinesa, as seguintes três seguiram o(s) modelo(s) do Sul do país: *Grammatica Sinica* (1653) do padre italiano Martino Martini (1614-1661) – este seguiu principalmente o mandarim, apesar de ser fácil de perceber a grande influência do dialeto de Fujian; *Dialogues and detached sentences in the Chinese language; with a free and verbal translation in English* (1816) do clérigo britânico Robert Morrison (1782-1834) – um exemplo do ensino do mandarim com base em alguns usos típicos da zona de Guangdong; *Chinese Dialogues, questions, and familiar sentences, literally rendered into English, with a view to promote comercial intercourse, and to assist beginners in the language* (1844), do missionário inglês Walter Henry Medhurst

---

<sup>40</sup> A autora optou por atualizar a grafia, de forma a facilitar a leitura. *Sicut inferius*.

(1796-1857) – um modelo de mandarim com forte influência do dialeto de Guangdong (Uchida, 2012a: 144). Ou seja, uma grande parte dos missionários sinólogos, apesar de ter feito muito esforço para seguir fielmente o padrão imperial de então, não conseguiu eliminar de forma absoluta as influências das línguas dos locais onde residiu.

A gramática e compêndio para o ensino da língua chinesa *Arte China* (1829), do sinólogo português Joaquim Gonçalves, é um dos raros exemplos que seguiram fielmente o padrão do Norte, ou, mais concretamente, o modelo de Pequim, conforme defende Uchida, pois este atende a cinco das sete características (à exceção da terceira e da sétima) acima citadas do mandarim de Pequim. Além disso, o pronome pessoal da segunda pessoa do singular (tratamento respeitoso) “你納 (nǐnà)”, muito recorrente nesta obra do padre (que enquanto transmontano conservava ainda este traço), também é considerado como uma característica representativa do mandarim de Pequim (Uchida, 2012a: 144-5). Em suma, o chinês interpretado por Joaquim Gonçalves é basicamente o chinês padrão do Norte ou de Pequim, apesar da existência de algumas formas antiquadas. Além de atender às características acima referidas, observa-se ainda um motivo particular da escolha do Joaquim Gonçalves pelo modelo padrão do Norte da China, neste caso relacionado com as características da sua língua materna: “porque os seus sons são mais análogos aos nossos, particularmente por não ter o tom entrante” (Gonçalves, 1829: IV). Neste caso, o facto de o mandarim adotado por este não ter o tom entrante também corresponde à descrição dos aspetos característicos do dialeto de Pequim apresentados em Ota (1991: 212-3).

Igualmente marcada pela mesma escolha é a obra pedagógica posterior *Yü-yen Tzŭ-êrh Chi, A progressive course designed to assist the student of colloquial Chinese, as spoken in the Capital and the Metropolitan department* (1867), do missionário britânico Thomas Wade – um admirador declarado da obra de Joaquim Gonçalves (Barros, 2014: 103) –, que tem sido amplamente estudada por oferecer matéria abundante de importância capital para o estudo diacrónico da língua chinesa, sobretudo da época da mudança significativa da definição do mandarim. Graças ao contributo do seu assistente nativo Ying Longtian<sup>41</sup> – o professor de chinês de Thomas Wade (cf. Song, 2012) – para a elaboração desta obra didática, este compêndio é reconhecido como uma obra que marca uma nova era no que diz respeito ao estudo e ensino do chinês (*idem*).

---

<sup>41</sup> 應龍田 (Ying Lung-T'ien), de acordo com Song Ju (2012), foi um chinês natural de Zhejiang, que nasceu provavelmente entre 1829-1832, e começou a ensinar chinês ao diplomata britânico Thomas Wade a partir de 1847, tendo desempenhado um papel fundamental na edição e correção das obras gramaticais para o ensino da língua chinesa da autoria deste sinólogo.

Em suma, apesar das dificuldades políticas na missão de evangelização na terra celestial no extremo oriente, houve sinólogos que persistiram no estudo e descrição linguística da variante da capital do império. Os estudos grandemente aprofundados sobre a língua chinesa desde o início do século XIX fornecem um conjunto de matérias metalinguísticas importantes tanto para a descrição dos dialetos locais como enquanto testemunhos da época transitória do paradigma do mandarim.

Em conclusão, o século XIX assinalou uma época de mudança significativa em termos do ambiente linguístico, visto que o chinês de Pequim começou a tomar a posição central do chinês padrão, a qual até essa altura tinha sido ocupada pelo chinês padrão do Norte. A variante de Pequim, que dominou neste período de transição política – com o crescimento acentuado da percentagem de funcionários manchus na corte celestial – possui não apenas certa diversidade quanto à sua origem e constituição, mas também ampla variação diatópica, diastrática e diafásica. Perante esta fase transitória, a maior parte dos missionários adotou o modelo que lhe era mais acessível no ensino de chinês como língua estrangeira. Neste caso, muitos mestres optaram pelo mandarim do Norte modificado sob a influência das línguas locais. No entanto, uma pequena percentagem destes promotores do ensino da língua chinesa escolheu seguir fielmente a língua chinesa utilizada na capital do Império do Céu, neste caso, uma variante inicialmente empregada no espaço geográfico de Pequim que posteriormente se começou a difundir por todo o país.

## **2.2 O ensino-aprendizagem por contraste linguístico e os problemas de equivalência**

Abundam as razões pelas quais é considerado inovador o método pedagógico das obras do Padre Joaquim Gonçalves, sacerdote lazarista da Congregação da Missão, sobretudo o seu tríptico metalinguístico e didático em português e chinês oitocentistas – *Arte China*, *Diccionario Portuguez-China* e *Diccionario China-Portuguez*, como é designado por Anabela Leal de Barros (Barros, 2014: 109), uma das quais é a sua metodologia didática por contraste linguístico.

A designação *linguística contrastiva* (em inglês *contrastive linguistics*) refere um método de comparação linguística recorrente nos anos sessenta e setenta do século XX (König, 2012: 1). De acordo com Aarts, este termo foi utilizado pela primeira vez em 1941 por Benjamin Whorf num artigo intitulado “Language and Logic” (Aarts, 1982: 47).

Em termos gerais, esta nova dimensão da linguística comparativa foi proposta no contexto do aumento de contacto interlinguístico, sendo uma possível solução para a inovação do ensino-aprendizagem de uma língua não materna. A análise contrastiva difere da linguística comparativa histórica, da tipologia linguística, da microvariação (igualmente designada por dialetologia comparativa) e da comunicação intercultural devido às seguintes características (cf. König, 2012):

1) Orientação sincrónica – é fundamental a comparação entre sistemas relevantes em línguas geneticamente relacionadas;

2) Granularidade – a análise contrastiva preocupa-se sobretudo com similaridades e contrastes de controlo granulado/otimizado por análises aprofundadas;

3) Comparação de pares de línguas – a análise contrastiva trata das comparações linguísticas bilaterais, entre uma língua materna e uma estrangeira, uma língua de partida e uma de chegada, ou entre uma língua primeira e uma segunda;

4) Perspetiva – a análise contrastiva visa descrever uma língua da perspetiva de uma outra e revelar desta forma propriedades destas línguas que não seriam facilmente visíveis fora disso;

5) Falsificabilidade – os resultados alcançados através da análise contrastiva podem ser facilmente refutados caso não sejam expressos com precisão e de forma explícita, portanto esta necessita de revisão e melhoria constante;

6) Enquadramento teórico – o desafio para a análise contrastiva é descobrir os contrastes e descrevê-los da forma o mais genérica possível, ao invés de escolher um formato teórico específico, isto porque boas descrições contrastivas podem levar a modificações nas tradições nacionais de elaboração gramatical.

Antes da sistematização desta teoria, já havia, todavia, como é o caso de todas as teorias científicas, práticas que inspiraram a respetiva metodização, tal como se verifica nos trípticos didáticos do Padre Joaquim Gonçalves. Estas obras servem de exemplo para modelos de contraste linguístico por providenciar aos seus leitores um rico elenco de exemplos comparativos de um par de línguas, pois, segundo Barros:

Para além das referências interculturais diretas, existe ainda outra dimensão notável e extremamente atual nestas obras, e em particular na *Arte China*: a introdução equilibrada de exemplos, textos, diálogos, representando a mundividência sínica ao lado da lusa, colocando em diálogo real as diferentes regiões, raças, mentalidades, filosofias, experiências e visões do mundo em presença no palco de conciliação que era (e é) Macau, às portas da China de oitocentos. (Barros, 2014: 110)

O contraste linguístico, ou mais especificamente a comparação de pares de línguas, porém, nem sempre é acessível, tal como a equivalência entre duas línguas nem sempre é alcançável. Segundo Levi, devido à existência de diferenças culturais e geográficas, uma palavra de correspondência literal numa língua de partida podia não transmitir o mesmo significado numa língua de chegada (Levi, 2007: 216).

Perante o desafio imposto pela barreira intercultural, o padre lazarista Gonçalves revelou bem a sua consciência da impossibilidade de fornecer equivalências cem por cento autênticas na língua de chegada, neste caso o português, pois ao apresentar exemplos equivalentes nos seus dicionários ou na *Arte China*, avisa sempre os seus discípulos europeus de que teriam que ter em conta a cultura e a sociedade chinesa e vice-versa. Além disto, não carece de exemplos nos quais teve o cuidado especial de fornecer, tanto quanto possível, explicações extratextuais (frequentemente registadas entre parênteses) aos seus potenciais leitores, neste caso para que os seus discípulos conseguissem tirar o maior aproveitamento do contraste bilingue.

Durante vários séculos, a tradução ocupou uma posição central na metodologia dominante no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Com a progressiva divulgação do ensino de línguas estrangeiras, este método inspirado no estudo das línguas clássicas, por vezes também denominado tradução-gramática, ultrapassou a sua função inicial e passou a ser amplamente utilizado no ensino-aprendizagem de línguas vivas, tendo sido a metodologia mais popular até à segunda metade do século XIX (Pinto, 2008: 1). Tendo em vista o contexto cronológico no qual se encontra encaixada a trilogia didática do sacerdote da Congregação da Missão Joaquim Gonçalves, não se estranharia o lugar proeminente que tem no seu método didático, ancorado ainda em muita tradução.

No entanto, ao contrário da visão dicotómica rançosa e pouco funcional da língua e da cultura que tem dominado na didática das línguas, as obras didáticas do padre Gonçalves dedicadas ao ensino-aprendizagem da língua chinesa (e da língua portuguesa) denotam uma apreciação intercultural de carácter inovador ao proporcionar aos seus discípulos uma abundância de referências culturais (Barros, 2014: 103-110). Observa-se neste tríptico certa intenção seletiva em termos de apresentação do conteúdo final ao seu público alvo, tanto no esforço em fornecer representações fonéticas, i.e., traduções literais de acordo com a sua representação fonética para palavras que não possuíam equivalente na língua de chegada, como na atenção em oferecer informações complementares que permitissem o melhor entendimento na comunicação intercultural.

O próprio Gonçalves demonstra grande interesse e esforço em proporcionar, sempre que possível, representações fonéticas para termos que não revelavam equivalentes na língua de chegada, seja em português seja em chinês, com a finalidade de possibilitar a leitura fluída aos possíveis leitores da língua de partida. São exemplos deste o cuidado nas traduções dos nomes de indivíduos e cidades chineses, de profissões e cargos imperiais, entre outros, para a língua portuguesa. De acordo com Levi, o sinólogo português Joaquim Gonçalves às vezes tinha que incluir frases adicionais para algumas entradas nos seus dicionários bilingues chinês-português e português-chinês devido à dificuldade em traduzir muitas frases portuguesas para chinês, criada pela ausência de traduções adequadas ou de significados correspondentes em chinês (Levi, 2007: 216). Tal como os docentes atuais de uma língua estrangeira costumam avisar os seus alunos do perigo de seguir um dicionário bilingue de forma isolada, também o Padre avisava sempre do risco de traduções unilaterais.

Em suma, são frequentes e ricos os contrastes linguísticos fornecidos no tríptico didático do padre Joaquim Gonçalves, onde as referências sínicas se encontram sempre lado a lado com as lusas. Apesar da dominância do método pedagógico tradicional, focado maioritariamente na tradução, as tentativas deste sinólogo lazarista no sentido de fornecer tanto quanto possível referências interculturais e o seu cuidado em tratar as traduções unilaterais e isoladas, impulsionaram de certa maneira a evolução do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras vivas. Portanto é considerado pioneiro o método didático no que toca à adaptação intercultural e à comparação de pares linguísticos, ambos recorrentes nos tempos modernos, no âmbito da vulgarização do ensino de línguas não maternas.

### **2.3 A introdução do registo "vulgar", em contraste com o "sublime", no método de Gonçalves para o ensino de línguas vivas**

A marcada distinção entre o registo oral e o escrito foi um dos primeiros aspetos distintivos da língua chinesa identificados no decurso do ensino-aprendizagem por parte dos missionários ocidentais. Tal como se repara nos dois exemplos citados por Uchida (2012b: 294), tanto o jesuíta português Álvaro Semedo (1585-1658) como o jesuíta italiano Matteo Ricci (1552-1610) tinham sublinhado que existia uma diferença notável entre o estilo familiar e o registo formal, sobretudo na escrita da língua chinesa. Por exemplo, Semedo observou que, apesar da coincidência a nível semântico, era absurdo se alguém supusesse que a escrita fosse igual às conversas diárias e Ricci também especificou que não se encontrava nenhum livro publicado

no registo vulgar (*idem, ibidem*). Ou seja, é evidente que os sinólogos ocidentais, até os primeiros que chegaram a esta terra sínica no extremo-orient, já notavam a existência simultânea de vários registos da língua chinesa, e sobretudo a enorme distância entre a língua oral e a escrita.

Não somente foram observadas tais diferenças entre estilos distintos, como também foi realizada a sua classificação. Por exemplo, o padre dominicano Francisco Varo apresenta três modos de falar a língua chinesa na sua *Arte de la lengua Mandarina* (1703): o estilo refinado, cultivado quase só no meio do povo educado, o qual era de dificuldade extrema para o ensino-aprendizagem; o estilo entre o refinado e o popular utilizado pela maior parte dos chineses, o qual era de importância capital, pois este demonstra o respeito básico na conversa com o povo; o estilo vulgar, que se destinava sobretudo à evangelização das mulheres e lavradores, o qual representa o nível elementar e marca o ponto de partida para o ensino-aprendizagem da língua chinesa (Uchida, 2010: 202-3). Esta classificação de certa maneira coincide com a adotada pelo missionário jesuíta Joseph Henri Marie de Prémare (1666-1736). Prémare defende que existem sobretudo três níveis na língua chinesa: o registo comum, utilizado pelo povo em geral, o estilo delicado utilizado pelo povo instruído e a forma escrita (*idem*, 204). Para além destas duas categorizações, aqui fornecidas como exemplos, existem ainda inúmeras formas de classificar os vários registos da língua chinesa. De entre essas visões particulares, observam-se sobretudo dois pontos em comum: a distinção entre a língua falada e a escrita e a diferença entre o estilo popular e o registo refinado.

O missionário lazarista português Joaquim Gonçalves herdou esta última distinção entre o registo vulgar e o sublime da língua chinesa, prestando atenção especial à variação diafásica e diastrática, e foi um dos primeiros a dar mais ou igual importância ao registo informal. Na sua obra *Arte China*, verifica-se uma apresentação inequívoca destes dois estilos, nomeadamente nos capítulos II e III, nos quais surgem sempre os dois registos em contraste aquando da apresentação das regras gramaticais. De igual forma, no seu *Diccionario portuguez-china*, geralmente são fornecidas duas palavras chinesas para corresponder a cada palavra portuguesa – o léxico popular e o sua equivalente clássico (Levi, 2007: 215). Sobre esta abordagem comunicativa do chinês como língua estrangeira, Barros afirma o seguinte:

O seu método de ensino-aprendizagem do chinês revela-se nessas obras reconhecidamente inovador, pois embora o autor aluda à replicação do método de ensino do latim, encoraja o estudante a entrar no mundo chinês com uma seleção e elaboração notáveis quer de material culto, formal ou “sublime”, revelando-se um atento leitor dos clássicos chineses e das obras populares à



época, quer de material coloquial, informal ou “vulgar”, em diálogos cheios de dinamismo e vivacidade, com atenção tão minuciosa como talentosa aos mais realistas cambiantes da pragmática. (Barros & Ng, 2017: 11)

Uma das possíveis razões mais óbvias da opção do padre lazarista português por este método de ensino talvez se identifique com o enquadramento desta obra didática, sendo esta destinada à formação de futuros missionários para a evangelização em terras do Reino Imperial, ou seja era de importância capital os seus discípulos conhecerem tanto o chinês clássico utilizado em obras clássicas como a linguagem popular falada na vida quotidiana pelo povo chinês (Liu, 2009: 154). Tal como afirmam Attwater e Rachel (1965, *apud* Levi, 2007: 212), os padres lazaristas, também conhecidos como vicentinos, tinham como missão primordial o estabelecimento de uma ponte de ligação entre os europeus e a população nativa com quem estavam em contacto, em particular o povo idoso e o do campo. Portanto, não é difícil de entender que tanto o estilo sublime como o registo vulgar eram de importância substancial para o padre Joaquim Gonçalves no âmbito da formação linguística, durante a sua missão de evangelização no extremo-orientes.

Por esta razão, para além da introdução do registo familiar em contraste com o estilo sublime, o padre Joaquim Gonçalves optou ainda por se inclinar ligeiramente para a oralidade, o que se verifica no capítulo V desta sua obra didática, sendo este um capítulo específica e exclusivamente dedicado à competência oral, no ensino-aprendizagem da língua chinesa. De forma análoga, no capítulo VI deste método pedagógico, no que diz respeito aos provérbios chineses, nota-se uma tentativa de reforçar a importância da cultura na comunicação intercultural. Neste contexto, Gonçalves demonstra bastante interesse em destacar a distinção entre o registo vulgar e o estilo sublime ou até indicar uma certa preferência pelo primeiro na sua *Arte China*, com a finalidade de ensinar a língua chinesa não apenas como uma língua clássica que circulava quase exclusivamente no meio da classe social elevada, mas também como um meio de comunicação ou uma ferramenta de evangelização para o seu público alvo mais acessível, neste caso a maioria do povo chinês que se encontrava no estado de analfabetismo.

O método de ensino adotado pelo missionário português Joaquim Gonçalves não apenas facilitou a aprendizagem da língua chinesa por parte dos missionários ocidentais durante as suas atividades letivas, como também serviu e continua a servir de referência metalinguística para a descrição ou restabelecimento do estilo familiar da língua chinesa e para o estudo diacrónico do seu desenvolvimento. Apesar da consciência da existência dos dois estilos

distintos – o registo oral que reflete o dia-a-dia da maior parte do povo chinês, que possivelmente nem tinha a capacidade de ler ou escrever no século XIX, e o registo escrito, cujo domínio se limitava aos poucos alfabetizados desse período –, não abundam muitos exemplos como o da *Arte China* de Joaquim Gonçalves, em que se dava tanto valor ao chinês falado no contexto quotidiano ou familiar. A publicação da *Gramática de Ma*<sup>42</sup> por Ma Jianzhong (1845-1900), em 1900, na qual foram introduzidas certas teorias de estudos gramaticais ocidentais, apesar de ter marcado o início dos estudos sistemáticos da língua chinesa moderna por autores chineses, continua a dar importância quase exclusiva ao estilo formal, pois os exemplos nela incluídos pertencem sobretudo ao registo clássico (Zhu, 2016: 40). Assim sendo, são referências preciosas os exemplos do registo popular, em contraste com o estilo sublime, fornecidos na *Arte China*, podendo facilitar o conhecimento e a restauração da autêntica língua usada pelos falantes comuns da língua chinesa no século XIX.

#### **2.4 A importância das formulações alternativas no método pioneiro de ensino e aprendizagem do Padre Joaquim Gonçalves**

No tríptico metalinguístico e didático do padre lazarista do Real Colégio de S. José, Joaquim Gonçalves, observa-se uma quantidade notável de formulações alternativas respeitantes a vários níveis. Para melhor compreender a importância destas formulações alternativas, é necessário perceber o seu conceito – o que se entende pelas várias designações relacionadas com esta, a sua origem, como e por que surgiram e, por fim, a sua importância, com um foco especial no ensino e aprendizagem de línguas.

Relativamente ao conceito de *variação linguística*, na explicação de Fernández (1998), a variação linguística corresponde aos casos em que “o uso de um elemento em lugar de outro do mesmo nível não supõe nenhum tipo de alteração semântica: tanto se usa um como se usa o outro, se está dizendo o mesmo” (*apud* Oliveira & Nascimento, 2017: 339). Segundo este autor, a variação linguística ou as formulações alternativas são fenómenos linguísticos que permitem substituir uma expressão por outra equivalente sem alterar o significado. Todavia, essa correspondência nem sempre é perfeita, como dá a entender a afirmação acima, pois que existem sempre cambiantes semânticos e nuances insubstituíveis, o que não invalida que exista, ainda assim, variação. Dentro desta noção, Tarallo (2007) explica que variantes são nomes

---

<sup>42</sup> 《马氏文通》(*Mǎ Shì Wéntōng*).

dados às formas em variação, i.e., variantes são as diversas maneiras de se referir o mesmo assunto num mesmo contexto ou com o mesmo valor de autenticidade (*apud* Oliveira & Nascimento, 2017, 340). A este conceito há que acrescentar, no âmbito desta dissertação, ainda outro tipo de formulação alternativa: os casos das modulações contrárias que completam as várias possibilidades de interação num mesmo contexto.

Para entender este conceito da variação linguística é indispensável assumir o caráter heterogéneo das línguas. Conforme argumentam Saussure e Chomsky, as línguas são sistemas heterogéneos e não homogéneos (*apud* Oliveira & Nascimento, 2017: 339), ou seja, existe um pressuposto fundamental que defende a ligação inerente entre a variação e as línguas. As línguas não são uniformes, por conseguinte, apresentam variação de acordo com o meio social, geográfico ou situacional do qual o sujeito falante faz parte (Oliveira & Nascimento, 2017: 337). Para corresponder à necessidade de expressão diversificada em situações variadas, normalmente existem nas línguas diversas maneiras alternativas de exprimir ou transmitir o mesmo conteúdo. Segundo esta lógica, pode-se assumir que a variação linguística, sendo um fenómeno inerente a cada sistema linguístico, serve de excelente manifestação da heterogeneidade e da variedade das línguas.

As variedades linguísticas são estudadas sobretudo no campo de investigação da Sociolinguística, neste caso, uma área das ciências da linguagem que coloca um foco especial nos usos sociais da língua. Segundo Oliveira e Nascimento, tanto no campo da Linguística como no da Sociolinguística não se pode falar da noção de *uso* sem assumir a relação interdisciplinar língua-sociedade-contexto (*idem*, 337-8). Nesse sentido, para além dos fatores internos do sistema linguístico, destacam-se ainda conhecimentos externos, i.e., fora do núcleo linguístico, que são intrínsecos para o funcionamento das variantes linguísticas. Na perspetiva sociolinguística, a variação, sendo um fenómeno linguístico, engloba tanto os níveis fonético e fonológico, morfológico, sintático ou lexical, entre outros níveis internos do sistema da língua, como aspetos geográficos, sociais, situacionais e contextuais. Considerando esta interligação entre a língua-sociedade-contexto, pode-se assumir que a língua, e neste caso as variantes linguísticas, para além de funcionarem como ferramentas autorreflexivas e expressivas, servem ainda de observações sociais e contextuais que constituem uma fonte de constatação das inúmeras comunidades, multiplicando a expressividade em diversas ocasiões.

No entanto, as variantes linguísticas, sendo um elemento fundamental do sistema da língua, são muitas vezes desvalorizadas por preconceitos sociais ou negligência pedagógica. Perante tanta variação linguística inerente a cada sistema linguístico, não é difícil imaginar que as diversas variantes nem sempre recebam o mesmo nível de valorização por parte da

comunidade, tanto no sentido social como no pedagógico. Segundo o estudo de Oliveira e Nascimento (2017), no caso do Brasil todas as outras variantes são definidas tendo como critério a chamada variante padrão, que condiz com as prescrições dos manuais de norma padrão (340). Juntamente com este comentário, os dois autores fornecem uma proposta com base na análise de um manual pedagógico de ensino de português no Brasil. A partir dessa análise, concluem que as variedades da língua são utilizadas para ensinar ao aluno como corrigir um determinado uso, pois “esta temática é frequentemente apresentada a partir do argumento da comparação”, i.e., “uma língua culta, falada por pessoas cultas, prestigiadas” é comparada “com uma variedade caipira, do campo, falada por pessoas iletradas, simples” (348). O recurso pedagógico analisado por estes autores, apesar de mostrar a preocupação de evidenciar a existência de variedades linguísticas e direcionar o ensino e aprendizagem da língua para esta realidade, revela ainda muitas limitações.

De acordo com este estudo, e tal como em muitos outros estudos sobre o mesmo tema, não é difícil descobrir que no ensino e aprendizagem de línguas, a variação linguística, sendo um componente de tanta importância no sistema da língua, continua a ser um assunto desprezado. Se é este o tratamento das variantes linguísticas numa sala de aula de português língua materna, no caso do Brasil, não é difícil adivinhar a preferência pela norma padrão no ensino de português língua não materna. Diante deste tipo de negligência didática, nem todos os alunos de português língua não materna têm a oportunidade de conhecer as ricas variantes desta língua descendente do latim, espalhada pelo mundo graças aos Descobrimentos. De forma semelhante, nem todos os alunos de chinês língua não materna conheceriam esta língua viva e repleta de variação, devido à complexidade geográfica e étnica da sua terra de origem. Para preencher esta lacuna, ainda hoje por colmatar, o padre lazarista português, há dois séculos atrás, deixou aos seus seguidores uma proposta com recursos ricos de formulações alternativas, no seu sistema tripartido para o ensino e aprendizagem do português e do chinês. Com base nos pressupostos acima referidos, no próximo capítulo serão apresentados os vários tipos de variação juntamente com as formulações alternativas mais relevantes na obra de Joaquim Gonçalves. A análise dessa variação centrar-se-á na sua importância no ensino e aprendizagem e para o conhecimento e descrição do chinês e do português.



### **3. RECENSEAMENTO, CATEGORIZAÇÃO E ANÁLISE DE FORMULAÇÕES ALTERNATIVAS**

Tendo sido analisados no capítulo anterior estudos e reflexões relativamente à importância das formulações alternativas no sistema didático de Joaquim Gonçalves, neste capítulo procura-se orientar o estudo de regresso às três obras didáticas centrais do padre para o ensino de línguas, isto porque foi nesta trilogia que o mestre português nos deixou uma fonte de recursos linguísticos de relevância extraordinária para o ensino e aprendizagem de línguas vivas. Em comparação com este método de ensino, é lamentável admitir que o ensino de hoje ainda se encontra bastante limitado. As secções secundárias subsequentes iniciam-se com a apresentação dos vários tipos de alternativas do ponto de vista linguístico e das selecionadas para análise no presente estudo, sempre acompanhadas de breve exemplificação recolhida nas obras do padre Joaquim Gonçalves. No seguimento disto será apresentada uma inventariação das formulações alternativas mais relevantes com análises focadas na sua importância para o conhecimento e descrição do chinês e do português. Por fim, serão ressaltados alguns aspetos a aprofundar como trabalho futuro sobre a obra de Joaquim Gonçalves, com a finalidade de oferecer uma proposta para posteriores estudos no âmbito do ensino e aprendizagem de chinês e do português com aproveitamento do método de ensino de Joaquim Gonçalves, amplamente valorizado pelos seus contemporâneos, mas lamentavelmente esquecido pelos investigadores e docentes de hoje em dia.

#### **3.1 Tipos de alternativas**

Cada língua representa um sistema com a sua própria estruturação e coesão (Teixeira, 2014: 103), ou seja, é isto que se entende quando se refere o “português” e o “chinês” nas obras didáticas de Gonçalves – dois sistemas linguísticos autónomos, geográfica e culturalmente distintos, mas cada um devidamente estruturado e coerente por si só. Assumindo a natureza inerente da variação linguística para o sistema da língua, vale a pena referir quais os tipos de variantes linguísticas numa perspetiva sincrónica e diacrónica, em cada sistema linguístico, ou melhor, cabe verificar quais os fatores que contribuem para a existência de alternativas linguísticas portuguesas e chinesas comuns no século XIX, e que abundam nas obras metalinguísticas que são alvo deste estudo.

Uma variante linguística, por vezes designada como um subsistema de uma língua, “distingue-se pela associação do núcleo de características centrais dessa língua - lexicais, sintáticas e fonológicas - a um conjunto de características particulares envolvendo um ou mais destes níveis” e é determinada por diversos fatores, como, por exemplo, os de ordem geográfica e sociocultural, e ainda por contactos interlinguísticos (Peres & Mória, 1995: 34). Sob esta definição, pode-se entender que a variação linguística, sendo um fenómeno de alternância, resulta num conjunto de formulações alternativas e cabe ainda referir a coexistência de fatores linguísticos e extralinguísticos que podem ter conduzido ao surgimento da variação. Cunha e Cintra (2006: 2) fornece três tipos de diferenças internas que uma língua apresenta, podendo as mesmas ser mais ou menos profundas:

1.º) diferenças no espaço geográfico, ou VARIAÇÃO DIATÓPICA (falares locais, variantes regionais e, até, intercontinentais);

2.º) diferenças entre as camadas socioculturais, ou VARIAÇÃO DIASTRÁTICA (nível culto, língua padrão, nível popular, etc.);

3.º) diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, ou VARIAÇÃO DIAFRÁSICA (língua falada, língua escrita, língua literária, linguagens especiais, linguagem dos homens, linguagem das mulheres, etc.). (Cunha & Cintra, 2006)

Sob este ponto de vista extralinguístico, em termos dos casos concretos do português e do chinês estudados sob a docência do Padre Joaquim Gonçalves, tendo permanecido este grande sinólogo natural de Trás-os-Montes – uma região do norte de Portugal –, durante a sua missão no Extremo Oriente, em Macau – uma península na porta sul da China, geograficamente distinta da região central onde se falava o chinês padrão no século XIX, é do nosso interesse analisar os vários tipos de variação numa perspetiva comparativa entre os registos fornecidos por este padre lazarista e outros registos da mesma época, e até aos utilizados nos dias de hoje, de forma a destacar os fatores extralinguísticos, sobretudo as influências regionais e interculturais que poderiam ter motivado as formulações alternativas.

Olhando para os factos internos de cada sistema linguístico, as variantes englobam tanto o nível fonético e fonológico como o morfológico, o sintático, o lexical e o discursivo (Labov 2008, *apud* Oliveira & Nascimento, 2017). Sob esta perspetiva laboviana, pode-se categorizar a variação de acordo com a seguinte divisão: variação a nível gráfico, fonético e fonológico, morfofonológico, morfológico, morfossintático, sintático, lexical e semântico. É importante referir que nesta dissertação a designação das variantes a nível semântico diz respeito aos

aspectos de alternância semântica e pragmática, e que, para além destas categorias acima elencadas, se acrescenta ainda um outro nível – mudanças no âmbito da tradução e do conteúdo (formulações contrárias, modulações, informações diferentes), devido ao caráter comparativo do método de Joaquim Gonçalves – um ensino contrastivo bilingue – e ao contexto sociocultural, pois ao tempo em que as obras metalinguísticas deste mestre ganhavam forma, as duas línguas em estudo ainda se encontravam numa fase inicial de contacto linguístico entre si, o que implica que a tradução ou interpretação linguístico-cultural teve uma papel importante perante a enorme dificuldade na introdução de termos social e culturalmente distintos.

Regressando aos constituintes promotores de mudança, no tocante à interligação entre os fatores linguísticos e extralinguísticos que provocam a variação linguística, Fernández fornece a seguinte sugestão:

A variação fonético-fonológica e a do tipo morfológico e funcional vêm determinadas frequentemente por fatores linguísticos e extralinguísticos, a variação categorial e posicional (sintática) vem explicada majoritariamente por fatores linguísticos e a variação lexical, por fatores extralinguísticos. (1998: 31, *apud* Oliveira & Nascimento, 2017: 339)

Ou seja, tais fatores acima referidos estão interligados de determinada forma. No entanto, Fernández explica ainda o seguinte:

...não é possível conhecer de antemão que tipo de variáveis sociais vão atuar sobre os elementos linguísticos em uma dada comunidade de fala. Isso acontece porque, primeiro, os fatores atuam sobre a língua de maneira irregular, o (que) quer dizer que um mesmo fator social pode produzir diferentes variantes linguísticas em diferentes comunidades de fala, e segundo, os fatores sociais não estão configurados de formas idênticas em todas as comunidades. (1998: 31, *apud* Oliveira & Nascimento, 2017: 339-40)

É óbvio que essa ressalva de Fernández se refere individualmente aos fenómenos gerais de cada sistema linguístico, do ponto de vista do estudo de cada comunidade de fala dentro deste sistema, o que difere distintamente do alvo de estudo desta dissertação – fenómenos linguísticos ocorridos em dois sistemas linguísticos distintos no lapso temporal do século XIX. Mesmo assim, essa explicação destaca a diversidade linguística e extralinguística, ou seja, é importante analisar as ocorrências de forma separada e ao mesmo tempo contrastiva. Em termos concretos, para analisar as formulações alternativas da obra de Gonçalves, convém considerar as



características funcionais dos dois sistemas linguísticos aquando da comparação e relacionamento entre estes.

Em suma, quanto à categorização da variação linguística, consideram-se sobretudo três categorias – variação diatópica, diastrática e diafásica; entretanto, em termos dos níveis nos quais acontece a variação, geralmente considera-se que as variantes linguísticas ocorrem em todos os níveis do sistema linguístico: gráfico, fonético, fonológico, morfológico, sintático, lexical, semântico e pragmático, entres outros, não podendo esquecer-se as mudanças no âmbito da tradução e do conteúdo, no caso de textos paralelos em duas línguas. Os fatores linguísticos e extralinguísticos que conduzem ao surgimento de variação linguística estão interligados, mas é difícil impor uma definição exata para este relacionamento, devido à individualidade de cada comunidade de fala. Tendo em conta a distância linguística e geográfica entre o português e o chinês, na análise de variantes concretas que surgem nos vários subsistemas linguísticos será fornecida sempre que possível, lado ao lado, uma breve anotação dos fatores extralinguísticos que poderiam ter direcionado as duas línguas para a forma apresentada na obra de Joaquim Gonçalves, e no método de ensino e aprendizagem que ela pressupõe.

### **3.2 As formulações alternativas mais relevantes na obra de Gonçalves: sua importância no ensino e aprendizagem e para o conhecimento e descrição do chinês e do português**

Ao longo da leitura dos diálogos editados por Joaquim Gonçalves não é difícil sentir que a leitura nem sempre é fluída, devido à existência de uma quantidade significativa de formulações alternativas, as quais por vezes não apenas acabam por fornecer informações extra, mas também demonstram a preocupação ética e cultural deste mestre português e a sua vontade de diversificar e enriquecer os recursos didáticos. Com base na breve introdução dos vários tipos de alternativas acima abordada, nesta secção serão apresentados exemplos concretos de variação linguística recolhidos sobretudo do Capítulo V da *Arte China*. A escolha deste excerto, e não da obra publicada na sua totalidade, obedeceu a algumas razões.

Em primeiro lugar, este compêndio por si só é uma obra extensa e complicada, como é possível perceber através da apresentação da trilogia realizada no primeiro capítulo (cf. 1.1.2). Especialmente no que respeita aos capítulos II, III e IV, o autor pretende apresentar sempre que possível lado ao lado o estilo “vulgar” em contraste com o estilo “sublime”, englobando este

último estilo um conjunto de hábitos gramaticais bastante distintos dos do chinês moderno atualmente em uso. Na realidade, a autora da presente dissertação teve bastante dificuldade em lidar com o estilo “sublime” nas primeiras tentativas de recolha e análise de variação, pelo que optou por reservar essa parte para futuros estudos quando tiver maior capacidade linguística no que toca ao estudo histórico e ao estilo clássico da língua chinesa.

Em segundo lugar, a preferência pelo Capítulo V não apenas deriva da sua singularidade em comparação com outros métodos didáticos contemporâneos no âmbito do ensino da língua chinesa como língua estrangeira, sendo este uma fonte de materiais de alta qualidade para o ensino e aprendizagem do registo oral, mas também se deve à existência do manuscrito preparatório para a publicação do impresso, no qual é preservada tanto a romanização de alguns diálogos como diversos indícios de modificação que ajudarão a facilitar a compreensão de vários fenómenos observados nas variantes abaixo analisadas.

Para cada tipo de variação, exemplos recolhidos serão categorizados por tópicos específicos, identificados pela autora deste trabalho, e a análise será focada na sua importância no ensino e aprendizagem e para o conhecimento e descrição do chinês e do português. Necessita-se ainda de advertir que a quantidade de exemplos varia consoante o tipo de variação, pois existem aspetos que oferecem maior ou menor possibilidade de deteção e análise de mudanças, entretanto, procurar-se-á fornecer sempre um mínimo de dois exemplos para cada fenómeno particular, de forma a evitar a generalização diante de ocorrências alternativas pontuais.

### 3.2.1 A variação gráfica, fonética, fonológica e morfofonológica

Apesar de o português e o chinês representarem dois sistemas linguísticos com vários aspetos distintos, sendo o primeiro uma língua indo-europeia e o segundo uma língua sino-tibetana, duas famílias linguísticas bastante distintas, tanto um como outro remonta a épocas em que o manuscrito era o principal recurso de reprodução e divulgação de informação gráfica, enquanto a interação oral era o meio primordial de comunicação diária. Assim sendo, é uma das consequências previsíveis a existência de uma quantidade considerável de variação tanto a nível gráfico como a nível fonético e fonológico ou ainda a nível morfofonológico e morfológico, no caso concreto do português, sendo uma língua flexional.

Uma das principais diferenças entre estas duas línguas é a conexão entre a fala e a escrita, pois no caso do português as palavras são escritas através de letras latinas convencionais, maioritariamente de acordo com a pronúncia, não transmitindo as letras em si informações

pictográficas; quanto ao suporte gráfico do chinês, os sinogramas representam não apenas fonemas individuais, mas também símbolos logográficos. Devido a esta distinção, em termos da variação gráfica, o caso do português concentra-se sobretudo na confrontação entre a ortografia etimológica e a norma fonética, conforme revelam os estudos abordados na contextualização do português do século XIX (cf. 2.1.1), enquanto as variedades da grafia chinesa se focam em certos aspetos ideográficos devido à modificação das formas físicas dos caracteres chineses ao longo da sua evolução histórica.

De acordo com a contextualização do português do século XIX efetuada no capítulo anterior, em termos cronológicos, a época histórica da língua portuguesa na qual o padre Joaquim Gonçalves se dedicou à sua missão no extremo oriente – o século XIX, conhecido como o período arcádico/francês ou moderno –, não é considerada um intervalo repleto de mudanças significativas nem a nível ortográfico nem a nível fonético, pois “pelo fim do século XVI, quase todas as características distintivas do português arcaico haviam desaparecido” (Williams, 1991: 27). Apesar desta tendência geral de modernização ortográfica, nos registos alternativos encontrados na obra desse mestre linguista português, ficaram conservados vários traços autênticos tanto a nível gráfico como a nível fonético. Para cada categoria abaixo abordada, serão fornecidos exemplos retirados do Capítulo V Diálogos da *Arte China*, por partilhar conteúdo semelhante ao do manuscrito da mesma autoria editado, reorganizado e anotado por Anabela Barros e Ana Ng Cen em 2014 e posteriormente atualizado por Barros em 2017, o que facilita não apenas a comparação entre a grafia de então e a atual, mas também a análise das possíveis evoluções fonéticas, fonológicas e morfofonológicas.

Dentre os três períodos históricos da ortografia portuguesa, na definição de Williams (cf. 2.1.1), destacam-se os primeiros dois – o período fonético e o período etimológico – por precederem o período em que o Padre Joaquim Gonçalves desenvolveu os seus trabalhos metalinguísticos. Relativamente à variação gráfica decorrente desta primeira fase fonética, existem é possível identificar alguns aspetos na obra de Gonçalves, de acordo com Williams (cf. 1991: 33-40), e documentando cada categoria com ocorrências concretas dela recolhidas:

(1) Variação gráfica:

- a) alternância de *qu / c*;

Tabela 2 Variação gráfica qu / c

	Impresso (Gonçalves, 1829)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014) <sup>43</sup>	Manuscrito (ed. interpretativa, Barros e Ng, 2017)
i.	<b>Cincoenta</b> lís: meio dia de caminho. (254)	20. lís. <sup>44</sup> (281)	Vinte lis. (221)
ii.	Eu tenho cento e oitenta geiras de terra sêcca, e <b>cincoenta</b> de regadio, vinte geiras de horta, e tenho huma loja de toucados. (294)	Eu tenho 180 geiras de terra secca, <b>50</b> geiras de regadiu, 20 geiras de horta; e tenho hua loge de viveres; (387)	Eu tenho cento e oitenta jeiras de terra seca, <b>cincoenta</b> jeiras de regadio, vinte jeiras de horta, e tenho uma loja de víveres. (326)
iii.	Coube-lhe mais de cento, <b>cincoenta</b> taes. (301)	E elle participou mais de <b>150</b> taés. (409)	E elle participou mais de cento e <b>cincoenta</b> taéis. (348)

Acerca deste primeiro aspeto, não foi encontrado nenhum uso de *qu* em lugar de *c* no excerto analisado, mas foram identificadas três ocorrências de *c* por *qu*, todas na referência numeral *cincoenta*, cuja existência é considerada rara, de acordo com Williams (1991: 34). Embora seja considerado “encontrável, mas raro” por Williams (*idem, ibidem*), o uso de *c* por *qu* parece ser uma grafia bastante recorrente nos séculos XVIII e XIX, ao menos na referência numeral *cincoenta*. Castro (2015: 503) afirma que “é enganador pensar que harmonia e regularidade tivessem dominado o chamado período da ortografia etimologizante”, pois quem “folhear um autógrafo de Camilo facilmente concluirá que o homem que mais palavras conhecia do dicionário não revelava igual perícia enquanto ortografista. Da sua pena tanto saíam *Relação* como *Rellação* e *Relaçam*; ... *cincoenta* ou *sincoenta*; ...”. Embora a variação entre as últimas duas grafias consista na representação da sibilante, fica confirmado o uso de *c* por *qu* em ambos os casos. De forma parecida, Felício e Xavier, num estudo dedicado às variantes gráficas em manuscritos goianos dos séculos XVIII e XIX, acrescentam a variação do uso de *co* por *qu* às variações consonantais, afirmando que este uso ocorreu apenas no vocábulo *cincoenta* com alta frequência, a saber cinquenta e cinco ocorrências no auto analisado e cinco nas cartas estudadas (Felício & Xavier, 2019: 65).

b) alternância de *g* / *gu*;

<sup>43</sup> Quanto à alternância gráfica acima abordada e à ocorrência da mesma na obra do Padre Gonçalves, para garantir a veracidade dos exemplos abaixo apresentados, será sempre comparada a ortografia no códice 7975 da BNP, conservada na edição crítica de Barros & Ng (2014), com a da edição atualizada das mesmas autoras com a ortografia modernizada por Barros que serve como uma referência do que seriam as palavras de acordo com a ortografia atual (*idem*, 2017).

<sup>44</sup> Conforme anotado em Barros & Ng (2014: 281), trata-se de uma resposta totalmente diferente na *Arte China*, apesar de possuir a mesma unidade de medida chinesa.

Tabela 3 Variação gráfica g / gu

	Impresso (Gonçalves, 1829)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)	Manuscrito (ed. interpretativa, Barros e Ng, 2017)
i.	Quero lavar-me, e ainda não me tróxaerão <u>àgoa</u> . (242)	Quero lavar-me. Ainda me não trouxerao <u>agoa</u> ? (237)	Quero lavar-me. Ainda me não trouxeram <u>água</u> ? (177)
ii.	Não tenha medo, he vinho <u>agoa</u> . (247)	Não tenha medo; hé vinho <u>agoa</u> . (253)	Não tenha medo; é vinho- <u>água</u> . (193)

No total foram encontrados cinco exemplos da grafia “agoa”<sup>45</sup> no fragmento analisado. Segundo Williams (*ibidem*), no início do século XV os escribas começam a empregar *guo* em lugar de *gu* por causa da alternância entre *gu* e *g*, ou seja, de acordo com a representação gráfica de então, abundavam grafias como *aguoa* e pelo fim do mesmo século, *guo* foi substituído por *go*, daí *agoa* por *água*. Pelos vistos, este costume histórico manteve-se até ao século XIX.

c) alternância de *g*, *gi* e *j*;

Tabela 4 Variação gráfica g, gj e j

	Impresso (Gonçalves, 1829)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)	Manuscrito (ed. interpretativa, Barros e Ng, 2017)
i.	Dizem, que là para <i>Suchoan</i> entrarão tropas <u>estranjeiras</u> , fazendo hostilidades. (260)	Dizem, q’ lá p. <sup>a</sup> Sutchun entrarão tropas <u>estrangeiras</u> , fazd. <sup>o</sup> hostilid. <sup>es</sup> , (302)	Dizem que lá para Sutchun entraram tropas <u>estrangeiras</u> fazendo hostilidades. (241)
ii.	Porque há dois annos estando hum <u>sugeito</u> em hum aperto, hum meu amigo veio da parte delle tomar dinheiro emprestado. (284)	Porq’ hum <u>sug.<sup>to</sup></u> vendosse em aperto, hum meu am. <sup>o</sup> veio da parte d’elle tomar dinhr. <sup>o</sup> . (363)	Porque hum <u>sujeito</u> vendo-se em aperto, um meu amigo veio da parte dele tomar dinheiro emprestado. (302)
iii.	Fui pedir huma dívida, e cobrindo-me o <u>sujeito</u> de injurias. (292)	Fui pedir hua divida, e o <u>sug.<sup>to</sup></u> cubriome de injurias. (384)	Fui pedir uma dívida e o <u>sujeito</u> cubriu-me de injúrias. (323)
iv.	Eu suspeito mal de hum <u>sugeito</u> . (592 <sup>46</sup> )	Eu suspeito mal de hum <u>sujeito</u> . (393)	Eu suspeito mal de um <u>sujeito</u> . (332)

<sup>45</sup> Citam-se aqui apenas dois exemplos, por serem repetitivos. As outras três ocorrências ficam registadas nas páginas 257 (*Tem, e com muito boa agoa*), 275 (*Nós nas nossas póças temos pouca agoa*) e 281 (*so nos grãos boto agoa*) da *Arte China*.

<sup>46</sup> Trata-se de um erro tipográfico: esta página corresponde à 295.

v.	Quero, que todos se me <u>sugeitem</u> . (297)	Quer, q' todos se lhe <u>sugeitem</u> . (399)	Quer que todos se lhe <u>sujeitem</u> . (338)
----	--	---	---

Quanto a este aspeto ortográfico, foram encontradas sobretudo duas grafias que representam esta alternância: *estrangeiro/a* e *sujeito/sujeitar*. Nos exemplos acima citados observa-se certa indecisão relativamente à representação gráfica do contóide fricativo chiante sonoro /ʒ/ (Barroso, 1999: 94)<sup>47</sup>, pois no impresso ficam registadas ao menos duas tentativas de correção do autor acerca destas grafias, como é o caso da ocorrência de *estranjeiras* no impresso no mesmo lugar em que se regista *estrangeiras* no manuscrito, no primeiro exemplo, e *sujeito* no lugar de *sugeito* no terceiro exemplo.

d) alternância de *i*, *y* e *j*;

Tabela 5 Variação gráfica *i*, *y* e *j*

	Impresso (Gonçalves, 1829)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)	Manuscrito (ed. interpretativa, Barros e Ng, 2017)
i.	hum fulano tomàra dinheiro emprestado, <u>hypothecando</u> esta terra, (280)	hum N. tomou hum dinhr.º emprestado, e <u>hipothecou</u> esta terra; (354)	um N. tomou um dinheiro emprestado e <u>hipotecou</u> esta terra, (293)
ii.	Actualmente tenho em meu poder a escritura de empréstimo de baixo da <u>hypotteca</u> do campo. (280)	Actualm.te tenho em meu poder a Escripura do empréstimo debaixo da <u>hipoteca</u> do campo. (354)	Actualmente tenho em meu poder a escritura do empréstimo debaixo da <u>hipoteca</u> do campo; (293)

O substantivo *hypotteca* e o gerúndio da sua derivação verbal *hypothecando* representam o emprego único da letra *y* na representação do vocóide oral anterior fechado /i/.

e) alternância de *u* e *v*;

f) alternância de *x* / *is*;

Relativamente a estas duas subclasses e) e f) propostas por Williams, não foram encontradas variantes a nível gráfico no capítulo V da *Arte China* nem no manuscrito preparatório da mesma que se enquadram nos respetivos protótipos.

g) alternância de *m*, *n* e *til*;

<sup>47</sup> Foi adotada nesta dissertação a nomenclatura utilizada por Henrique Barroso (1999) para referir os vários sons da língua portuguesa.

Tabela 6 Variação gráfica m, n e til

	Impresso (Gonçalves, 1829)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)	Manuscrito (ed. interpretativa, Barros e Ng, 2017)
i.	Isto he inverno, as arvores ainda não <b>rebentão</b> . (229)	Isto hé Inverno. As arvores ainda não <b>rebentaõ</b> . (194)	Isto é inverno. As árvores ainda não <b>rebentam</b> . (134)
ii.	O vicerei de Cantão deo parte ao Imperador, que os Macaistas <b>vendião</b> opio. (261)	O ViceRei de Cantaõ deu parte ao Imperador, q' os Macaistas <b>vendião</b> opio. (303)	O Vice-rei de Cantão deu parte ao Imperador que os Macaísta <b>vendiam</b> ópio; (242)
iii.	<b>Vierão</b> cartas agora? (262)	<b>Vieraõ</b> cartas agora? (308)	<b>Vieram</b> cartas agora? (247)
iv.	Eu he que ditribúo os salários aos <b>pioês</b> . (272)	Eu sou o q' distribuo os salarios aos <b>Pioens</b> . (337)	Eu sou o que distribuo os salários aos <b>peões</b> . (276)
v.	Algumas vezes trabalhamos todos em <b>cõmum</b> . (274)	Alguas vezes trabalhão to/todos em <b>commum</b> . (342)	Algumas vezes trabalham todos em <b>comum</b> . (281)
vi.	Eu queria <b>acõmodá</b> -lo. (276)	Eu queria <b>acommodallo</b> . (345)	Eu queria <b>acomodá</b> -lo, (284)
vii.	Posto que longa, he mais <b>cómmoda</b> . (253)	Posto q' longa hé mais <b>comoda</b> <sup>48</sup> . (276)	Posto que longa é mais <b>cómoda</b> . (216)
viii.	Eu nem quero, que elle fique prejudicado, nem eu <b>incommodado</b> . (284)	Eu naõ quero, q' elle fique perjuridado, nem ficar eu <b>incomodado</b> <sup>49</sup> . (363)	Eu não quero que ele fique prejudicado, nem ficar eu <b>incomodado</b> ; (302)
ix.	Com quem falar <b>contigo</b> . (251)	Com q. <sup>m</sup> falar <b>com tigo</b> . (272)	Com quem falar <b>contigo</b> . (212)
x.	Ella há de querer trazer <b>comsigo</b> três, ou quatro filhos. (300)	Ella hade querer trazer 3. ou 4 filhos. (407)	Ela há-de trazer três ou quatro filhos. (345)

No que toca a esta última subclasse que diz respeito à alternância de *m* e til no âmbito da representação de vogais nasais, foram encontrados centenas de exemplos só no capítulo V da *Arte China*. Trata-se de formas alternativas a nível gráfico para representar a desinência da terceira pessoa do plural em vários tempos verbais com o uso de *ão* em lugar de *am*, como é o caso de *rebentão* no presente do indicativo, *vendião* no pretérito imperfeito do indicativo e *vierão* no pretérito perfeito do indicativo nos primeiros três exemplos acima apresentados. É de destacar que não foi encontrado nenhum caso excepcional em relação a este uso, pois houve

<sup>48</sup> A letra “m” é com til.

<sup>49</sup> A letra “m” é com til.

muitas ocorrências que não foram incluídas nesta tabela, tendo em consideração a sua grande quantidade e por representarem casos idênticos ou parecidos. Fontes, Coelho e Kemmler confirmam a predominância da grafia *ão* na representação do ditongo [ẽw] “em substantivos e nas terceiras pessoas do plural, sejam elas tónicas ou átonas” de acordo com as práticas de escrita oitocentistas (2014: 34).

Em termos do quarto aspeto de variação acima citado, o exemplo iv., tanto a grafia substituída no impresso como a forma inicialmente adotada no manuscrito, para além de evidenciar variação antiga a nível fonético, que será analisada na subsecção seguinte, servem de exemplos que demonstram a alternância de *n* e til na representação do vocóide nasal anterior semifechado /ẽ/ a seguir ao vocóide oral posterior fechado /o/.

Conforme afirma Williams (1991: 34), “o til foi usado pelo *m* intervocálico para ganhar espaço num esforço de manter a linha dentro dos limites da margem direita”. Esta suposição fica confirmada tanto pelos exemplos v. e vi. como pelos exemplos vii. e viii., nos quais o padre parece ter encurtado as palavras para manter tudo em linha no impresso e no manuscrito, respetivamente.

Por fim, sobre a alternância entre *m* e *n*, foram encontrados ao menos dois registos exemplares, como no caso dos excertos ix. e x., acima listados, da contração entre a preposição “com” e os pronomes pessoais tónicos da segunda pessoa do singular “ti” e da terceira pessoa do singular “si”.

(2) O uso do *h*:

- a) para marcar o hiato entre duas vogais diferentes ou entre vogais de qualidades diferentes;

Tabela 7 O uso do *h*: hiato entre duas vogais diferentes ou entre vogais de qualidades diferentes

	Impresso (Gonçalves, 1829)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)	Manuscrito (ed. interpretativa, Barros e Ng, 2017)
i.	Esta, já lhe <b>cahiu</b> a folha, (225)	Esta já lhe <b>cahiu</b> a folha. (184)	Esta já lhe <b>caiu</b> a folha. (124)
ii.	<b>Ahi</b> está. (242)	Eila <b>ahí</b> . (237)	Ei-la <b>ái</b> . (177)
iii.	Prepara-te de pressa para <b>sahir</b> . (245)	Preparate de pressa p. <sup>a</sup> <b>sahir</b> . (244)	Prepara-te depressa para <b>sair</b> . (184)



Segundo Williams (35), este uso da letra *h* como separador de duas vogais distintas manteve-se em muitas grafias de palavras até que foi eliminado pela *nova ortografia*<sup>50</sup>, pois segundo o mesmo a presença e ausência da letra *h* na palavra “sahida/saída” pode servir de exemplo para distinguir os teatros remodelados ou novos de Lisboa.

b) antes de vogais iniciais provavelmente com a função inicial de indicar o hiato com a vogal final da palavra antecedente, a qual mais tarde se integrou na grafia dessas palavras;

Tabela 8 O uso do h: antes de vogais iniciais

	Impresso (Gonçalves, 1829)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)	Manuscrito (ed. interpretativa, Barros e Ng, 2017)
i.	<b><u>Antehóntem</u></b> porque não vieste? (230)	<b><u>Antehontem</u></b> porq ão vieste? (199)	<b><u>Anteontem</u></b> por que não vieste? (139)
ii.	Eu <b><u>hontem</u></b> dormi mal; toda a noite não fechei olho. (241)	Eu <b><u>hontem</u></b> dormi mal. Toda a noite ão fechei olho. (232-3)	Eu <b><u>ontem</u></b> dormi mal. Toda a noite não fechei olho. (172-3)
iii.	<b><u>Hora</u></b> demore-se mais <b><u>hum</u></b> pouco. (259)	<b><u>Ora</u></b> demoresse mais hũ pouco. (299)	<b><u>Ora</u></b> , demore-se mais um pouco! (238)
iv.	<b><u>He huma</u></b> boa espada, aguda, forte, e bunita: o cabo <b><u>he</u></b> dourado. (263)	<b><u>He hua</u></b> boa espada, aguda, forte, e bonita: o cabo <b><u>hé</u></b> doirado. (309)	<b><u>É uma</u></b> boa espada, aguda, forte e bonita; o cabo <b><u>é</u></b> dourado. (248)
v.	Todos os mais se podem omitir; mas este <b><u>he</u></b> mui difficil. (300)	Todos os mais se podem ommittir; mas este <b><u>é</u></b> m.to difícil. (406)	Todos os mais se podem omitir, mas este <b><u>é</u></b> muito difícil. (344)

Os primeiros dois exemplos confirmam o emprego da letra *h* como demarcador de duas palavras ao longo do desenvolvimento gráfico da língua portuguesa e a posterior integração da mesma na grafia das palavras. Na representação gráfica *antehontem*, compreende-se que o *h* funcione como alerta do hiato com a vogal final do prefixo “ante-”, contudo, surge igualmente no início da palavra “hontem”, conforme exibido no exemplo ii.

O terceiro caso acima mostrado representa um exemplo muito particular da inclusão da letra *h* na própria grafia da palavra. Neste caso ao acrescentar a letra *h* na palavra *ora* do

<sup>50</sup> Refere-se ao acordo ortográfico formulado por uma comissão nomeada pelo governo português em 1911 e oficialmente adotado nesse espaço geográfico em 1916, que mais tarde foi ligeiramente alterado e finalmente adotado pelo Brasil em 1931 (Williams, 1991: 41).

manuscrito para o impresso, do ponto de vista meramente semântico, poderia ficar confusa a intenção do padre quanto à aplicação do vocábulo substantival de referência temporal “hora” ou da interjeição “ora”.

Relativamente às grafias destacadas no último exemplo deste grupo, cuja ocorrência é a mais frequente dentre todas as ocorrências da letra *h* no Capítulo V da *Arte China*, Williams (1991: 35) supõe que o uso de *he* em lugar de *é* em particular era provavelmente devido à necessidade de distinguir o verbo da conjunção “e”, enquanto *huma/hua* representa um exemplo da incorporação de *h* na grafia regular da palavra. No entanto, no último exemplo acima apresentado, repara-se que no manuscrito o padre teria usado a forma moderna do verbo auxiliar “ser” na segunda pessoa do singular do presente do indicativo e apenas a modificou no impresso para a grafia antiga. Ou seja, através deste exemplo, nota-se que, embora o uso da grafia *é* em substituição da grafia *he* já tivesse sido comentado em 1574 como um fenómeno novo (Williams, *ibidem*), a indeterminação em relação ao seu uso, ou neste caso o conflito entre a grafia fonética e a etimológica/pseudoetimológica prosseguiu ao menos até ao século XIX.

c) por falsa regressão;

d) frequentemente omitido quando se encontra na posição inicial em grafias de palavras que o tinham em latim clássico;

e) depois de consoante por *i* consonantal, cujo uso sobreviveu apenas nas grafias *lh* e *nh*.

f) como formas alternativas para as grafias *ni*, *n e nn* na representação do som /ñ/ e *li*, *l e ll* do som /λ/. Relativamente a estas três subclasses c), d) e) e f), não foi encontrada variação a nível gráfico que se enquadre nos respetivos protótipos.

(3) O uso do *p* ortográfico intruso:

a) a prática de inserir em latim vulgar e em latim medieval um *p* entre *m* e *n* com a finalidade de preservar o som de ambas as consoantes nasais mantiveram-se no português arcaico por mera tradição ortográfica;

b) um *p* era semelhantemente inserto em palavras talvez por reminiscência de formas latinas.

Ao longo da análise da variação gráfica, não foi observado nenhum caso de tradição ortográfica do uso do *p* entre *m* e *n* nem o uso do *p* por assimilação.

(4) Vogais contíguas:

a) As vogais em hiato resultaram da queda de consoantes intervocálicas;

- b) Continuaram a ser usadas por tradição muito depois de haverem sofrido crase na pronúncia;
- c) Mais tarde foram usadas sequências semelhantes em lugar de uma vogal simples para indicar nasalização ou talvez o alongamento da vogal nasalizada;
- d) Foram, também, usadas em lugar de vogais tónicas simples, após a queda de consoantes intervocálicas;
- e) também foram usadas para indicar o acento de intensidade; esse uso provavelmente teve origem no facto de, na primitiva ocorrência (isto é, após a queda de uma consoante intervocálica) uma das duas vogais ser em regra acentuada;
- f) Foram usadas numa espécie de contaminação ortográfica;
- g) no início do século XVI vieram a ser usadas para indicar o som aberto de vogal (*a, e e o*), sendo o fechado indicado por uma vogal simples.

No que às vogais duplas diz respeito, por a maioria representar ao mesmo tempo mudanças a nível fonético, registos encontrados neste âmbito serão abordados na subsecção seguinte juntamente com outras variantes fonéticas observadas ao longo do recenseamento e categorização de exemplos.

(5) Consoantes duplas:

- a) Em posição intervocálica sem fins fonéticos, salvo os casos de *ff*, *rr* e *ss*;

Tabela 9 Consoantes duplas: em posição intervocálica sem fins fonéticos

	Impresso (Gonçalves, 1829)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)	Manuscrito (ed. interpretativa, Barros e Ng, 2017)
i.	Sempre estás a dizer, que <b><u>offendes</u></b> aos outros; (231)	Sim, sempre estás a dizer, q' <b><u>offendes</u></b> aos outros; (201)	Sim, sempre estás a dizer que <b><u>ofendes</u></b> aos outros;(141)
ii.	Mas não basta <b><u>confessa</u></b> -lo. (231)	Mas naõ basta <b><u>confessallo</u></b> ; (201)	Mas não basta <b><u>confessá</u></b> -lo, (141)
iii.	Eu <b><u>opponho</u></b> -me a isso. (218)	<b><u>Opponho</u></b> -me a isso. (160)	<b><u>Opponho</u></b> -me a isso. (101)
iv.	<b><u>Desappareceo</u></b> , mudou de sitio. (228)	/	/
v.	Quantos <b><u>annos</u></b> tem Vmc <sup>e</sup> .? (223)	Quantos <b><u>an.</u></b> <sup>s</sup> tem Vmc. <sup>e</sup> ? (178)	Quantos <b><u>anos</u></b> tem Vossemecê? (118)

vi.	Tu tens <b>penna</b> , tinta, e tinteiro? (231)	Tu tens <b>penna</b> , tinta, e tinteiro? (203)	Tu tens <b>pena</b> , tinta e tinteiro? (143)
vii.	Somente me mandou furtar o tempo às <b>ocupações</b> , para vir à aula. (231)	Som.te me mandou furtar o tempo ás <b>ocupacoês</b> p.a vir á aula. (202)	Somente me mandou furtar o tempo às <b>ocupações</b> para vir à aula. (142)
viii.	Hei de <b>accusar</b> -te ao mestre. (234)	Heide <b>accuzarte</b> ao Mestre. (209)	Hei-de <b>acusar</b> -te ao mestre. (149)
ix.	Não te <b>permitto</b> chegar à minha presença, antes de te reconciliares com elle. (236)	Naõ <del>hte</del> <b>permitto</b> chegar á minha presença, antes de te reconciliares com elle: (216)	Não te <b>permito</b> chegar à minha presença antes de te reconciliares com ele. (155)
x.	Todos os mais se podem <b>omittir</b> . (300)	Todos os mais se podem <b>ommittir</b> . (406)	Todos os mais se podem <b>omitir</b> . (344)
xi.	Ha algumas nuvens, não se vêem as <b>estrellas</b> . (227)	Há alguas nuvens. Naõ se vem <b>estrellas</b> . (188)	Há algumas nuvens. Não se vêem <b>estrelas</b> . (128)
xii.	Todo o homem de bem <b>falla</b> mandarim. (249)	Todo o homem de bem <b>falla</b> mandarim. (264)	Todo o homem de bem <b>fala</b> mandarim. (204)

Conforme afirma Williams (1991: 39), “todas as consoantes duplas que existiram em latim clássico podem ser encontradas no português arcaico”. Nesse sentido todas as letras duplas intervocálicas representavam sons idênticos ao da respetiva letra simples com a exceção dos *ff*, *rr* e *ss*. No caso de *ff*, Williams explica que esta grafia dupla pode transmitir possível intenção de indicar inconfundivelmente o som de *f*, uma vez que o *f* simples intervocálico latino se tornava *v* em português. Quanto às consoantes duplas sem fins fonéticos, foram encontrados no Capítulo V as seguintes ocorrências conforme exemplificadas na tabela acima inserida: *pp*, *nn*, *cc*, *tt*, e *ll*.

b) Em posição outra que não a intervocálica com possíveis fins fonéticos.

Ao longo da análise, não foram encontradas grafias de consoantes duplas em posição inicial ou final com possíveis indicações fonéticas (cf. Williams 1991: 39).

Tratados nesta parte os traços ortográficos caraterísticos do período fonético, abordaremos de seguida o período etimológico. Este período, também chamado pseudoetimológico, representa uma fase caraterizada por grafias latinas e gregas que conduzem à desatenção à pronúncia (Williams, 1991: 40). Em relação aos traços caraterísticos desse período, Williams assinala os seguintes aspetos (cf. 40-1):

(6) Divergências ortográficas oriundas das línguas clássicas:

a) *ch, ph, rh, th e y* em palavras de origem grega ou de suposta origem grega;

Tabela 10 Línguas clássicas: *ch, ph, rh, th e y*

	Impresso (Gonçalves, 1829)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)	Manuscrito (ed. interpretativa, Barros e Ng, 2017)
i.	Ha quem diga, que a religião <b>Christã</b> he o mesmo, que a de <i>Fo</i> , a dos Letrados, a da Sociedade do ceo, e terra, e da Branca flôr de trate, a da Razaõ do Ceo. (299)	Há q.m diga, q' a Religiaõ <b>Christa</b> hé o m.mo, q' a Seita do fogo <i>Tau</i> ; ajuntam.to do Ceo, e da terra, a Seita da branca flor <i>Lim</i> , a Seita da razaõ do Céu. (402)	Há quem diga que a Religião <b>Cristã</b> é o mesmo que a Seita do Fogo <i>Tau</i> , o Ajuntamento do Céu e da Terra, a Seita da Branca Flor <i>Lim</i> , a Seita da Razão do Céu. (341)
ii.	Tu fallas por <b>amphibologia</b> . (217)	Tu fallas por <b>amphibologia</b> . (159)	Tu falas por <b>anfibologia</b> . (100)
iii.	has de fazer dois <b>themas</b> cada mez. (233)	has de fazer dois <b>themas</b> cada mez. (208)	hás-de fazer dois <b>temas</b> cada mês. (148)
iv.	hum fulano tomãra dinheiro emprestado, <b>hypothecando</b> esta terra, (280)	hum N. tomou hum dinhr.º emprestado, e <b>hipothecou</b> esta terra; (354)	um N. tomou um dinheiro emprestado e <b>hipotecou</b> esta terra, (293)

Com a exceção de *rh*, abundam os exemplos doutros dígrafos *ch, ph, th* e de *y* em palavras de origem grega ou de suposta origem grega no excerto analisado. Vale anotar que todos os três dígrafos *ch, ph, th* representam consoantes aspiradas em grego antigo enquanto o *y* representa uma vogal arredondada. De acordo com Barros (2012: 94-5), as consoantes aspiradas de origem grega já não se pronunciariam em latim, pedidas desde o período clássico, no entanto, posteriormente em tempos classicizantes, ortógrafos conservadores tendiam levar a revalorização das línguas clássicas, sobrecarregando as aspiradas sem valor fonético. Desta forma, embora não seja possível afirmar relativamente à pronúncia diacrónica das palavras acima anexadas, é de fácil observação o privilégio que o próprio autor dava à grafia grecizante.

b) *ct, gm, gn, mn, mpt* e consoantes duplas em palavras de origem latina;

Tabela 11 Línguas clássicas: *ct, gm, gn, mn, mpt e consoantes duplas*

	Impresso (Gonçalves, 1829)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)	Manuscrito (ed. interpretativa, Barros e Ng, 2017)

i.	Isto não he mais, que huma <b>conjectura</b> . (222)	Isto não hé mais q <sup>51</sup> . hua <b>conjectura</b> , (175)	Isto não é mais que uma <b>conjectura</b> , (115)
ii.	Traze seis tigelas de arroz, e cinco de <b>conducto</b> . (247)	Traz 6. tigellas de arroz, e 5. de <b>conducto</b> : (254)	Traz seis tigelas de arroz e cinco de <b>conduto</b> ; (194)
iii.	Não tem estes <b>destructivos</b> da vida humana. (268)	Não tem estes remedios destruidores <sup>52</sup> da vida humana. (325)	Não tem estes remédios destruidores da vida humana. (264)
iv.	os que usão da <b>auctoridade</b> para extorquir a torto, e a direito, (274)	que uzaõ da <b>authorid.<sup>e</sup></b> p. <sup>a</sup> extorquir a torto, e a dir. <sup>to</sup> ; (341)	que usam da <b>autoridade</b> para extorquir a torto e a direito; (280)
v.	He <b>signal</b> de bom tempo. (227)	Hé <b>signal</b> de bom tempo. (190)	É <b>sinál</b> de bom tempo. (130)
vi.	Quero sella-la, e desapareceo o <b>signête</b> . (262)	Quero selalla. Dezapareceu o sello <sup>53</sup> . (307)	Quero selá-la. Desapareceu o sêlo. (246)
vii.	Puz, mas não me <b>assignei</b> . (262)	Puz; mas não me <b>assignei</b> . (307)	Pus, mas não me <b>assinei</b> . (246)
viii.	... que não precisava mais, do que um papel copiado do livro da geonologia, <b>assignado</b> pelo chefe da parentela. (305)	Que não precisava mais, do q' de hum papel, Copiado no Livro da família, <b>assignado</b> pelo chefe da Parentella. (418)	Que não preciava mais do que de um papel copiado no Livro da família, <b>assinado</b> pelo chefe da Parentela, (357)
ix.	Estamos no <b>outomno</b> . (229)	<Chegámos ao Verãõ↓> <sup>54</sup> (196)	Chegámos ao Verão. (136)
x.	Então difícil he, não cahir com <b>somno</b> . (233)	Entaõ difícil hé não ter <b>sono</b> . (208)	Então difícil é não ter <b>sono</b> . (148)
xi.	Senhor, elle tem por costume <b>damnificar</b> a honra e negocios alheios com os seus juramentos falsos. (234)	S. <sup>r</sup> . Elle tem por costume <b>damnificar</b> a honra, e interesses alheios com os seus juram. <sup>tos</sup> falsos. (211)	Senhor. Ele tem por costume <b>danificar</b> a honra e interesses alheios com os seus juramentos falsos, (151)
xii.	porem nos requerimentos, e memoriaes nada houve da <b>calumnia</b> . (307)	porem nos requerim. <sup>tos</sup> , memoriaes, nada houve de <b>calumnia</b> ; (423)	porém, nos requerimentos, memoriais, nada houve de <b>calúnia</b> (362)
xiii.	O jantar està <b>prompto</b> . (446 <sup>55</sup> )	O Jantar está <b>prompto</b> . (249)	O jantar está <b>pronto</b> . (189)
xiv.	V. Sa. Espere, que eu receba despacho do Exmo. Vice rei, que então he fácil concluir este <b>assumpto</b> . (272)	V. Sr.a espere, q' venha Desp.o do Exm.o ViceRei, p.a tratar disto <sup>56</sup> . (335)	Vossa senhoria espere que venha despacho do Excelentíssimo Vice-rei para tratar disto. (274)

<sup>51</sup> Trata-se de *q* com til.

<sup>52</sup> Como refere Barros, do manuscrito para o impresso alternou-se entre os adjetivos sinónimos *destruidor/destructivo* (Barros & Ng, 2014: 325).

<sup>53</sup> Conforme comenta Barros, verifica-se aqui variação lexical entre *sello/signête* (Barros & Ng, 2014: 207).

<sup>54</sup> Conforme comenta Barros, esta sequência apresentada no manuscrito distingue-se da do impresso (Barros & Ng, 2014: 196).

<sup>55</sup> Esta página na verdade corresponde à página 246, logo a seguir à 245, podendo resultar de gralha tipográfica.

<sup>56</sup> Como observou Barros, esta frase apresenta ampla variação no impresso (Barros & Ng, 2014: 335).

Sendo o português uma língua decorrente da transformação do latim, é esperável a ocorrência de grafias etimológicas latinas, como se pode verificar nos exemplos acima abordados. Neste âmbito, com a exceção de *gm*, todos os outros casos ocorrem no excerto analisado. É de ressaltar ainda que as grafias de consoantes duplas, já incluídas em (5a), não ficam exemplificadas nesta tabela. É curioso que algumas destas grafias etimológicas foram apresentadas de forma diferente na versão manuscrita, como é o caso do exemplo iii.: a palavra *autoridade* era apresentada com o dígrafo *th* no manuscrito e com *ct* no impresso; no exemplo x. a grafia da palavra *sono* incluída no manuscrito identificava-se com a grafia moderna, enquanto a grafia apresentada no impresso demonstrava esforço do autor a defender a grafia etimológica. De forma geral, apesar de algumas ocorrências esporádicas de grafias fiéis à pronúncia, quanto a palavras de origem latina, abundam os exemplos de grafias etimológicas e ainda pseudoetimológicas.

No que diz respeito a esta variação a nível gráfico, Barros (2012; 2015) fornece estudo detalhado em torno das sequências consonânticas de uma perspetiva diacrónica, comparando diversas fontes históricas de carácter metalinguístico tanto monolíngues como bilíngues e ainda multilíngues. Em termos concretos, segundo a mesma investigadora, a assimilação de sequências consonânticas, ou redução a uma só consoante, já era comum desde o latim vulgar e a formação do galego-português (Barros, 2015: 70). A ortografia conservadora e latinizante resulta da valorização e ascendente das línguas clássicas, no entanto a preferência pela grafia clássica ou etimológica não implica necessariamente que a realização fonética fosse de igual forma conservadora, e não a antiga com assimilação (Barros, 2012: 103). Apesar da prioridade geralmente dada à conformação etimológica, estes grupos consonânticos ficaram preservados em alguns contextos particulares:

Sendo muitas formas atuais em português europeu mera reprodução das latinas quanto à manutenção dessas sequências consonânticas, os vestígios e provas da antiga evolução fonética comum por via popular ficaram encerrados nos textos antigos sem exigências e preocupações de manutenção da grafia culta e latinizante (a qual pode também, naturalmente, esconder uma eventual realização fonética diferente da evidência gráfica), e muito em particular nos manuscritos para uso pessoal (sem intentos de publicação imediata) e nas obras metalinguísticas bilíngues e multilíngues elaboradas fora do espaço continental e longe dos círculos eruditos mais seguidores da ortografia latinizante. (Barros, 2015: 68)

No caso concreto de Joaquim Gonçalves, através dos exemplos acima abordados e tal como afirma Barros (2015: 85), o gramático do século XIX residente em Macau, uma região longe da sua pátria, “revela, mesmo no manuscrito, a sua preocupação com a manutenção, pelo menos ortográfica, das sequências consonânticas latinas” com a exceção de *sono* no manuscrito e *somno* no impresso (exemplo x.). Para além desta forma assimilada, ao menos a nível ortográfico, preservada no manuscrito, Barros destaca ainda um conjunto de atestações esporádicas das seguintes formas evidenciando assimilação no manuscrito, mas cuja variante etimológica, não assimilada, terá sido retomada a partir do português clássico e perdura até hoje como forma exclusiva, no português:

gn > n	<i>pronóstico</i> , com 5 atestações (duas na p. 17; 34; 399; 414)
sc > s	<i>florecer</i> (70); <i>conciencia</i> (282)
rs > s	<i>pessuadia</i> (337), mas também <i>persuadia</i> (350)
dv > v	<i>aversa</i> ("a estrella viajante aversa a elle", 370)
ns > s	<i>trabordar</i> (41), <i>traborde</i> (414); <i>demonstração</i> (427) (Barros, 2015: 84)

Segundo a mesma autora, “as formas assimiladas alternam, contudo, com um leque muito amplo e frequente de outras graficamente conservadoras” (*idem, ibidem*), ou seja, embora a grafia clássica tenha recebido um alto nível de valorização, foram conservadas também provas desta mudança fonética, isto é, a redução das sequências consonânticas a uma só, que já teria início no século XVI, frequentemente observada nas rimas do tipo *divino/ signo* ou *signo/ fino* na poesia barroca (Barros, 2012: 103-4). Portanto, a ocorrência das consoantes duplas na obra de Gonçalves, espelha também, para além da questão ortográfica, real variação fonética, no que concerne a algumas dessas sequências, e de inversão evolutiva em consequência do classicismo e da revalorização das línguas clássicas e da perfeição do latim.

c) na mesma época, abundavam as falsas regressões ortográficas.

Relativamente às falsas regressões ortográficas categorizadas por Williams (1991: 40), não foram encontrados exemplos.

(7) Alternância de *s* final com *z*.

A simplificação do sistema de sibilantes teve lugar no século XVI, o que também marcou a principal mudança de natureza fonológica desse período (Castro, 2011: 188). Porém, devido a esta simplificação fonológica, variação a nível ortográfico permaneceu pelo menos até ao



início do século XIX, como revelam os seguintes exemplos retirados da obra de Joaquim Gonçalves.

Tabela 12 Variação gráfica s final / z

	Impresso (Gonçalves, 1829)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)	Manuscrito (ed. interpretativa, Barros e Ng, 2017)
i.	has de fazer dois themas cada <b>mez</b> . (233)	has de fazer dois themas cada <b>mez</b> . (208)	hás-de fazer dois temas cada <b>mês</b> . (148)
ii.	até o Tártaro, e o <b>Portuguez</b> , falla-os correntemente (259)	ainda m. <sup>mo</sup> Man xou, e o <b>Portuguez</b> , falla-o lindam. <sup>te</sup> (298)	Ainda mesmo Man xou, e o <b>Português</b> fala-o lindamente. (237)
iii.	Poseste a data? <b>Puz</b> , mas não me assignei. (262)	Puzeste a Data? <b>Puz</b> ; mas não me assignei. (307)	Puseste a data? <b>Pus</b> , mas não me assinei. (246)
iv.	Foi pôr hum imposto para o concerto dos muros e a cada casa <b>poz</b> alguns taes de mais. (301)	Foi pôr hum emposto p. <sup>a</sup> o concerto dos muros; e a cada caza <b>puz</b> alg. <sup>s</sup> taés de mais <sup>57</sup> . (409)	Foi pôr um imposto para o conserto dos muros e a cada casa <b>pôs</b> alguns taéis de mais. (348)

Segundo Williams (*ibidem*), este fenómeno brotou de imitação de palavras como *simplez*, *vez*, *fez*, etc., tal como demonstram os exemplos supra identificados. Na verdade, para além da alternância entre *s* e *z* finais, de acordo com os registos analisados, observa-se também uma indeterminação geral relativamente ao emprego das sibilantes conforme abaixo abordado. Relativamente a esta troca entre o *s* e o *z* em posição final, Castro fornece a seguinte explicação no tocante ao processo de palatalização das fricativas /s/ e /z/:

A palatalização das fricativas /s/ e /z/ em posição implosiva, isto é, em final de sílaba, é mais uma inovação portuguesa de origem meridional, que foi documentada pela primeira vez em 1746, no *Verdadeiro método de estudar* de Luís António Verney: «Não só o *s* final pronunciava como *x*, mas também o *z* final» (Verney 1746: 77-78). Não se conhece a causa desta palatalização, que afecta o antigo *s* apicoalveolar, depois convertido em predorsodental; faz sentido que seja após essa fase, em que *-s* final se confundia com *-z* final numa única consoante /s/, que a palatalização para /ʃ/ tenha ocorrido, afectando por igual as ocorrências de ambas as grafias. (Castro, 2011: 199)

<sup>57</sup> Conforme comenta Barros, na obra publicada são regulares as formas com elevação correspondentes a *emposto* e *puz* (Barros & Ng, 2014: 409).

Segundo esta abordagem, é possível assumir que o motivo pelo qual abundava a alternância de *s* final com *z* no século XIX não se limite à imitação de palavras terminadas em *z*, mas também se deve à evolução da pronúncia /s/ e /z/ no final de sílaba, tendo-se passado a pronunciar [ʃ].

(8) Alternância de *s* / *z* em posição intervocálica.

Tabela 13 Variação gráfica *s* / *z* em posição intervocálica

	Impresso (Gonçalves, 1829)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)	Manuscrito (ed. interpretativa, Barros e Ng, 2017)
i.	Eu, ainda que reduza toda a minha <b><u>casa</u></b> a dinheiro, não posso restituir tudo. (273)	Eu ainda q. reduza toda a minha <b><u>caza</u></b> a dinheiro, naõ posso restituir tudo. (339)	Eu, ainda que reduza toda a minha <b><u>casa</u></b> a dinheiro, não posso restituir tudo. (278)
ii.	Compõnho-me com os corretores, e <b><u>pesadores</u></b> : eles assim <b><u>pêsão</u></b> hum pouco melhor: estes <b><u>pesadores</u></b> tem arte para tudo. (282)	Componhome com os <b><u>pezadores</u></b> ; elle assim <b><u>peza</u></b> hũ pouco melhor. Estes <b><u>pezadores</u></b> tem arte p. <sup>a</sup> tudo. (360-1)	Componho-me com os <b><u>pesadores</u></b> ; ele assim <b><u>pesa</u></b> um pouco melhor. Estes <b><u>pesadores</u></b> têm arte para tudo: (299-300)
iii.	Vê se queres trocar huma <b><u>coisa</u></b> por outra. (263)	Ve se queres trocar hua <b><u>coiza</u></b> pella outra. (310)	Vê se queres trocar uma <b><u>coisa</u></b> pela outra. (249)
iv.	Eu huma vez tornei a agoa do campo <b><u>visinho</u></b> para o meu: no outro dia o <b><u>visinho</u></b> , vendo que não havia agora, chamou 6, ou 7 homens para tirâr àgoa. (275)	Eu tirei agoa do campo <b><u>vizinho</u></b> p.a o meu; porq' a minha possa não tinha agoa: o <b><u>vezinho</u></b> chamou 6 ou 7 homens p.a tirar agora p.a dois dias. (342-3)	Eu tirei água do campo <b><u>vizinho</u></b> para o meu, porque a minha poça não tinha água. O <b><u>vizinho</u></b> chamou seis ou sete homens para tirar água para dois dias; (282)
v.	... indo comprar para outro algumas <b><u>coizas</u></b> , sisou-lhe trezentos, ou quatrocentos reis. (303)	... indo comprar por outros, sacoulhe 300, ou 400 reis. (412)	Indo comprar por outros, sacoulhes trezentos ou quatrocentos réis. (351)

Neste conjunto de registos, verifica-se a intenção de emenda por parte do autor relativamente à representação ortográfica do contóide fricativo sibilante sonoro /z/, como se demonstra nos primeiros três exemplos, nos quais, apesar da utilização geral da grafia *z* em posição intervocálica no manuscrito, o próprio autor tomou a decisão de emendar tais ocorrências na versão publicada. No entanto, também é possível observar algumas falhas ocasionais, como nos casos demonstrados nos últimos dois exemplos: no exemplo iv., a grafia “visinho” demonstra falsa correção, pois nesta palavra, do latim *vicīnu-* (ver *Dicionário da Língua Portuguesa*, 2003: 1731), a grafia *z* provém da palatalização de *ci* latino; no exemplo v., devido à modificação a nível sintático, a palavra “coiza” (de ***causam***) ficou afixada no

impresso sem ter sofrido a revisão ortográfica como sofreram os restantes exemplos acima abordados, visto que na sua origem latina *causa-* (idem, 377) se observa a letra *s* e não a *z*.

(9) Alternância de *s*, *ss* e *c/ç* em posições inicial e intervocálica.

Tabela 14 Variação gráfica *s*, *ss* e *c/ç* em posições inicial e intervocálica

	Impresso (Gonçalves, 1829)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)	Manuscrito (ed. interpretativa, Barros e Ng, 2017)
i.	Eu, ainda que reduza toda a minha casa a dinheiro, não posso restituir tudo, só posso <b>resarcir</b> -lhes huns poucos de táes. (273)	Eu ainda q. reduza toda a minha caza a dinheiro, naõ posso restituir tudo. (339)	Eu, ainda que reduza toda a minha casa a dinheiro, não posso restituir tudo. (278)
ii.	Elle há de fazer como tu <b>disseres</b> . (302)	Elle de certo hade fazer, como tu dizes. (411)	Ele decerto há-de fazer como tu dizes. (350)
iii.	Vamos de pressa, se estás <b>cançado, descansarás</b> depois de cêa. (226)	Vamos de pressa. Se estás <b>cançado, descansarás</b> depois da cea. (187)	Vamos depressa. Se estás <b>cansado, descansarás</b> deoious da ceia. (127)
iv.	Manda o <b>capateiro</b> concertar os meus <b>capatos</b> . (242)	Chama o <b>Sapatr.</b> <sup>o</sup> , p. <sup>a</sup> concertar os meus <b>sapatos</b> . (236)	Chama o <b>sapateiro</b> para consertar os meus <b>sapatos</b> . (176)
v.	O pente está <b>cujo</b> . (242)	O pente está <b>sujo</b> . (236)	O pente está <b>sujo</b> . (176)
vi.	Has de receber os juros a razão de 3 por cento, nem mais hum <b>seitil</b> . (283)	Has de receber os juros á razão de 3. por 100, e nem mais hum <b>ceitil</b> . (362)	Hás-de receber os juros à razão de três por cento, e nem mais um <b>ceitil</b> . (301)
vii.	Tomára eu daqueles <b>pêcegos</b> , laranjas, laranjas de casca fina, e gróssa. (226)	Tomára eu daqueles <b>pecegos</b> , laranjas de casca fina, e grossa. (186)	Tomara eu daqueles <b>pêssegos!</b> Laranjas de casca fina e grossa. (126)
viii.	Nós nas nossas <b>pócas</b> temos pouca agoa, no tempo da sêca, he difficil regar: eu huma vez tornei a agoa do campo visinho para o meu. (275)	No tempo de secca, eu tirei agoa do campo vizinho p.a o meu; porq' a minha <b>possa</b> não tinha agoa. (343)	No tempo da seca eu tirei água do campo vizinho para o meu, porque a minha <b>poça</b> não tinha água. (281-2)

A partir deste grupo de exemplos, nota-se a indeterminação relativamente ao emprego de *s*, *ss*, *c* e *ç* e final na representação do contóide fricativo sibilante surdo /s/ em posições inicial. Os exemplos i. e ii., fornecem uma comparação entre *s* e *ss*, sendo ambas as grafias utilizadas para representar a consoante /s/. Os exemplos, desde o iii. até ao vi., ilustram a dúvida em relação ao uso de *c/ç* para a representação da consoante /s/ no início de sílaba. Por fim, os

últimos dois registos acima citados, sobretudo o último, confirmam ainda esta indeterminação mesmo em posição intervocálica.

Em conclusão, o processo de adaptação ortográfica é pela sua natureza extenso e demorado, como é possível observar nos exemplos acima apresentados. Por exemplo, embora o uso moderno das grafias *-ão* e *-am* para distinguir as formas verbais da terceira pessoa do plural acentuadas das não acentuadas já tenha sido proposto por João Franco Barreto na sua *Ortografia da língua portuguesa* em 1671 (Williams, 1991: 40-1), a sua adoção não parece ter alcançado sucesso universal ao menos até ao século XIX. Pelos vistos, apesar das críticas construtivas que teriam surgido ao longo do tempo, a evolução ortográfica tem testemunhado não apenas amargas polémicas ortográficas, mas também deixa adivinhar os esforços por parte dos gramáticos e por cada indivíduo que utiliza a ortografia ao sabor da sua preferência em termos da escolha entre representações etimológicas e fonéticas.

Em relação a mudanças de natureza fonética e morfofonológica que marcaram o português do século XIX, com base nos aspetos infra abordados do Capítulo V da *Arte China* em comparação com a edição crítica do manuscrito relativamente ao impresso (Barros & Ng, 2014), e norteando-nos pela posterior atualização ortográfica, com alguma intervenção morfofonológica, efetuada por Anabela Leal de Barros em 2017, foram identificados os seguintes fenómenos que se enquadram na categoria das variantes a nível fonético, fonológico e morfofonológico:

(1) Apócope de *-to* no advérbio *muito*

Tabela 15 Apócope de *-to* no advérbio *muito*

	Impresso (Gonçalves, 1829)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)	Manuscrito (ed. interpretativa, Barros e Ng, 2017)
i.	Bem se ve, que tem raízes <b><u>mui</u></b> fundas, e fortes. (289)	Bem se ve, q' tem raízes <b><u>m.<sup>to</sup></u></b> fundas, e fortes. (377)	Bem se vê que tem raízes <b><u>muito</u></b> fundas e fortes. (316)
ii.	Todos os mais se podem omitir; mas este he <b><u>mui</u></b> difficil. (300)	Todos os mais se podem ommittir; mas este é <b><u>m.<sup>to</sup></u></b> difficil. (406)	Todos os mais se podem omitir, mas este é <b><u>muito</u></b> difficil. (344)

Conforme revela o comentário de Barros, “apenas no impresso com a forma antiga, apocopada, de ***multum*** > *muito* > *mui*” (Barros & Ng, 2014: 406). As formas divergentes do advérbio *muito/mui* tinham emprego contextual, usando-se a apocopada antes de adjetivo, contudo, a variação, no mesmo contexto, entre *muito* no manuscrito e *mui* no impresso parece evidenciar uma preocupação de requinte, formalidade, tendo o primeiro sido, provavelmente, usado de modo objetivo e desprezioso, no caderno pessoal, mas depois substituído pela

forma apocopada para publicação do texto. Ou seja, através desta variação do manuscrito para o impresso, pode observar-se o cuidado que o padre teve para tornar o texto didático o mais perfeito possível para os seus discípulos.

(2) Metátese de *-re* no prefixo *pre-*;

Tabela 16 Metátese de *-re* no prefixo *pre-*

	Impresso (Gonçalves, 1829)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)	Manuscrito (ed. interpretativa, Barros e Ng, 2017)
i.	Eu não <b>pertendo</b> ser médico, não preciso. (256)	Eu não <b>pertendo</b> ser medico; não preciso. (289)	Eu não <b>pretendo</b> ser médico; não preciso. (228)
ii.	O <b>perjuizo</b> , e damno dos piões todo procede de ti. (274)	O <b>Prejuizo</b> dos Peoens, todo procede de tí. (340)	O <b>prejuízo</b> dos peões todo precede de ti. (279)
iii.	Se me queres dar a terra, eu de nenhum modo quero o teu <b>perjuizo</b> . (279)	Se me queres dar terra, eu de nenhum modo quero o teu <b>prejuizo</b> . (352)	Se me queres dar terra, eu de nenhum modo quero o teu <b>prejuízo</b> . (290)
iv.	Não debes fazer coisas, que tanto <b>perjudicão</b> aos outros, e te aproveitão a ti. (281)	Naõ debes fazer coizas, q' tanto <b>prejudicaõ</b> aos outros, e te aproveitaõ. (359)	Não debes fazer coisas que tanto <b>prejudicam</b> aos outros e te aproveitam; (298)
v.	O proveito, e <b>perjuizo</b> está na sua mão. (282)	O proveito, e o <b>prejuizo</b> está na sua mão. (361)	O proveito e o <b>prejuízo</b> está na sua mão, (300)
vi.	Em tudo a justiça he o meu alvo, e não haver <b>perjuizo</b> de parte a parte. (283)	Em tudo a justiça hé o meu alvo, e não haver <b>prejuizo</b> de parte a parte. (361)	Em tudo a justiça é o meu alvo, e não haver <b>prejuízo</b> de parte a parte. (300)
vii.	Em todas as coisas he melhor sofrer algum <b>perjuizo</b> . (286)	Em todas as couzas hé melhor sofrer algum <b>prejuizo</b> . (370)	Em todas as coisas é melhor sofrer algum <b>prejuízo</b> . (309)

No caso do primeiro exemplo, trata-se de uma “forma com metátese (do latim *praetendere* > *pretender*) definitivamente em uso, o que se verifica pela sua presença ortográfica tanto no manuscrito como no impresso” (Barros & Ng, 2014: 289). Nos restantes exemplos, verifica-se o fenómeno de metátese na forma alternativa do substantivo *perjuizo* ou na sua forma variante de derivação verbal *perjudicar*, pois para o exemplo iii., Barros afirma que “nesta resposta, o impresso inclui mais um artigo e apresenta de novo o substantivo *perjuizo* com metátese, ao contrário do manuscrito, que inclui a forma etimológica e actual” (*idem*, 352). Curiosamente em todos os casos acima relatados salvo o primeiro exemplo, a metátese acontece exclusivamente após a modificação do manuscrito para o impresso, o que pode indicar que esta alternância, no que diz respeito à escolha entre a forma etimológica e a forma com metátese,

predominava sobretudo no registo escrito, sendo a versão manuscrita um reflexo mais fiel à pronúncia na sua generalidade, pois este fenómeno evidencia certamente a familiaridade com ambas as formas, sendo a forma com metátese muitas vezes usada no registo oral para desfazer os ataques consonânticos que possam introduzir mais dificuldade em termos de pronúncia, por exemplo na das crianças. Neste sentido, considera-se curiosa a intenção do autor aquando da modificação de tais grafias do manuscrito para o impresso, a qual poderá ter tido origem na preocupação didática visando o ensino de português como língua viva.

### (3) Síncope de *-e* nas palavras *adivinho/adivinhar*;

Tabela 17 Síncope de *-e* nas palavras *adivinho/adivinhar*

	Impresso (Gonçalves, 1829)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)	Manuscrito (ed. interpretativa, Barros e Ng, 2017)
i.	Os dias passados vieraõ ao meu lugar dois <b>adevinhos</b> . (299)	Vieraõ ao meu Beco dois <b>advinhos</b> . (404)	Vieram ao meu beco dois <b>advinhos</b> . (343)
ii.	E elles dizem bem, tim tim por tim tim tudo disséraõ, tudo <b>adevinháraõ</b> . (299)	E dizia q <elles diziaõ↑> bem, tim tim por tim tim. Tudo <b>adevinhavaõ</b> . (404)	E dizia que eles diziam bem, tim-tim por tim-tim. Tudo <b>advinhavam</b> . (343)
iii.	Escolher por hum calendário hum dia afortunado, observar o bom lugar, e <b>adivinhar</b> por letras, que fundamento tem? (301)	Há alguns, q' por hum calendário escolhem hum dia afortunado; Outros, q' observaõ o lugar, se hé bom, ou máo; outros, q' <b>advinhaõ</b> por letras; (407)	Há alguns que por um calendário escolhem um dia afortunado; outros que observam o lugar, se é bom ou mau; outros que <b>advinham</b> por letras. (346)

Anabela Leal de Barros explica esta variação de natureza fonética da seguinte forma: “*advinho* com síncope de vogal pré-tónica” (2014: 404). Esta síncope surge unicamente no manuscrito tanto na forma substantiva como na forma verbal, como se verifica no primeiro e terceiro exemplos acima fornecidos, enquanto no impresso se observa sempre a forma com dissimilação, presente no manuscrito em alternância com a forma sincopada.

### (4) Betacismo ou troca de *b/v*

Tabela 18 Betacismo ou troca de *b/v*

	Impresso (Gonçalves, 1829)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)	Manuscrito (ed. interpretativa, Barros e Ng, 2017)

i.	mas he hum <b>boato</b> sem fundamento. (260)	Mas hé hum <b>voato</b> sem fundamento. (302)	Mas é um <b>boato</b> sem fundamento. (241)
ii.	Naõ faz senão: passear na rua a namorar, tomar cha na loja de cha, e beber vinho na <b>taverna</b> , e publicar os namores alheios. (296)	E não tem ocupação seria; Só dorme em caza, Passea na rua; toma xá na Loge, e na <b>Taverna</b> bebe vinho. (396)	E não tem ocupação séria. Só dorme em casa. Passeia na rua; toma chá na loja e na <b>taverna</b> bebe vinho; (335)
iii.	Quando os pobres tem <b>vodas</b> , ou enterros, e não podem com os gastos, ajude-os. (302)	Quando os Pobres tem <b>vodas</b> , ou enterros, e não podem com os gastos, Ajude-os. (411)	Quando os pobres têm <b>bodas</b> ou enterros e não podem com os gastos, ajude-os. (350)

Relativamente a esta categoria de variação fonética, Barros fornece a seguinte explicação para o primeiro exemplo: “O impresso apresenta a forma regular, *boato*, sem a troca de *b* por *v* típica do norte de Portugal (Gonçalves é transmontano)” (2014: 302) e para o terceiro exemplo: “Na obra de 1829 mantém-se a forma *bodas* com fricativização, ou troca de *b* por *v*, ainda hoje comum a norte de Portugal” (411). Quanto à primeira variante gráfica, do manuscrito inédito para a obra publicada, centrada na palavra *boato* (do latim *boatus, us*), a opção pela forma regular e moderna parece ter sido motivada pela aproximação etimológica, havendo troca de *b* por *v* por interferência da pronúncia transmontana do padre, informalmente plasmada no manuscrito. Em termos das respetivas origens latinas das últimas duas palavras *taberna*, *-æ* e *vota* (plural de *votum*, *-i*), embora ambas as formas – tanto com *b* como com *v* – se encontrem atualmente em uso, a maioria dos dicionários aponta as duas formas com *v*, neste caso, *taverna* e *voda* para consulta “ver *taberna/boda*”.

Tendo tudo isto em consideração, pode-se entender que esta troca se deve à chamada alternância entre *b* e *v* geograficamente limitada aos dialetos do norte e centro de Portugal, cuja escrita, em termos cronológicos, apenas se começa a manifestar no final da Idade Média (Castro, 2011: 192). Sobre mais pormenores em relação a esta alternância, Ivo Castro explica o seguinte:

Enquanto nos dialetos portugueses do sul, e talvez no romance moçárabe que lhes serviu de substrato, havia desde o latim vulgar uma clara distinção entre dois fonemas, a oclusiva bilabial sonora [b] e a fricativa labiodental igualmente sonora [v], distinção consagrada na escrita, onde <v> e <b> nunca se confundem, no norte de Portugal, e no resto da Espanha setentrional, a posição de [v] era ocupada por uma bilabial fricativizada [β], que facilmente se confundia com a oclusiva [b], especialmente em posição intervocálica, e que está na origem da confusão fonética e gráfica. (Maia: 1986: 472-485; Mattos e Silva 1991: 89-91, *apud* Castro 2011: 192)

Nos últimos dois exemplos, ambas as palavras assinaladas se apresentam com *v* na obra de Joaquim Gonçalves, tanto no impresso como no manuscrito, como se verifica nos dois exemplos acima fornecidos, apesar de referirem níveis distintos de relacionamento com as suas origens latinas, sendo *vota* etimologicamente mais assertivo e *taverna* fricativado. A opção pelas duas formas ortográficas por parte de Gonçalves não se deveria explicitamente à etimologia, podendo servir como revelação quer da troca efetiva quer da neutralização de *b* e *v* ainda existentes no norte de Portugal, traço referido pela primeira vez pelo gramático Duarte Nunes de Leão na sua *Orthographia*, de 1576:

O que muito mais se vê nos Galegos e em alguns Portugueses d’ Entre-Douro-e-Minho, que por *vós* e *vosso* dizem *bós* e *bosso*, e por *vida* dizem *bida*. E quasi todos os nomes em que há *u* consoante mudam em *b*. E como se fizessem às vezes, os que nós pronunciamos per *b* pronunciam eles per *v*. (Leão 1576: 7r; transcrição modernizada, *apud* Castro 2011: 193)

Ou seja, este fenómeno não se traduz numa troca unidirecional de *b* por *v* ou *v* por *b*, mas de uma permuta em ambos os sentidos. Assim sendo, é possível deduzir que era provavelmente devido à variação fonética e gráfica, mas não etimológica, que Gonçalves adotava as respetivas formas ortográficas na sua obra.

#### (5) Desafricamento de /tʃ/;

Tabela 19 Desafricamento de /tʃ/

	Impresso (Gonçalves, 1829)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)	Manuscrito (ed. interpretativa, Barros e Ng, 2017)
i.	Em cima tem terrado, para acolà tem hum <u>xaguão</u> , horta, jardim, e secreta. (257)	Em sima tem terrado? P. <sup>a</sup> acolá tem hum <u>chaguaõ</u> . Horta, jardim, e secreta. (293)	Em cima tem terrado? Para acolá tem um <u>saguão</u> . Horta, jardim e secreta. (231-2)

Trata-se de um exemplo único no que respeita à troca da grafia *ch* por *x*, a qual possivelmente se devia à derradeira africada do português europeu iniciada no século XVIII (Castro, 2011: 198). Do manuscrito para o impresso, o padre Joaquim Gonçalves modificou o dígrafo *ch* para o grafema *x* no substantivo *xaguão*, o qual, na maior parte dos dicionários modernos, é acompanhado da referência “ver *saguão*”. Bluteau (1720: 432) fornece a seguinte informação acerca da palavra *saguão* “SAGUÃO, ou Çaguão. Segundo o Vocabulario do



Arcebispo de Granada, he palavre Arabica, & val o mesmo que lugar cuberto na entrada de hũa casa”. No *Dicionário da Língua Portuguesa* do Porto Editora, também é possível encontrar a seguinte descrição no que diz respeito à origem da palavra *saguão*: “do ár. vulg. *satuán*, do ár. cl. *utsuán*, pelo cast. *Zaguán*” (2003: 1485). Apesar de a origem etimológica desta palavra não estar diretamente relacionada com as duas representações gráficas adotadas por Gonçalves, através da indeterminação referente ao seu uso, é possível verificar a existência de problemas relacionados com a distribuição gráfica entre *ch* e *x*, pois, segundo Ivo Castro, esta mudança “consiste no desafricamento de /tʃ/, graficamente representado pelo dígrafo *ch*; a africada, assim, deixa de se distinguir da fricativa palatal surda /ʃ/, representada pelo grafema *x*” (Castro 2011: 198). A hesitação do padre entre as duas grafias podia ainda relacionar-se com a realização antiga da sibilante surda /s/, i.e., uma sibilante apical, próxima de /ʃ/.

(6) Vocalismo:

a) dissimilação e alternância entre as grafias *i* e *e*;

Tabela 20 Vocalismo: dissimilação e alternância entre as grafias *i* e *e*

	Impresso (Gonçalves, 1829)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)	Manuscrito (ed. interpretativa, Barros e Ng, 2017)
i.	Eu huma vez tornei a agoa do campo <b>visinho</b> para o meu: no outro dia o <b>visinho</b> , vendo que não havia agora, chamou 6, ou 7 homens para tiràr àgoa. (275)	Eu tirei agoa do campo <b>vezinho</b> p.a o meu; porq’a minha possa não tinha agoa: o <b>vezinho</b> chamou 6 ou 7 homens p.a tirar agora p.a dois dias. (342-3)	Eu tirei água do campo <b>vizinho</b> para o meu, porque a minha poça não tinha água. O <b>vizinho</b> chamou seis ou sete homens para tirar água para dois dias; (282)
ii.	Os dias passados vieraõ ao meu lugar dois <b>adevinhos</b> . (299)	Vieraõ ao meu Beco dois <b>advinhos</b> . (404)	Vieram ao meu beco dois <b>advinhos</b> . (343)
iii.	E elles dizem bem, tim tim por tim tim tudo disséraõ, tudo <b>adevinháraõ</b> . (299)	E dizia q <elles diziaõ↑> bem, tim tim por tim tim. Tudo <b>adevinhavaõ</b> . (404)	E dizia que eles diziam bem, tim-tim por tim-tim. Tudo <b>advinhavam</b> . (343)

Observa-se uma grafia com dissimilação *vezinho* no primeiro exemplo, sobre o qual Barros fornece o seguinte comentário: “tratando-se da obra publicada, preferiu-se a forma com vogal pré-tónica etimológica, *visinho*, não a dissimilada presente no manuscrito, *vezinho* (Barros & Ng, 2014: 343)”. De forma parecida, as formulações alternativas apresentadas na obra publicada, *adevinhos* e *adevinháraõ*, dão continuidade à dissimilação observável nestas palavras desde o período medieval (de *addivīnu-*, *Dicionário da Língua Portuguesa*, 2003: 33).

b) elevação da vogal átona /o/ para /u/ ou troca de *o* e *u*;

Tabela 21 *Vocalismo: elevação da vogal átona /o/ para /u/ ou a troca de o e u*

	Impresso (Gonçalves, 1829)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)	Manuscrito (ed. interpretativa, Barros e Ng, 2017)
i.	Tu levaste a roupa toda, ja não tenho <b>ubertôr</b> . (240)	Tu levaste a roupa toda: já não tenho <b>cobertor</b> . (229)	Tu levaste a roupa toda; já não tenho <b>cobertor</b> . (169)
ii.	He huma boa espada, aguda, forte, e <b>bunita</b> . (263)	He hua boa espada, aguda, forte, e <b>bonita</b> . (309)	É uma boa espada, aguda, forte e <b>bonita</b> . (248)
iii.	Porque conforme o <b>custome</b> das aldeas... (275)	Porq' conforme o <b>costume</b> das Aldeias... (343)	Porque, conforme o <b>costume</b> das aldeias... (282)
iv.	<b>Descubriendo</b> os alcaides hum herege, o trouxeram. (303)	Os Alcaides <b>descobririaõ</b> , e trouxeraõ hum herege. (414)	Os Alcaides <b>descobriram</b> e trouxeram um herege. (353)
v.	Mas o <b>Europeo</b> , ou o Tártaro não pôde saber todas as palavras da sua língua. (250)	Mas ou <b>Europeu</b> , ou Tartaro não pode saber todas as palavras da sua língua. (266)	Mas ou <b>européu</b> ou tártaro não pode saber todas as palavras da sua língua. (206)
vi.	O <b>réo</b> era sobrinho paterno do que não tinha herdeiros. (304)	O <b>réo</b> era sobrinho paterno, q' não tinha herdeiro. (416)	O <b>réu</b> era sobrinho paterno que não tinha herdeiro. (355)
vii.	E o outro <b>perdeo</b> a demanda. (304)	E outro <b>perdeu</b> a demanda. (417)	E outro <b>perdeu</b> a demanda. (356)
viii.	O caminho he <b>máo</b> . (224)	O caminho hé <b>máo</b> . (181)	O caminho é <b>mau</b> . (121)
ix.	He muito <b>mao</b> não ter paz com os irmãos, e aborrece-los: (236)	Hé m. <sup>to</sup> <b>máo</b> não ter paz com os Irmaos, e aborrecellos. (216)	É muito <b>mau</b> não ter paz com os irmãos e aborrecê-los. (155)

Conforme afirma Ivo Castro, a elevação da vogal oral posterior semifechada /o/ em posição não acentuada para a vogal oral posterior fechada /u/ teria surgido tanto a nível ortográfico como a nível fonético na primeira metade do século XVII (cf. Castro 2014: 194-5). Os primeiros quatro exemplos acima fornecidos traduzem-se em manifestações deste fenómeno fonético, pois nas quatro palavras assinaladas, nota-se que o autor apresentou as grafias fonéticas na obra publicada, apesar de ter mantido as respetivas grafias etimológicas no manuscrito: em termos concretos, a vogal oral posterior fechada /u/ em posição pretónica foi representado pela grafia *u* na versão impressa e por *o* na versão manuscrita. É decerto o surgimento desse fenómeno de natureza fonética, no entanto, também é possível verificar que o autor se esforçou para manter a conformidade entre a grafia e a pronúncia no processo preparatório para o impresso. Embora posteriormente as formas etimológicas se tornassem a norma padrão ortográfica, é fácil de aperceber que esta variação não teria atingido o seu término

na época de Joaquim Gonçalves, pelo contrário, teria provocado grande variação ortográfica, como é possível verificar na análise dos exemplos a seguir.

Para além da revelação ortográfica desta elevação, em relação aos dois grafemas *u* e *o*, na obra de Joaquim Gonçalves, verificam-se ao menos dois tipos de alternância, conforme revelam os exemplos v. a ix., isto é, a troca de *eu* por *eo* e *au* por *ao*. Ou seja, para a vogal oral posterior fechada /u/ em posição pós-tónica, existia grande incerteza aquando da sua representação ortográfica. Face à ampla disseminação do fenómeno fonético de elevação de /o/ átono para /u/, não sofre dúvida quanto à pronúncia destes dois dígrafos. No entanto, a razão por trás desta alternância poderia ter sido uma aproximação forçosa das representações etimológicas de /o/ pretónico.

### c) Variação hiato *ea* / tritongo *eia*

Tabela 22 Variação hiato *ea* / tritongo *eia*

	Impresso (Gonçalves, 1829)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)	Manuscrito (ed. interpretativa, Barros e Ng, 2017)
i.	Apaga a <b>candêa</b> . (240)	Apaga a <b>candeia</b> . (229)	Apaga a <b>candeia</b> . (169)
ii.	Sim, e também as minhas <b>mêas</b> . (242)	Sim. E também as minhas <b>meias</b> . (235)	Sim. E também as minhas <b>meias</b> . (175)
iii.	Que fizeste hontem depois de <b>cêa</b> ? (244)	Que fizeste hontem dep. <sup>s</sup> da <b>Cêa</b> ? (242)	Que fizeste ontem depois da <b>ceia</b> ? (182)
iv.	Como se chama a sua <b>aldêa</b> ? (254)	Como se chama a sua <b>aldeia</b> ? (281)	Como se chama a sua <b>aldeia</b> ? (221)

Ao longo da análise do Capítulo V da *Arte China*, frequentemente se encontram ocorrências de ditongos em lugar de tritongos atualmente considerados padrão, conforme se observa nos exemplos acima apresentados. Trata-se de um processo arcaico após a síncope de consoantes etimológicas intervocálicas, mas antes da conclusão do surgimento do fenómeno de epêntese de consoantes para separar vogais. Por exemplo, durante a evolução da primeira palavra *candêa* da sua origem latina *candela*, *-ae* (ver *Dicionário da Língua Portuguesa*, 2003: 290), desde a síncope da consoante intervocálica *l* até ao acrescento da vogal *i* para separar as suas vogais, como espelha a sua grafia atual *candeia*, encontrava-se em uso amplo a grafia apresentada com ditongo *candea*. Para além da ocorrência geral da forma intermédia após a síncope de consoantes intervocálicas, foram encontradas ao mesmo tempo grafias esporádicas da forma após a epêntese da vogal *i* em posição intervocálica exibida através dos tritongos *eio* e *eia*, como é o caso da palavra *meias* no exemplo iii., e noutras duas ocorrências desta mesma

palavra nas páginas 248<sup>58</sup> e 254<sup>59</sup>, tal como na forma *alheio* na página 275<sup>60</sup> da *Arte China*. Com base nisso, é possível assumir que na época histórica na qual a obra de Joaquim Gonçalves se enquadra já era comum o acréscimo de um segmento de natureza vocálica para separar duas vogais ao menos a nível fonético, apesar da posição predominante das grafias arcaicas a nível gráfico.

d) Variação ditongo *ou* / monotongação *o*;

Tabela 23 Vocalismo: troca de *ou* por *o*

	Impresso (Gonçalves, 1829)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)	Manuscrito (ed. interpretativa, Barros e Ng, 2017)
i.	Quero lavar-me e ainda não me <b>troxerão</b> água. (242)	Quero lavar-me. Ainda me não <b>trouxerao</b> água? (237)	Quero lavar-me. Ainda me não <b>trouxeram</b> água? (177)
ii.	Então sempre os livros Europeos são melhores hum <b>poco</b> . (250)	O q' hé, q' os Livros Europeus são mais fáceis hum <b>pouco</b> de ler. (267)	O que é, que os livros europeus são mais fáceis um <b>pouco</b> de ler. (207)

Trata-se de duas ocorrências únicas do uso do grafema *o* em lugar do dígrafo *ou* em todo o Capítulo V analisado, o que, apesar da alta possibilidade de representarem uma gralha tipográfica, poderia indicar ou a real monotongação, típica do sul do país, ou o esforço do padre para a distinção entre a vogal oral posterior semifechada /o/ e o ditongo /oi/, pois a grafia *ou* misturava-se frequentemente com *oi* consoante a distribuição geográfica da língua portuguesa e através desta utilização de *o* em lugar de *ou* poderia este receio evitar-se com facilidade.

De forma geral, com base nas análises acima abordadas relativamente à variação do português a nível gráfico, fonético e morfofonológico recolhida no Capítulo V da *Arte China* de Joaquim Gonçalves e no respetivo manuscrito inédito do mesmo autor, é possível compreender que, embora uma grande parte dos fenómenos de variação a estes níveis já estivesse em marcha há muito tempo, o processo da sua adoção ou regularização no século XIX ainda não tinha atingido o seu termo.

No caso do chinês da mesma época preservado neste texto, por o sistema de escrita ser sobretudo um suporte gráfico e não fonético, é de mais fácil observação a variação de natureza gráfica do que a mudança a nível fonético. Isto porque, para além da evolução natural ou

<sup>58</sup> “Esta carne está **meia** crua.”

<sup>59</sup> “Posemo-nos a jogar, primeiro em minha casa, e depois em casa do vizinho de paredes **meias**.”

<sup>60</sup> “Toda as, famílias devem de boamente guardar os seus gados: se os não guardem, e fõrem ao campo **alheio**, se os matarem, não tem, que dizer.”

diacrónica dos sinogramas, ao longo do processo de evolução das tecnologias de transmissão informática, desde os tempos em que o manuscrito era a principal fonte de reprodução escrita, tendo passado pela gravação e impressão, até à derivação, foi inevitável a ocorrência de variantes gráficas («Dictionary of Chinese Character Variants», 2016). No domínio da linguística aplicada da língua chinesa, abundam os estudos em torno das variantes gráficas dos caracteres chineses desde as fontes mais antigas de inscrições encontradas nos Ossos de Oráculo<sup>61</sup> até fenómenos de variação mais recentes. No entanto, visto que as obras didáticas alvo do presente estudo foram primordialmente realizadas no espaço temporal do século XIX, será apenas apresentada uma breve introdução às variantes ortográficas dos caracteres chineses numa perspetiva sincrónica.

Quando nos referimos às variantes gráficas dos caracteres chineses, ou *alografias*, devemos definir a sua denotação e conotação a partir dos três aspetos seguintes: a forma gráfica, a estruturação e o uso dos caracteres chineses e a característica essencial na definição de alografia consiste na equivalência funcional (Li, 2006: 71). Segundo este autor, os estudos relacionados com as variantes gráficas dos caracteres chineses possuem sobretudo dois objetivos práticos: em primeiro lugar, assistir no processo de leitura de documentos históricos, procurando entender se um certo sinograma possui a mesma função que um outro ou partilha a mesma pronúncia e significado; em segundo lugar, servir como referência para a normalização de uso dos caracteres chineses modernos, sobretudo no que diz respeito às relações inerentes entre a categoria, a pronúncia, o significado e a grafia de um determinado caráter (*idem*, 77). Para um enquadramento mais abrangente, vale propor uma breve explicação relativamente às duas normas ortográficas principais do chinês – a ortografia tradicional e a simplificada, sendo a primeira preservada e em uso atual nas regiões de Taiwan, Hong Kong e Macau e a segunda principalmente adotada na China continental e na maior parte das zonas ultramarinas de divulgação do chinês moderno.

Tendo em conta estes dois pontos de partida, no que diz respeito às variantes gráficas encontradas nas obras do P.º Joaquim Gonçalves, é do nosso foco de estudo a abordagem da coexistência das várias formas gráficas alternativas na trilogia pioneira de ensino e aprendizagem da língua chinesa como língua não materna, numa perspetiva comparativa entre as grafias nela preservadas e as respetivas manifestações gráficas atualmente modernizadas e normalizadas. De forma geral, a maior parte dos caracteres chineses registados no Capítulo V da

---

<sup>61</sup> Refere-se a 甲骨文 (*Jiǎgǔwén*, letras/escritas/grafias inscritas nos ossos de oráculo).

*Arte China* corresponde às grafias tradicionais, i. e., a ortografia antes da simplificação pós-reforma cultural da China. Nesta tabela apresenta-se um conjunto de caracteres chineses preservados na obra de Joaquim Gonçalves lado ao lado com as grafias geralmente consideradas prototípicas dentro do padrão tradicional, entre parênteses:

Tabela 24 Ocorrência comum das grafias tradicionais dos caracteres chineses

i.	Eu causo-lhe incommodo.	我難 <sub>為(爲)</sub> 你納 (215)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Que eu morra, se minto O ceo me castigue, se o que digo, he falso.	我 <sub>說(說)謊(謊)</sub> 我死 我 <sub>說(話)假(話)天(罰)我</sub> (217)	Impresso (Gonçalves, 1829)

Não é difícil reparar na concordância geral entre as grafias registadas na publicação de Gonçalves e as normas atualmente designadas como grafias tradicionais (para consultar as formas tradicionais dos caracteres acima assinalados, cf. 《现代汉语词典》 [*Dicionário do Chinês Moderno*], 2016)<sup>62</sup>. Para além destes caracteres chineses cuja manifestação na obra de Joaquim Gonçalves corresponde maioritariamente às formas tradicionais padrão, foram encontrados alguns caracteres chineses com grafias distintas das normas tradicionais ortodoxas, isto é, formulações variantes não padrão, como é o caso dos seguintes dois caracteres chineses:

(1) 𠵹: 𠵹 vs. 𠵹 (jiào)

Tabela 25 𠵹: 𠵹 vs. 𠵹 (jiào)

i.	Que queres, que eu faça?	你 <sub>𠵹</sub> 我作什么。(215)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Porque não houve, quem me acordasse.	因爲沒有人 <sub>𠵹</sub> 我。(230)	Impresso (Gonçalves, 1829)

(2) 𠵹: 𠵹 vs. 𠵹<sup>63</sup> (cái)

Tabela 26 𠵹: 𠵹 vs. 𠵹 (cái)

i.	So hum desavergonhado, he que pode testificar huma falsidade.	見證假事臉厚 <sub>𠵹</sub> 能 (217)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Ainda ha tempo: ainda agora he meio dia.	還有時候、 <sub>𠵹</sub> 上午 (227)	Impresso (Gonçalves, 1829)

<sup>62</sup> Para caracteres que possuem variação para além da forma tradicional regular, o *Dicionário do Chinês Moderno* identifica a forma tradicional com a marcação “<sub>𠵹</sub>” e variantes com a “<sub>𠵹</sub>”. Inclui-se nesta dissertação ainda uma terceira marcação para a grafia simplificada “<sub>𠵹</sub>”

<sup>63</sup> O sinograma “才” possui uma grafia tradicional “纔”, a qual apenas se utiliza sendo este um advérbio.

Nestes dois grupos de exemplos e noutras ocorrências dos mesmos caracteres chineses em todo o capítulo V da *Arte China*, foram aplicadas as grafias alográficas “𠃉” e “𠃊”, no entanto, nenhuma das duas grafias transitórias teve continuidade nem na norma dos caracteres simplificados nem na dos tradicionais. Para além do uso esporádico de algumas grafias alográficas, observam-se ainda alguns casos ocasionais nos quais a grafia apresentada na *Arte China* corresponde à versão pós-simplificação, ou seja, a ortografia atualmente corrente na China continental, embora possuam grafemas tradicionais prototípicos adotados nas regiões meridionais do país, como é o caso do seguinte:

(1) 𠃉个: 𠃉个 vs. 𠃊個 (gè)

Tabela 27 个: 个 vs. 個 (gè)

i.	Eu sempre te tratei de ‘hum modo particular.	我常待你另一个𠃉樣子(216)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Quem o crê?	這𠃉還有人信么 (218)	Impresso (Gonçalves, 1829)

Com base nos três grupos de exemplos apresentados, é possível perceber que, na obra de Gonçalves, predomina o uso de grafias tradicionais, embora haja lugar para o emprego esporádico de alografias e ainda grafias idênticas às normas de simplificação dos caracteres chineses. Tendo em consideração a tendência geral da evolução natural dos caracteres chineses, isto é, a simplificação dos mesmos com o objetivo de alcançar maior eficiência, é compreensível a coexistência das várias normas uma vez que ainda não tinham sido promovidos movimentos de normalização da escrita, que posteriormente foram lançados na China continental e nas regiões especiais do Sul. Para melhor se enquadrar esta ausência de uma norma universal, seguem abaixo algumas formulações alternativas a nível gráfico nas quais um sinograma poderia ter sido apresentado em mais do que uma forma, ou seja, os caracteres cujas variantes distintas coexistem na obra de Gonçalves:

(1) 𠃋儿: 𠃋兒 vs. 𠃋兒 (ér)

a) Substantivo:

Tabela 28 儿: 兒 vs. 兒 (ér) (substantivo)

i.	Quantos filhos tens?	你有幾個𠃋子 (223)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Q. <sup>tos</sup> Filhos tens?	你有幾個𠃋子 (179)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
iii.	Tenho 4 rapazes.	有四個𠃋子/小𠃋/小犬 (223)	Impresso (Gonçalves, 1829)

Atualmente a grafia “兒” é considerada a forma tradicional do grafema moderno e simplificado “儿” (cf. *現代漢語詞典 Dicionário do Chinês Moderno*, 2016: 343), sendo também a grafia ainda hoje empregada em Taiwan, Hong Kong e Macau, onde a ortografia tradicional se mantém em uso predominante, entretanto, a grafia “兒” é, por sua vez, considerada apenas como uma variante histórica, ou seja esta última traduz-se apenas numa etapa de evolução cronológica, mas não numa grafia fixada como padrão. A partir destes três exemplos, é possível perceber que o uso alternativo das duas formas não simplificadas do sinograma “兒” acontece não apenas do manuscrito para a obra publicada, como se verifica nos primeiros dois exemplos, mas também surge numa mesma obra, até em linhas muito próximas, sendo o iii. uma resposta à pergunta lançada em i., em posições adjacentes, apenas com uma linha de intervalo, tendo neste caso uma outra formulação alternativa da pergunta feita. É de destacar que, ao longo da análise, foram encontradas mais três ocorrências da forma “兒” nas páginas 235<sup>64</sup>, 244<sup>65</sup> e 280<sup>66</sup> do Capítulo V da *Arte China*, sendo em todas estas manifestações o “兒” usado como substantivo, no sentido de 'filho'.

b) Sufixos substantival, adjetival e verbal.

Tabela 29 儿: 兒 vs. 兒 (ér) (sufixos substantival, adjetival e verbal)

i.	Não ha remedio.	這個沒有法兒。(218)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Somente me mandou furtar o tempo às ocupações, para vir à aula.	不過命我忙裡偷空兒來念書。(231)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iii.	Eu estava brincando.	我玩兒。(218)	Impresso (Gonçalves, 1829)

Para além da função morfológica como substantivo, o “兒” possui ainda uma outra função em chinês: sufixo de alguns substantivos, adjetivos e verbos, sobretudo no dialeto do Norte, um uso frequente no chinês do século XIX e preservado na *Arte China*, sendo esta um compêndio metalinguístico destinado ao ensino e aprendizagem do mandarim – variante padrão oriunda do norte da China. Os três exemplos acima apresentados referem-se a três estruturas que revelam este fenómeno fonético de retroflexão: o primeiro elemento principal é um substantivo – “法

<sup>64</sup> “Cança-se em criar os filhos, para ficarem gente. 費力勞苦撫養兒女成人。”

<sup>65</sup> “Acostumando-te ao jogo, tua mulher, e filhos logo hão de padecer pobreza fome, e frio. 你習慣賭錢你妻子兒女不久就要受窮受飢寒。”

<sup>66</sup> “aquelle homem morreo, e seus filhos pouco sabem a respeito deste campo. 那個人死了他的兒子們不大知道這一種事情。”



(fǎ)” / “Lei, regra, Molde (Gonçalves, 1833: 537)”, o segundo é um adjetivo “空 (kòng)” / “vácuo, vão (575)” e o último é um verbo “玩 (wán)” / “brincar (610)”, todos com o sufixo retroflexo “兒 (er/r)”. O primeiro e o último uso correspondem à variação fonética setentrional, tornando as respetivas leituras em “(fār) e (wánr)”, enquanto o segundo é uma substantivação do adjetivo (livre → espaço temporal/tempo (livre). Vale a pena referir que o uso deste sinograma como sufixo acontece exclusivamente com a grafia “兒”. Curiosamente, para além do uso desta grafia como sufixo de retroflexão, um outro sinograma “耳 (ěr)”, totalmente distinto, cujo significado denotativo é 'orelha', também foi utilizado exatamente com a mesma função (cf. Uchida, 2011a: 240).

(2) 够: 勾 vs. 穀 (gòu)

Tabela 30 够: 勾 vs. 穀 (gòu) (uso alternativo)

i.	Conte comígo.	你能 <u>勾</u> 倚靠我 (215)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Isso he possível.	這是能 <u>勾</u> 的事情 (218)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iii.	Com efeito podes escrever-lhe hoje.	果然今日能 <u>穀</u> 寫書子給他 (262)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iv.	Tendo permissão por hum despacho, he que pode obrar.	批准後終能 <u>穀</u> 行 (271)	Impresso (Gonçalves, 1829)
v.	Mas não basta confessa-lo.	到底你單 的認錯不 <u>穀</u> (231)	Impresso (Gonçalves, 1829)
vi.	Porque naquele anno o negocio não deo o capital.	因爲那一年生意不 <u>穀</u> 本 (285)	Impresso (Gonçalves, 1829)

Através destes seis exemplos e dos restantes descobertos ao longo da inventariação, é possível entender que ambas as variantes alográficas eram usadas no verbo composto “能够 (nénggòu)” / “poder (cf. Gonçalves, 1833: 505)”, como se verifica nos primeiros quatro exemplos, enquanto o segundo grafema também se utiliza por si só, sendo um verbo no sentido de 'bastar'. De facto, foi encontrado apenas o segundo grafema na entrada “穀 (gòu)” / “Bastar (*ibidem*)” no *Diccionario China-Portuguez* composto por Joaquim Gonçalves, sendo a primeira registada como uma “letra” totalmente diferente – “勾 (gōu)” / “Gancho, Atrahir, Curvo (89)”, cujo uso se verifica no seguinte exemplo:

Tabela 31 够: 勾 vs. 穀 (gòu) (caso específico)

vii.	Deo com alguns malvados, que o induzirão a quebrantar as leis.	他遇著幾個假骨人 <u>勾</u> 引他犯王法 (295)	Impresso (Gonçalves, 1829)
------	--	-------------------------------	----------------------------

Ou seja, pode-se presumir que a primeira grafia “勾” corresponde a um caráter chinês totalmente distinto e que o seu uso nos contextos acima abordados se devia principalmente à aproximação fonética, pois ambos os caracteres possuem os três fonemas idênticos – *g, o e u*, somente com tons diferentes. Pela sua estruturação interior evidentemente mais sucinta, esta primeira passou a ser usada como a principal forma alternativa do sinograma “够”, com uma frequência muito superior à da outra variante de maior número de traços. No entanto, esta grafia mais simples não chegou a substituir o uso desta última grafia na sua totalidade, estando limitada apenas ao verbo “能勾 (nénggòu)” no sentido de 'poder'.

(3) 𠄎过: 𠄎过 vs. 𠄎過 vs. 𠄎過\*<sup>67</sup> (guò)

Tabela 32 过: 过 vs. 過 vs. 過\* (guò)

i.	Passa por aqui. Não posso passar.	從這裡 <u>過</u> *、 <u>过</u> 不去 (219)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Tu so com a boca dizes, que queres.	你不 <u>過</u> *嘴裡說要 (218)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iii.	Isto não he mais, que huma conjectura.	这个我不 <u>过</u> 這樣想 (222)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iv.	Naquella ocasião não foi mais, que hum ímpeto da natureza, mas logo reconheci o meu erro.	我不 <u>過</u> 那一次使性子 <u>過</u> *後就認自己的錯 (235)	Impresso (Gonçalves, 1829)
v.	Andarão à pancada? Sim.	打 <u>過</u> *架么 打 <u>过</u> 了 (262)	Impresso (Gonçalves, 1829)
vi.	Tu nada sabes do mundo, não tens experiência.	你沒有見 <u>過</u> *世面沒有經 <u>過</u> 事情 (274)	Impresso (Gonçalves, 1829)

Gonçalves regista esta entrada no seu dicionário chinês-português exclusivamente com a forma tradicional “過”, apesar de ter colocado a seu lado uma outra forma designada como “corrida (cf. Gonçalves, 1829: III.)”, a qual apresenta visualmente uma grafia mais coerente e sucinta, parecida com a manifestação do grafema posteriormente simplificado “过” (Gonçalves, 1833: 315). Através dos exemplos acima abordados, é possível reparar que a variação gráfica deste caráter chinês acontece com alta frequência, pois, conforme revelam o primeiro, o quarto, o quinto e o sexto exemplos, esta mudança ocorre até mesmo em linhas imediatamente

<sup>67</sup> Aqui a forma “過\*” refere-se à quarta grafia da primeira coluna da *Lista dos Carateres Chineses que Não Correspondem Exatamente à Variante Representada no Manuscrito*, composta por Ana Ng Cen (Barros & Ng, 2014: 77-8), i.e., o elemento direito do “禍” + o radical de “之”.

adjacentes. Em termos dos usos específicos, esta variação surge tanto na expressão adverbial "不過 (búguò)" / "só, não mais que", a seguir ao sujeito da frase, mas precedendo o predicado, como nos exemplos ii., iii, e iv., como no seu sentido denotativo 'passar', conforme revela o primeiro exemplo, ou até sendo partícula aspetual, para indicar uma experiência no passado, como se verifica nos dois últimos exemplos. Em suma, entende-se que a troca entre as três formas alternativas acontece repetidamente ao longo da análise do Capítulo V e certamente também nos restantes capítulos, evidenciando uma tendência para adotar a forma mais simples, como é o caso do grafema simplificado, cujo surgimento poderia estar associado ao estilo "corrido" da caligrafia chinesa.

(4) 几: 几 vs. 幾 (jǐ)

Tabela 33 几: 几 vs. 幾 (jǐ)

i.	Quantas vezes o viste?	見過他幾次呢 (222)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Quantos annos tem teu irmão menor?	你兄弟幾歲 (223)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iii.	Ha algumas dezenas de cadeiras, mais de dez mēzas...	有幾十把椅子十幾張檯子 (257)	Impresso (Gonçalves, 1829)

De acordo com as ocorrências deste sinograma observadas ao longo da recolha de dados exemplares, foram encontrados vários registos já com a grafia simplificada para o uso desse carácter como pronome interrogativo de quantidade "quanto(s)/a(s)", como no exemplo iii. Além desta simplificação que acontece a este grafema quando se apresenta como um carácter individual, quando o mesmo se torna num elemento constituinte, i.e., a "diferença (cf. Gonçalves, 1829: II)" de uma "letra chinesa (*idem*)", foram também descobertos os seguintes exemplos de simplificação gráfica:

Tabela 34 几: 几 vs. 幾 (jǐ) (extensão)

iv.	Acostumando-te ao jogo, tua mulher, e filhos logo hão de padecer pobreza fome, e frio.	你習慣賭錢你妻子兒女不久就要受窮受飢寒 (244)	Impresso (Gonçalves, 1829)
v.	Eu so sei, que a barriga me dá horas.	單知道肚裡飢餓 (245)	Impresso (Gonçalves, 1829)

Nestes dois casos, a simplificação recai no ideofonograma substantival "飢 (jǐ)" / "fome". O elemento esquerdo deste carácter "食 (shí)" / "comer" o seu radical/constituinte ideográfico ou

“gênero (*idem*)”, correspondendo à grafia posteriormente simplificada “𠂇”, e a parte direita “几” representa o seu constituinte fonético ou a “diferença” na palavra de Gonçalves. Nesta ocorrência, foi adotada a grafia simplificada somente para um elemento integrante, ou seja, trata-se de um exemplo do processo de simplificação parcial dos caracteres chineses que provavelmente testemunhou a transição histórica da essência da variação gráfica.

(5) 𠂇礼: 𠂇礼 vs. 禮 (lǐ)

Tabela 35 礼: 礼 vs. 禮 (lǐ)

i.	Faz huma cortesia: id.	作揖、行禮貌 (237)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Fallemos agora em noticias caseiras.	如今我們說個家常禮短的 (261)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iii.	Espero, que elles me dêem presentes.	等他們給我送禮 (273)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iv.	Nas obras reais acceitar presentes...	為工程私下受的禮物(273)	Impresso (Gonçalves, 1829)
v.	Que aqui estejas á tua vontade, não precisa muita cerimonia.	要你在這裡隨便、不必多禮 (215)	Impresso (Gonçalves, 1829)
vi.	No dia do anno bom queimar ramos de pinho, e acipreste, espetar na porta alguns pés de gergelim, na terceira Lua trazer huma coroa de salgueiro, (pelos defuntos), aos cinco da quinta Lua trazer artimisia, tudo são ceremonias vãs.	过年的時節燒松柏枝兒門上插芝麻楷兒清明帶柳圈兒端午帶艾都是虛假的禮 (300)	Impresso (Gonçalves, 1829)
vii.	O venerar a taboleta dos avós he hum rito essencial.	拜祖宗的牌子是一件大禮 (300)	Impresso (Gonçalves, 1829)

Ambas as grafias, tanto a simplificada como a tradicional, foram frequentemente empregues no capítulo analisado, embora somente a grafia tradicional tenha sido registada na entrada deste carácter chinês no dicionário chinês-português do mesmo autor, com as seguintes definições: “Cortezia. Ritos. Presente. (Gonçalves, 1833: 599)”.

Através dos exemplos acima fornecidos, é possível verificar que as duas formas são permutáveis reciprocamente para todos estes três sentidos. De entre estes exemplos, destaca-se a expressão idiomática “家常禮短 (jiācháng-lǐduǎn)” / “notícias caseiras”, no segundo exemplo, a qual se pode dividir em duas componentes “家常 (jiācháng)” / “vida quotidiana em contexto familiar” e “禮短 (lǐduǎn)” / “falta de cortesia”. Atualmente a forma regular desta expressão

refere normalmente a “家長里短 (jiācháng-lǐduǎn)”, sendo o segundo caráter “長 (cháng)” / “comprimento, virtude” homofônico com o “常 (cháng)” / “normalidade” e ao mesmo tempo antônimo do “短 (cháng)” / “curto, defeito” e o terceiro caráter “里 (lǐ)” / “vizinho” homofônico com o “禮/禮 (lǐ)” / “cortesia” possuindo uma ligação estreita com o campo lexical de “família”. Apesar destas nuances abordadas, tanto uma como outra eram utilizadas em várias redações literárias, conforme revelam estudos temáticos sobre os dois termos na maior parte do *corpus* de literatura chinesa<sup>68</sup>. De forma geral, este sinograma é mais um exemplo dos caracteres chineses, tal como alguns acima analisados cuja grafia simplificada já se encontrava em uso frequente na obra de Gonçalves.

(6) 么: 么 vs. 麼 (me)/(ma)

Tabela 36 么: 么 vs. 麼 (me)/(ma)

i.	Que he? não tenhas medo de falar.	什麼事情、放心說罷 (215)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Estou pronto a fazer, o que quiseres.	你要什麼我就作什麼 (215)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iii.	Queres embarcar?	要上船麼 (224)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iv.	Entendes China?	你懂得中國話麼 (222)	Impresso (Gonçalves, 1829)

Este grupo de exemplos abrange duas grafias alternativas, sendo uma simplificada e outra tradicional. É possível entender que esta troca é de natureza recíproca, i.e., tanto uma como outra podem assumir qualquer uma das funções gramaticais desta palavra. De acordo com o *Dicionário do Chinês Moderno*, o caráter “么 (me)” é categorizado como um sufixo, que integra os pronomes demonstrativos, e interrogativos (cf. 《现代汉语词典》 [*Dicionário do Chinês Moderno*], 2016: 884), como se verifica nos primeiros dois exemplos – “什麼/么 (shénme)” / “o que, que”. Para além desta explicação, o mesmo caráter aparece ainda numa outra entrada da forma “么 (ma)” / “uso antigo, igual à atual partícula interrogativa “吗 [ma]”, que se utiliza em posição final de orações interrogativas globais” (*idem*, 870), ocorrendo esse uso nos dois últimos exemplos acima apresentados. No entanto, de acordo com o *Dicionário Chinês-*

<sup>68</sup> Pela falta de recursos oficiais disponibilizados no ciberespaço, foram consultados alguns *corpora* online de autoria e licença desconhecidas, como é o caso de “中華文庫” (página inicial: <http://www.zhonghuashu.com/>) e “國學大師” (página inicial: <http://www.guoxuedashi.com/>), entre outros recursos digitalizados.

*Português* de Gonçalves, para a entrada registada com a grafia tradicional “麼” o autor marcou a pronúncia com a romanização (mo) (Gonçalves, 1833: 171), a qual não se identifica com nenhuma das duas leituras anteriormente mencionadas, ou seja, para além da variação gráfica, observa-se aqui ainda uma mudança de natureza fonética. Curiosamente, esta leitura não foi esquecida na sua totalidade, pois mantém-se no carácter “麼” (mó), que se utiliza na expressão literária “么麼” (yāomó) no sentido de “pequeno” e como apelido (cf. 《现代汉语词典》 [Dicionário do Chinês Moderno], 2016: 919).

(7) 𠃵难: 𠃵难 vs. 難 (nán)

Tabela 37 难: 难 vs. 難 (nán)

i.	Eu causo-lhe incommodo.	我𠃵為你納 (215)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Mas a lingua China he difficil.	到底中國話𠃵孝 (249)	Impresso (Gonçalves, 1829)

Neste grupo de exemplos referentes ao carácter “難”, é possível verificar que o processo de simplificação se concentra na redução do radical, neste caso, o elemento esquerdo do sinograma, o que difere de alguma forma das outras variantes acima elencadas.

(8) 𠃵听: 𠃵听 vs. 聽 (tīng)

Tabela 38 听: 听 vs. 聽 (tīng)

i.	VI. DIALOGO. <i>Escutar, e ouvir.</i> Ouves, o que eu digo? Não te ouço.	問答六 聽听見 你听見我說么。我听不見 (221)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Ouvi o relógio dar horas.	聽見鐘打了 (228)	Impresso (Gonçalves, 1829)

Através da comparação das duas grafias coexistentes do carácter “聽” no Capítulo V, repara-se que esta variação acontece de forma geral a todos os constituintes do mesmo, isto é, a simplificação não surge apenas no radical, como no caso do carácter analisado no item anterior, mas também abrange a substituição da grafia total por um elemento parcial, como é o caso dos itens (1), (3), (5), (6) e (7). Em termos concretos, o radical de orelha “耳” modificou-se para o de boca “口”, implicando a principal fonte de recursos auditivos enquanto a “diferença” se alterou para o grafema “斤 (jīn)”, que fornece o fonema nasal por proximidade, formando assim uma nova manifestação de natureza ideofonográfica.

## (9) 觉: 覺 vs. 竟 (jiào)

Tabela 39 觉: 覺 vs. 竟 (jiào)

i.	XVII. DIALOGO. <i>Dormir</i> He quasi noite; são horas de dormir. Tu dormes cedo. Não he cedo levanta-te, e vaite deitar.	問答十七 睡覺 天將黑。到了睡竟的時候 你睡的早。不早、起來睡竟去 (239)	Impresso (Gonçalves, 1829)
----	---	---	----------------------------------

No caso deste sinograma, foram capturadas tanto a forma tradicional como a variante analógica ao longo do texto analisado. Como é possível reparar através do excerto acima citado, esta variação surge até em linhas imediatamente próximas. Vale assinalar que a nível semântico, a palavra “睡覺/竟 (shuìjiào)” / 'dormir' já se teria despedido do seu uso antigo no sentido de 'acordar', conforme destacado no *Dicionário dos Carateres Frequentemente Usados no Chinês Antigo*: “antigamente ‘睡覺’ não tinha a denotação de ‘dormir’ e significava apenas ‘acordar’”, porém a nível fonético o segundo elemento desta palavra herdou a sua leitura antiga (jiào), em contraste com a sua pronúncia alternativa prototípica (jué) (cf. Wang, Cen & Lin, 2010: 205).

## (10) 学: 學 vs. 孛 (xué)

Tabela 40 学: 學 vs. 孛 (xué)

i.	Tu aprendes China? Aprendo sim, mas não aproveito.	你學中國話么 學是學但不前進 (249)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Mas a língua China he difícil. Não Senhor: huma pessoa de habilidade com aplicação em dois, ou três anos pode aprende-la;	到底中國話難孛。沒有 有本事的一个人用心二三年的 工夫能勾孛好了 (249)	Impresso (Gonçalves, 1829)

Trata-se de mais um exemplo no qual se verifica a coexistência entre a grafia tradicional e a variante esporádica com usos intercambiáveis. Curiosamente, através da comparação entre as duas formas manifestadas dos dois carateres analisados nos itens (9) e (10) – “觉 (jiào)” e “学 (xué)” – é possível reparar que, a nível gráfico, ambas as variantes acontecem somente na diferença, i.e., a combinação do elemento superior de três pontos com o elemento do meio de “一”, embora no caso de “觉/覺 (jiào)” a mudança ocorra ainda no seu radical “見 (jiàn)”, o que não consta na grafia do “学 (xué)” por o seu radical ter mantido quase sempre a forma única ao longo da história da língua chinesa.

Para além da coexistência de várias alografias alternativas e a ortografia tradicional de certos caracteres, observam-se na obra de Gonçalves ainda casos nos quais caracteres de pronúncia igual ou parecida ocorrem em lugar das suas formas atualmente adotadas. Antes de mais, vale referir que os exemplos abaixo expostos abrangerão apenas ocorrências repetitivas, por serem mais representativas, procurando excluir sempre que possível casos de descuido esporádico e gralhas tipográficas, ou seja, para além destas grafias posteriormente citadas, existem muito mais exemplos do uso alternativo de caracteres homófonos ou de pronúncia próxima que não serão inventariados neste trabalho.

(1) 櫟 (zhuō) em lugar de 桌 (zhuō)

Tabela 41 櫟 (zhuō) em lugar de 桌 (zhuō)

i.	Põe a mēsa.	排櫟子 (246)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Ha algumas dezenas de cadeiras, mais de dez mēzas...	有幾十把椅子十几張櫟子 (257)	Impresso (Gonçalves, 1829)

(2) 糊 (hú) em lugar de 胡 (hú)

Tabela 42 糊 (hú) em lugar de 胡 (hú)

i.	Isso he tolice.	糊說(281)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Mette-se com amigos estragados, faz o que lhe vem á cabeça.	他狐朋狗友糊行亂為 (295)	Impresso (Gonçalves, 1829)

(3) 快 (kuài) em lugar de 筷 (kuài)

Tabela 43 快 (kuài) em lugar de 筷 (kuài)

i.	Nós usamos só de fachtas.	如今我們單 的用快子 (246)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Vmce. serve-se bem das fachtas.	你納容易使快子 (246)	Impresso (Gonçalves, 1829)

Para melhor entender a variação evidenciada nos primeiros três grupos de exemplos, vale estender o conceito de *ideofonograma*. Conforme categoriza e explica Yu Yibing, o ideofonograma “形声 (xíngshēng)” é uma combinação de duas componentes – “形 (xíng)” / “a forma” e “声 (shēng)” / “o som”, sendo a categoria mais abrangente em termos de composição dos sinogramas, já que abrange cerca de 90% dos caracteres chineses (Yu, 2015: 44). No caso



do primeiro caráter, a manifestação alternativa antiga “櫟 (zhuō)” / 'mesa' é composta pelo elemento esquerdo, neste caso, o radical de madeira “木 (mù)”, que implica o material mais usado para fazer “mesas” e o elemento direito “卓 (zhuō)”, que fornece indicações fonéticas em relação à pronúncia deste caráter. Atualmente dispensa-se este elemento esquerdo na grafia regular, provavelmente por o mesmo já estar incluído na parte inferior do “桌”, o qual por si só também pode ser considerado como um ideofonograma, composto pelo elemento fonético “卓 (zhuó)” e pelo radical de *madeira*.

De forma parecida, relativamente às duas grafias alternativas do segundo grupo de exemplos, também se verifica um certo processo de distinção do radical, mas desta vez possivelmente por motivos distintos. Antes de mais, é de ressaltar que tanto a grafia adotada por Gonçalves como a grafia atualmente considerada regular existem no chinês moderno, apesar dos significados e usos diferentes. No caso de “糊 (hú)”, o radical “米 (mǐ)” literalmente significa 'arroz' e o caráter em si é usado no sentido de 'alimento do tipo papa' e 'colar (antigamente com arroz)' (cf. *現代漢語詞典 Dicionário do Chinês Moderno*, 2016: 551). Para além desse uso literal, este caráter é utilizado ainda no sentido metafórico, como no caso da palavra “糊塗 (hútu)”, adjetivo que significa 'confuso por não possuir um conhecimento claro' (*idem, ibidem*). Quanto à outra grafia “胡 (hú)”, era utilizada como designação 'dos povos e objetos oriundos do Norte ou do Oeste (relativamente à fronteira do império chinês) ou do estrangeiro em geral' (*idem*, 550), como é o caso de “胡椒 (hújiāo)” / “pimenta (estrangeira)”, uma especiaria de origem indiana. Devido à tendência geral de desvalorização das culturas estrangeiras durante a história da expansão do império chinês, metaforicamente este termo passou a ser utilizado para referir algo confuso que não faz sentido, como é o caso de “胡說 (húshuō)” / 'dizer tolices'. Provavelmente pela sobreposição semântica entre os dois caracteres – ambos associados ao sema “+demarcação obscura” na análise sémica, no compêndio de Gonçalves ficou registada a variação mais direta e menos cultural com o radical de arroz, diferentemente da preferência atual.

No terceiro grupo de exemplos, repara-se que, em comparação com a grafia “快 (kuài)” adotada no compêndio de Gonçalves, foi acrescentado o radical de bambu “竹 (zhú)” à forma regular atualmente usada “筷 (kuài)”. Do ponto de vista contemporâneo, é compreensível este acréscimo do radical de bambu com o intuito de especificar o material mais comum para a

fabricação de pauzinhos ou “fachas<sup>69</sup>” – termo escolhido por Gonçalves a partir da tradução fonética com base na pronúncia deste objeto em cantonês –, a ferramenta de alimentação culturalmente icónica do povo chinês, formando desta maneira um típico ideofonograma “筷 (kuài)”. No entanto, do ponto de vista diacrónico, i.e., da evolução desta palavra, a designação dos pauzinhos tem passado por vários processos de variação para chegar à forma de hoje. Sobre esta evolução, Wang Qi fornece a seguinte explicação:

Through a long historical development, Zhu (箸) has been replaced by Kuaizi (筷子) at last. The bridge connecting them was the word Kuair (快兒). Fast (Kuai 快) is the antonym of stop (Zhu 住) which is the homophone of Zhu (箸). Because Zhu (住) was under taboo in Wu dialect of Ming Dynasty, Kuair(快兒) replaced Zhu(箸). Kuair (快兒) permeated Ming Dynasty's mandarin at first. In Qing Dynasty, with the rise of Zi (子) affix-word, Kuair (快兒), was replaced by Kuaizi (快子) and Kuaizi (筷子). Exploring the passage of this change will contribute to the research for history of Chinese language. (Wang, 2008: 76)

A partir desta descrição, entende-se que a formulação “快子 (kuàizi)” adotada na *Arte China* representava na realidade uma grafia já modificada pela mudança de sufixo em relação à designação anterior “快兒 (kuàir)”. Entretanto, apesar de Wang ter afirmado que a substituição dessa forma “快兒 (kuàir)” por “快子 (kuàizi)” e “筷子 (kuàizi)” teria ocorrido na dinastia Qing, decerto que esse último passo de variação gráfica com a adição do radical de *bambu* ainda não seria comum ao menos até ao início do século XIX.

#### (4) 栽 (zāi) em lugar de 仔/崽 (zǎi)

Tabela 44 栽 (zāi) em lugar de 仔/崽 (zǎi)

i.	Repara nos porcos, e nos cães; ainda que parem muitos filhos não ferem nenhum: ainda mesmo os tigres, os lobos, e outras feras comem gente, e outros aminaes; mas nenhum come os próprios filhos.	看豬狗下了栽子雖然多他們不肯傷一個就是老虎豺狼各樣利害的牲口總說L來不殺自己的栽子 (293)	Impresso (Gonçalves, 1829)
----	---	---	----------------------------

A palavra “栽子 (zāizi)”, composta pelo carácter principal “栽 (zāi)” e pelo sufixo “子 (zi)”, era utilizada no sentido de 'filho' nos dois exemplos acima fornecidos, estando ambos, em

<sup>69</sup> Refere-se à romanização da pronúncia da palavra “筷子(kuàizi)” em cantonês.

termos concretos, a referir-se a descendentes de animais. O significado deste primeiro carácter não tem sofrido grande mudança desde o chinês antigo e até ao chinês moderno, referindo-se sobretudo ao ato de plantar, sendo um verbo monossilábico, ou à estaca de uma planta que se enterra para enraizamento (cf. 《现代汉语词典》 [*Dicionário do Chinês Moderno*], 2016: 1628 e Wang, 2000: 477). No *Grande Dicionário Dialectal do Chinês*, o substantivo “樹栽子 (shù zāizi)” (significando o primeiro carácter 'árvore') / 'estaca de árvore' é marcado como mandarim de Pequim, mandarim de Ji-Lu<sup>70</sup>, mandarim Jiao-Liao<sup>71</sup>, mandarim dos Planaltos Centrais, dialeto de Jin<sup>72</sup>, mandarim de Lan-Yin<sup>73</sup> e mandarim de Jiang-Huai<sup>74</sup> (Xu & Hamada, 1999: 3848). Ou seja, observa-se que a palavra “栽子 (zāizi)”, de origem dialectal, com o sentido denotativo de 'estaca de árvores', i.e., 'rebentos de uma planta para regeneração', passou a designar 'descendentes de animais'. Na verdade, apesar do abandono desse uso no chinês moderno e da substituição dessa função pelos caracteres “仔/崽 (zǎi)” quando a referenciação aponta para descendentes de seres vivos, continuamos a referir-nos a estudantes do ensino básico metaforicamente como “flores do país”, sendo os seus instrutores pedagógicos e mentais, “jardineiros”.

Através dos exemplos analisados no âmbito da variação do chinês a nível gráfico no capítulo V da *Arte China*, é possível assumir que a variação dos caracteres de tendência geral para formas mais sucintas, ao contrário de algumas críticas totalistas relativamente ao movimento de simplificação dos caracteres chineses, era, antes de ser resultado de intervenção cultural, um fenómeno natural, que se teria iniciado desde a criação deste sistema de escrita. Uma vez que não havia normas oficiais acerca da forma escrita dos caracteres chineses, tanto mais que a circulação de dados escritos se restringia sobretudo a uma pequena população intelectual, um fenómeno universal no contexto histórico do século XIX, era quase impossível excluir os factos peculiares dos artesãos da palavra que trabalhavam para dar vida a textos por publicar. Devido à procura de maior eficiência nas atividades de reprodução e divulgação de informações por via escrita, a redução parcial de elementos constituintes ou a substituição destes por grafemas mais simples tiveram lugar na obra de Joaquim Gonçalves, às vezes até em espaços imediatamente adjacentes. Em síntese, a variação de natureza gráfica do chinês

---

<sup>70</sup> Abreviaturas que correspondem respetivamente às províncias de Hebei e Shandong.

<sup>71</sup> Abreviaturas que correspondem respetivamente às penínsulas Jiaodong, da província de Shandong, e Liaodong, da Província de Liaoning.

<sup>72</sup> Abreviatura que corresponde à província de Shanxi.

<sup>73</sup> Abreviaturas que correspondem respetivamente às cidades de Lanzhou e Yinchuan.

<sup>74</sup> Abreviaturas que correspondem respetivamente aos rios Yangtzé e Huai.

preservado na obra de Joaquim Gonçalves não apenas testemunhou a naturalidade e a tendência de simplificação dos caracteres chineses, mas também oferece uma fonte rica de recursos da fase preliminar deste movimento, na qual abundavam várias alternativas alográficas e ainda usos alternativos de caracteres homófonos de origens distintas.

Relativamente à variação fonética ocorrida na obra de Gonçalves, por o chinês não ser uma língua cuja escrita reflete uma interligação direta com a pronúncia, foram encontrados apenas os seguintes exemplos de maior facilidade de captação, procurando focar a análise em possíveis sugestões relativamente à mudança fonética do chinês. De igual forma, para garantir a maior fidelidade possível, serão apresentados apenas exemplos que surgem mais do que uma vez no excerto analisado.

(1) 你納 (nǐ nà) → 您 (nín);

Tabela 45 你納 (nǐ nà) → 您 (nín)

i.	Quantos annos tem Vmc <sup>e</sup> ? Que idade tem o Senhor?	你納幾歲。先生貴庚 (223)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Quantos an. <sup>s</sup> tem Vmc. <sup>e</sup> ? Que id. <sup>e</sup> tem o S. <sup>r</sup> ?	你納幾歲。先生貴庚 (178) <i>ni na ki soi sien xam cuai cam</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
iii.	Quantos filhos tens? Quantos meninos tem Vmce?	你有幾個兒子 你納有幾位令郎 (223)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iv.	Q. <sup>tos</sup> Filhos tens? Q. <sup>tos</sup> meninos tem Vmc. <sup>e</sup> ?	你有幾個兒子 <i>ni ieu ki co lh çê</i> 你納有幾位令郎 (179) <i>ni na ieu ki uei lim lam</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
v.	Vmce está cansado?	你納乏了么 (225)	Impresso (Gonçalves, 1829)
vi.	Estás <Vm <sup>ce</sup> ↑> cansado?	你納乏了么 (184) <i>ni na fa leau mo</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)

Atualmente, no chinês moderno, existem dois pronomes pessoais da segunda pessoa do singular – “你 [nǐ]” e “您 [nín]”, sendo o primeiro reservado ao tratamento familiar, entre pessoas de relações próximas ou ao tratamento de um sujeito de idade inferior ao interlocutor, enquanto o segundo se reserva para um tratamento com muito maior respeito e distância. Embora haja inúmeras teorias acerca da origem deste último tratamento respeitoso da segunda

pessoa do singular em chinês, de acordo com Tsuneo Kusaka, tudo se pode enquadrar nos seguintes três pressupostos:

A: 你老人家 (nǐ lǎorénjiā) > 你老 (nǐ lǎo) > 你納 (nǐ nà) > 您 (nín)

B: Oriundo da forma plural (refere-se à relação contínua entre o pronome plural da segunda pessoa do singular “您 [nín]” antes da dinastia Qing e o tratamento respeitoso “您 (nín)” que surgiu e continuou em uso atual desde a dinastia Qing)

C: “你能 (nǐ néng)” “你寧 (nǐ níng)” “寧 (níng)” > “您 (nín)” (trata-se de uma variação fonética) (Tsuneo Kusaka 1977, *apud* Uchida, 2000: 121, tradução da autora)

Em todos os seis exemplos acima citados, a tradução fornecida para esse pronome pessoal em chinês nos respectivos equivalentes em português é sem exceção a abreviatura “Vmce”, i.e., “Vossemecê” ou o original “vossa mercê”, um tratamento respeitoso da segunda pessoa do singular em português atualmente com pouco uso diário, mas corrente na época de Gonçalves, e que hoje evoluiu para o muito usado *você*. Através dos exemplos retirados do manuscrito da mesma autoria, repara-se que todas as romanizações que o autor disponibiliza para as respectivas frases em chinês apontam para a leitura única “ni na”.

Nos primeiros dois exemplos, o autor fornece duas formulações alternativas, tanto em português como em chinês, para perguntar a idade. A nível sintático, em português as duas interrogativas parciais são iniciadas por pronomes interrogativos distintos – “quantos (anos)” vs. “que (idade)”, enquanto em chinês apenas a primeira oração interrogativa parcial possui o pronome interrogativo – “幾 (jǐ) / quanto (‘歲 (suì) / ‘anos’”, que integra o predicado substantival, sendo a segunda pergunta se estrutura da seguinte forma: S (“先生 (xiānsheng)” / “senhor, mestre”) + Predicado Substantival (“貴 (guì)” / “nobre, estimado” + “庚 (gēng)” / ‘idade’). Em termos do grau de respeito demonstrado pelas duas formulações em chinês, do ponto de vista do ensino do chinês moderno, considera-se a estrutura “幾歲 (jǐsuì)” reservada para contextos familiares, sobretudo quando o sujeito a quem se dirige esta pergunta é de idade inferior ao interlocutor, enquanto a sua alternativa “貴庚 (guì gēng)” se aplica em situações em que se pretende demonstrar maior estima. Neste aspeto, é de estranhar esta primeira combinação do tratamento pessoal respeitoso “你納 (nǐ nà)” com a interrogação “幾歲 (jǐsuì)”, embora em comparação com a designação utilizada na pergunta alternativa, a qual era especificamente dedicada a indivíduos intelectuais “先生 (xiānsheng)” / “senhor, mestre”, este primeiro tratamento pessoal possa sugerir um grau inferior de importância.

Diferentemente do primeiro grupo, nos exemplos terceiro e quarto observa-se um contraste entre as duas formas da segunda pessoa do singular “你 (nǐ)” e “你納 (nǐ nà)”, demonstrando de forma explícita os respetivos graus de respeito destes dois termos, não só pelas traduções fornecidas, mas também pela delicadeza em termos da seleção lexical nos respetivos predicados. Na primeira interrogativa “幾個/兒子”, é usado o classificador geral para cada unidade “个 (gè)” e o substantivo comum “兒子 (érzi)” / 'filho', enquanto na formulação alternativa “幾位/令郎” se emprega o classificador respeitoso “位 (wèi)” e o tratamento atencioso “令郎 (lìngláng)” / 'seu filho'.

Nos últimos dois registos, sobretudo no último exemplo colhido no manuscrito, verificam-se marcas de alteração a nível da tradução da frase chinesa, pois, conforme afirma Anabela Leal de Barros na edição crítica deste manuscrito, o padre Gonçalves “tendo começado por escrever "Estás cansado?", acrescentou depois na margem superior *Vm<sup>ce</sup>*, tendo rasurado o *s*. Assim, talvez se pretenda a dupla leitura, alternativa (Barros & Ng, 2014)”. Ou seja, nesse cuidado revelado durante a revisão da tradução inicialmente feita do pronome pessoal histórico 你納 (nǐ nà), torna-se ainda mais explícito o uso do mesmo como designação cortês da segunda pessoa do singular, equivalendo ao pronome pessoal atualmente em uso 您 (nín), o qual certamente sofreu certa mudança fonética em tempos posteriores aos de Gonçalves.

(2) 曠(kuàng) → 逛(guàng):

Tabela 46 曠(kuàng) → 逛(guàng):

i.	X. DIALOGO. <i>Passear</i> . Faz bom tempo, vamos passear.	問答十 曠 天氣狠好我們出去曠一曠 (224)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Dialogo 11.º <i>Passear</i> Faz bom tempo. Vamos passear.	答客問之十一 [] <i>ta co uen che xê i</i> 天氣狠好 我們出去逛一逛罷 (181) <i>tím chi hen há uo men chu kiu cuam i. cuam pa</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
iii.	Naõ faz senaõ: passear na rua a mamorar...	不過在街上閑曠挑戲婦人 (296)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iv.	Em hum instante se espalhou a noticia, de que Macao estava feita hum deserto.	一時傳聞說澳門成了一片曠野了 (270)	Impresso (Gonçalves, 1829)

Nos primeiros três exemplos, observa-se o uso do caráter chinês “曠” em lugar do verbo atual “逛”, no sentido de 'passear', enquanto no último exemplo se verifica o uso prototípico de “曠”, adjetivo com o sentido de 'vazio e largo' (cf. *現代漢語詞典 Dicionário do Chinês Moderno*, 2016: 761), neste caso, 'deserto' – um espaço vazio e descampado. Ao comparar os primeiros dois exemplos, retirados respectivamente da obra impressa e do manuscrito, é notória a incerteza demonstrada por parte do autor acerca da representação gráfica do verbo *passear* em chinês, pois para além da ausência do caráter chinês e da respetiva romanização, cujo uso era suposto em correspondência com o verbo/título português (Barros & Ng, 2014), foi ainda introduzido um sinograma alternativo, “𨾏 (guàng)”, com a respetiva romanização “cuam” logo na primeira frase desse diálogo.

No que diz respeito à descrição fonética destes caracteres chineses, conforme indicada pelas romanizações de Gonçalves no seu manuscrito, repara-se numa diferença a nível da consoante inicial das duas pronúncias, respetivamente transcrita pela letra *g*, de acordo com a pronúncia moderna, e pela letra *c*, conforme exemplificada na obra manuscrita. Vale ressaltar que entre as consoantes em português e os iniciais do *Pinyin* – sistema de transcrição fonética da língua chinesa moderna – existe uma distinção capital no que respeita aos contóides oclusivos orais velares. No caso do português o contóide oclusivo oral velar surdo /k/ e o contóide oclusivo oral velar sonoro /g/ distinguem-se pela ausência e presença do voseamento, ou seja, para produzir o primeiro segmento fonético o fluxo de ar pulmonar expirado atravessa a glote sem sofrer qualquer tipo de obstrução, pois as cordas vocais estão afastadas e relaxadas, enquanto para articular o segundo o fluxo de ar pulmonar expirado sofre a sua primeira obstrução ao chegar à glote, devido às cordas vocais juntas e tensas (cf. Barroso, 1999: 86-7). No entanto, no caso do chinês, nem o inicial “k<sup>75</sup>” nem o inicial “g<sup>76</sup>” envolve o voseamento, ao invés, a distinção entre os dois consiste na presença e ausência da aspiração, sendo o primeiro um inicial aspirado e o segundo um inicial não aspirado. Devido à diferença entre os dois critérios de distinção binária nas respetivas duas línguas, a romanização “cuam” que o Padre Gonçalves forneceu no seu manuscrito poderia coincidir com o fonema atualmente adotado no chinês moderno, ou seja, apesar da grafia *c*, a consoante aqui representada era na realidade o contóide oclusivo oral velar surdo em português ou o inicial oclusivo oral velar não aspirado em chinês.

---

<sup>75</sup> Este fonema é frequentemente transcrito como [k<sup>h</sup>] para destacar o aspeto aspirado, entretanto, nesta dissertação, todas as transcrições fonéticas adotaram as regras ortográficas do sistema oficial da romanização do chinês – *Pinyin*.

<sup>76</sup> Segundo algumas normas de transcrição fonética, este fonema é, por sua vez, representado por [k].

A romanização fornecida por Gonçalves sugere que o voseamento já não existia no mandarim do século XIX. De acordo com Wang Li, o desaparecimento de sons consonânticos sonoros marca uma das principais mudanças no que respeita às consoantes ou iniciais da língua chinesa, e este desaparecimento teria tido início por volta da dinastia Song (Wang, 2016). No entanto, a falta de representação do aspeto aspirado “曠 (kuàng)” podia resultar, por um lado, da falta de sensibilidade a este critério de distinção, por não existir em português, e, por outro lado, da possibilidade de este elemento ser resultado de variação ainda posterior à época de Gonçalves. Na realidade, no que respeita ao ensino e aprendizagem do chinês moderno por alunos de língua materna portuguesa, a distinção entre as consoantes iniciais oclusivas aspiradas e não aspiradas tem sido uma das maiores dificuldades, não apenas no processo de compreensão oral, mas também no processo de expressão oral, devido à ausência desta distinção concentrada na aspiração em português. No que respeita à história deste traço aspirado em chinês, de facto, não foram encontrados estudos cronológicos relativamente ao seu surgimento e desenvolvimento. Em suma, a falta de representação do aspeto aspirado da pronúncia do carácter chinês “曠” pode sugerir, ou um erro comum na aprendizagem do chinês como língua não materna por estudantes de língua materna portuguesa, ou uma variação fonética que ainda não teria sido abordada em estudos da mesma área.

(3) 踢 (tī) → 躺 (tǎng):

Tabela 47 踢 (tī) → 躺 (tǎng):

i.	Deitemo-nos sobre esta relva. A relva está molhada, por isso não nos deitemos aqui, que fará mal á saúde.	在這個青草上 <u>踢</u> 着好 草濕了所以在這個上頭 <u>踢</u> 着不好後來要 成病 (225)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Deitemos sobre esta relva.  A relva está molhada;  por isso não nos deitemos aqui, que faz mal á saude.	咱們 <u>躺</u> 着罷 在這個青草上 <u>躺</u> 着好 <i>ça men <u>tam</u> chau pa çai che co chim çau</i> <i>xam <u>tam</u> chau hau</i> 草濕了 <i>Çau xê leau</i> 所以在這個上頭 <u>傷</u> 著不好 <i>Soi i çai che co xam tau <u>tam</u> chau pu hau</i> 後來有成了病 (185) <i>Hau lai ieu cham leau pim</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
iii.	Eu gosto de ler na cama.	我喜歡 <u>踢</u> 着看書 (240)	Impresso (Gonçalves, 1829)



iv.	Eu gosto de ler na cama.	我喜歡 <u>傷</u> 着看書 (240) <i>uo si hoan <u>tam</u> chau can xu</i> <i>decumbere leito</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
v.	Elle deita-se na rua, dorme nos bêcos.	<u>踢</u> 街臥巷 (296)	Impresso (Gonçalves, 1829)
vi.	Deita-se na rua; dorme nos becos;	<u>傷</u> 街臥巷 (397)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
vii.	Dei-lhe dois pontapés.	<u>踢</u> 了他兩腳 (288)	Impresso (Gonçalves, 1829)
viii.	Naõ has de dar-lhe murros, bofetadas, pontapés.	不要 <u>用</u> 拳頭巴掌腳 <u>踢</u> (292)	Impresso (Gonçalves, 1829)

Neste grupo de exemplos é possível reparar que o carácter chinês “踢” é frequentemente usado para substituir “躺” no capítulo V da *Arte China*. Através dos primeiros dois excertos acima citados, é possível observar que, em ambas as orações, o verbo chinês que significa 'dormir' é representado por “踢” no manuscrito, enquanto toma duas formas gráficas distintas no manuscrito, “躺” e “傷”, tendo ambos sido acompanhados da romanização “tam”. Nos exemplos iii. e iv., tal como nos contextos v. e vi., também é notório o propósito por detrás desta modificação de natureza gráfica: o carácter inicialmente adotado no manuscrito “傷” foi alterado para “踢” no impresso. Ou seja, embora a referência atual ao carácter “踢” se restrinja exclusivamente ao significado 'chutar/pontapear', tal como se verifica nos dois últimos exemplos acima ilustrados, seja por convenção histórica seja por variação gráfica, esta “letra” chinesa substituíu o prototípico “躺” em várias sequências da *Arte China*. Portanto, apesar da incerteza relativamente ao motivo desta modificação intencional, que percorre todo o excerto analisado, é justo questionar a leitura histórica do carácter “踢”, que poderia ter sofrido uma mudança radical desde a sua realização presumivelmente próxima da pronúncia de “躺” até à sua concretização moderna, sendo esta uma mudança radical, da vogal final nasal posterior aberta (ang) para a vogal final oral anterior fechada /i/.

Vale referir ainda que, ao menos no chinês moderno, existe a distinção entre a vogal final nasal posterior aberta (ang) e a vogal final nasal central fechada (an). Repare-se que o som vocálico representado na romanização de Gonçalves, “tam”, possivelmente implica somente uma vogal final nasal central semifechada, tal como é o caso dos restantes ditongos nasais em português, pois a grafia “m” há muito se tinha tornado um sinal de nasalação da vogal anterior,

não indicando necessariamente o aspeto “fechado”. Assim sendo, nenhuma destas duas vogais finais nasais em chinês coincide cem por cento com a vogal nasal central semifechada em português, ou seja, esta romanização de Gonçalves pode sugerir uma transferência negativa na aprendizagem do chinês como língua não materna ou uma variação fonética da própria língua chinesa.

(4) 總 (zǒng) → 從 (cóng) vs. 聰 (cōng) → 總 (zǒng): alternância de (c) e (z);

Tabela 48 總 (zǒng) → 從 (cóng) vs. 聰 (cōng) → 總 (zǒng): alternância de (c) e (z)

i.	Nunca tive tanta calma. Nunca senti tanto calor.	我 <u>總</u> 沒有這麼熱 <u>總</u> 沒覺得這樣熱 (229)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Nunca tive tanta calma. Nunca senti tanto calor.	我 <u>總</u> 沒这么热 <i>uo <u>cum</u> mei che mo je</i> <u>總</u> 不觉得这样热 (195) <i><u>cum</u> pu kiue to che iam je</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
iii.	Nunca vi hum inverno tão frio.	<u>總</u> 沒有這麼冷的冬天 (229)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iv.	Nunca houve hum inverno taõ frio.	<u>總</u> 沒有這麼冷的冬天 (196) <i><u>cum</u> mei ieu che mo lam ti tum tien</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
v.	Nunca vi semelhante letra.	<u>總</u> 沒有看見這樣的一个字 (232)	Impresso (Gonçalves, 1829)
vi.	Nunca vi semelhante letra.	<u>總</u> 未有看見這樣的一个字 (205) <i><u>cum</u> uei ieu can kien che iam ti i co çê</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
vii.	Mas o Europeo, ou o Tártaro não póde saber todas as palavras da sua língua.	到氏一个西洋人滿洲人都不能勾知道 本國一 <u>總</u> 的話 (250)	Impresso (Gonçalves, 1829)
viii.	Mas os Europeu, ou Tartaro não pode saber todas as palavras da sua língua.	到氏一个西洋人滿洲人不能勾知道本 國一 <u>總</u> 的話 (266) <i>tau ti i co si iam jen man xou jen pu nam cau tu chê tau pen cuo i <u>cum</u> ti hoa</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
ix.	Depois do fogo querendo V. Sa. derribar todas as choupanas.	着火後大老爺要全拆一 <u>總</u> 的草房 (270)	Impresso (Gonçalves, 1829)
x.	Que depois do fogo, querendo V. S. <sup>a</sup> derrubar todas as choupanas.	着火後大老爺要全拆一 <u>總</u> 的草房 (332)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)

xi.	Talvez sempre haverá desordem maior.	恐怕總有大事 (271)	Impresso (Gonçalves, 1829)
xii.	Talvez sempre há desordem maior:	恐怕總有大事 (334)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
xiii.	Botando a conta e tudo, somma cem mil taés.	算來共總有十萬兩銀子 (281)	Impresso (Gonçalves, 1829)
xiv.	Botando a conta a tudo, são cem mil taés.	算來共總有十萬兩銀子 (356)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
xv.	Em huma palavra, elle parece ser do reino, ou da provincia, cuja língua falla.	聽而言之他說那一國那一省的話像那一國那一省的人 (259)	Impresso (Gonçalves, 1829)
xvi.	Em hua palavra elle parece ser do Reino, ou da Prov. <sup>a</sup> , cuja língua falla.	總而言之他說那一國那一省的話像那一國那一省的人 (298) <i>cum lh sem chê ta xuo na i cuo na i xam ti hoa siam na i cuo na i xam tí jen</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)

Nos primeiros seis exemplos acima apresentados, em contraste entre o impresso e o manuscrito, seja a forma prototípica no registo tradicional do carácter “總”, tal como exemplificado no impresso, seja a sua variação gráfica “總”, conforme registado no manuscrito, são usadas como advérbio de valor temporal que se combina com advérbios de negação, neste caso, “没有 (méiyǒu)”, “不(bù)” e “未(wèi)”. No entanto, para essa função, no chinês moderno aplica-se o advérbio “从/從 (cóng)”, mas não o “总/總/總 (zǒng)”, ou seja, trata-se de uma variação entre a consoante inicial africada surda aspirada (c) e a consoante inicial surda africada não aspirada (z). Mais uma vez, de forma similar ao item (2) acima analisado, devido à diferença entre os sistemas consonânticos do português e do chinês, ou seja, tendo em conta o desaparecimento do voseamento em chinês desde a dinastia Song e a ausência da distinção no que respeita ao aspeto aspirado e não aspirado em português, quanto à transcrição fonética ou representação gráfica, torna-se mais viável a ocorrência de representações gráficas trocadas, como é o caso da romanização *çum* que o padre Joaquim Gonçalves oferece para o advérbio de valor temporal, que por convenção anda lado a lado com as palavras de negação em chinês. Para além da romanização *çum* com o uso de ç de cedilha, também foi encontrada, sobretudo nos primeiros diálogos, a transcrição “tsum”, abaixo exemplificada.

xvii.	Nunca o ouvi dizer.	<u>總</u> 沒有聽見這個。(220)	Impresso (Gonçalves, 1829)
xviii	Nunca o ouvi.	<u>總</u> 沒有聽見這個 (167) <i><u>tsum</u> mei ieu tim kien che co</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)

Por causa da ênfase do aspeto surdo e da falta de destaque do aspeto aspirado ou não aspirado na transcrição *çum*, torna-se confuso o motivo deste uso do carácter “總” (zǒng)” em lugar do “从” (cóng)”, pois nos exemplos vii. a xiv., a utilização deste primeiro grupo de variantes é consistente com o uso atual no chinês moderno: nos exemplos vii. a x., a palavra composta “一總” ou “一總”, apesar de ter deixado de existir na norma moderna, demonstra literalmente o sentido 'somar/juntar tudo' do verbo “總” (zǒng)”(cf. 《现代汉语词典》 [Dicionário do Chinês Moderno], 2016: 1743-4); nos exemplos xi. e xii., a expressão “總” (zǒngyǒu)” implica uma certeza absoluta independente de condições, e nos exemplos xiii. e xiv., a palavra “共總” (gòngzǒng)” transmite o sentido de 'no total e em suma/soma' apesar de a estrutura interna ter sido posteriormente invertida. No entanto, nos últimos dois exemplos, xv. e xvi., sobretudo no impresso, o padre optou por mudar o carácter inicialmente adotado no manuscrito, “總”, para a expressão “總而言之 (zǒng’érányánzhī)” ('em resumo/em suma/em síntese’). Neste caso, através da romanização oferecida pelo autor, comparando as outras ocorrências do mesmo carácter, é possível reparar que a leitura se manteve inalterada, *çum*, mas a nível gráfico o carácter foi alterado para “聰” (cōng)”, cuja consoante inicial na leitura atual retoma o aspeto aspirado.

Desta forma, é possível assumir que a variação de (c/ts) e (z/dz) podia ser oriunda da ausência de distinção com respeito à aspiração das consoantes iniciais africadas em português, confusão que se mantém atualmente no ensino de chinês como língua não materna a alunos de língua materna portuguesa. No entanto, também é possível observar que esta confusão poderia ser inerente ao próprio chinês, pois basta consultar um dicionário de chinês clássico para perceber que tanto “總” (zǒng)” como “从” (cóng)”, embora cada um possua apenas uma leitura única prototípica no chinês moderno, têm sofrido variação a nível fonético; neste caso, o primeiro já foi pronunciado como (cōng) sendo alternativo a “匆” (cōng) ('pressa’)) e a “總” (cōng) ('tipo de tecido suave’))”(cf. Wang, 2000: 942), enquanto o segundo já possuiu a leitura (zòng), no sentido de 'acompanhante/seguidor/tios do mesma clã/cúmplice' e (zōng), sendo alternativo a “蹤” (zōng) ('traço’))e (zǒng) na aceção de 'aspeto alto e grande'.

Por fim, cabe referir que o uso do carácter “从/從 (cóng)” na sua grafia tradicional também ficou registado na *Arte China*, embora pareça restringir-se à função de preposição no sentido de 'desde, a partir de', em duas palavras, “自從 (zìcóng)” / 'desde', “從前 (cóngqián)” / 'dantes', como se pode verificar nos seguintes exemplos:

Tabela 49 總 (zǒng) → 從 (cóng) vs. 聽 (cōng) → 總 (zǒng)

xix.	Desde que lhe deitei o fogo, não se mostra tão audaz valentão, nem insultante.	自 <u>從</u> 燒了那一把火不像 <u>從</u> 前那樣霸道豪橫欺負人 (277)	Impresso (Gonçalves, 1829)
xx.	Porq' desde q' lhe deitei o fogo, não parece tão cruel como antes.	自 <u>從</u> 燒了他那把火不想 <u>從</u> 前那樣利害了 (349)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)

Portanto, para além de servir de exemplo de uma dificuldade comum na aprendizagem do chinês a nível fonético, sobretudo no que respeita ao aspeto da aspiração e à respetiva limitação na representação da pronúncia do chinês através da mera transcrição em letras latinas, a variação a nível da romanização acima analisada pode ao mesmo tempo implicar que esta dificuldade poderia não ser exclusiva do aprendiz de chinês, mas, ao invés, uma alternância comum para os próprios falantes nativos, sendo a mesma um indício de variação diacrónica.

(5) 喫 → 吃 (chī)

Tabela 50 喫 → 吃 (chī)

i.	XXI. DIALOGO. <i>Almoçar.</i> Queres almoçar?	問答二十一 <u>喫</u> 點心 你要 <u>吃</u> 點心。(245)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Dialogo 22.º <i>Almoçar.</i> Queres almoçar?	答客問之二十二 <u>吃</u> 點心 <i>ta co uen tgê lh xê lh <u>che</u> tien sin</i> 你要 <u>吃</u> 點心 (246) <i>ni iau <u>che</u> tien sin</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
iii.	Pois eu não tenho apetite: que queres almoçar?	我倒不想 <u>喫</u> 、你要 <u>喫</u> 什麼 (245)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iv.	Naõ tenho apetite. Que queres, p. <sup>a</sup> almoçar?	我不想 <u>吃</u> <i>uo pu siam <u>che</u></i> 要 <u>吃</u> 什麼 (246) <i>iau <u>che</u> xê mo</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)

No impresso é notável a coexistência dos dois caracteres/variantes gráficos “喫” e “吃”, enquanto no manuscrito predomina a ocorrência do último. Mesmo se nos centrarmos somente

no impresso, não é difícil perceber o esforço do autor para transformar todas as ocorrências de “吃” em “喫”, pois basta consultar os diálogos 21º e 22º do capítulo V da *Arte China*, que não carecem de exemplos da coexistência dos dois. Embora esta intenção de modificação tenha abrangido a maioria dos casos, a escrita de “吃” permanece na primeira frase do diálogo 21º e no cabeçalho da página 246.

No dicionário do chinês clássico de Wang Li, na entrada do carácter “喫 (chī)”, segue-se uma anotação relativamente à leitura histórica do mesmo como (qī), enquanto na entrada do “吃 (chī)” fica anotado que este carácter antigamente também era lido como (jì) (cf. Wang, 2000: 105, 128). Tendo em conta a romanização fornecida por Joaquim Gonçalves, independentemente da forma gráfica, a pronúncia deste verbo *comer* era *che*, que provavelmente representava uma sílaba composta por uma consoante inicial africada palatal surda aspirada /tʃ<sup>77</sup>/ e uma vogal oral central fechada /i/, diferenciando-se da transcrição atual (chi) em *pinyin* – uma sílaba composta por uma consoante inicial africada alveolar retroflexa surda aspirada. Regressando às duas leituras históricas acima referidas (qī) e (jì), as duas iniciais [q] e [j] são ambas consoantes africadas surdas palatais, sendo a primeira aspirada e a segunda não aspirada. Repare-se que nem a primeira nem a segunda possuem o traço alveolar reflexo, ou seja, trata-se de uma pronúncia histórica em mandarim, a qual ainda se mantém em vários dialetos chineses, e até com a primeira forma ainda escrupulosamente preservada no japonês<sup>78</sup>, mesmo que esta primeira ortografia já não exista no chinês moderno.

Através da análise em torno da variação do chinês a nível fonético conforme se acha preservado na obra de Joaquim Gonçalves, repara-se que a maior parte das nuances detetadas através das romanizações fornecidas no manuscrito do mesmo autor recaem principalmente em consoantes, isto porque os sistemas consonânticos do português e do chinês são substancialmente distintos, principalmente devido à ausência da aspiração como modo de articulação em português e à inexistência da distinção entre consoantes surdas e sonoras em chinês. Ainda no ensino e aprendizagem atual, estas duas características continuam a ser dois desafios que dificultam o domínio da pronúncia mais correta das duas línguas envolvidas, conforme tenho confirmado na minha prática profissional: em termos concretos, alunos cuja língua materna é o chinês costumam sentir dificuldade em distinguir e pronunciar as consoantes

---

<sup>77</sup> Tendo em conta a naturalidade de Joaquim Gonçalves, o aspeto aspirado podia estar a ser refletido nesta transcrição (o som “africado” [tʃ] típico do norte de Portugal soa como (q) em *pinyin*, um som álveolo-palatal africado aspirado, o qual distinguimos em relação ao (j), um som álveolo-palatal africado não aspirado, pelo aspeto “aspirado”).

<sup>78</sup> Refere-se ao carácter japonês 喫 [ki] no sentido de 'tomar/beber', como na palavra 喫茶 /kissa/.

sonoras em português, enquanto alunos de português como língua materna demoram a conquistar as consoantes aspiradas em chinês. Para além desta observação efetuada no âmbito didático, com o uso alternativo de “踢 (tī)” em lugar de “躺 (tǎng)”, é possível presumir que, não apenas a nível gráfico, no que respeita ao radical deste primeiro carácter, mas também a nível fonético, o mesmo poderia ter sofrido variação antes de ter chegado à sua realização moderna.

### 3.2.2 A variação morfológica e morfossintática

Do ponto de vista morfológico, vale destacar que uma das maiores diferenças entre a língua chinesa e a portuguesa consiste nas respetivas tipologias morfológicas, sendo o chinês uma língua analítica e o português uma língua sintética, nomeadamente flexional. Entende-se por língua analítica aquela cujas palavras são compostas por apenas um morfema, exigindo o uso de outras palavras para lhes modificar o sentido ou acrescentar noções de pretérito ou de plural, entre outras, como é o caso do chinês, no qual a flexão não ocorre; entretanto, línguas sintéticas são aquelas cujas palavras são constituídas por mais que um morfema, fornecendo informações várias, como as de género e número, sem precisar do acrescento de outras palavras. O latim é uma língua muito sintética. O inglês é classificado como uma língua ligeiramente sintética onde a flexão morfológica, apesar de ter sido reduzida, ainda é observável. De forma geral, as línguas indo-europeias são consideradas como línguas altamente sintéticas, como é o caso do português, onde a flexão é maioritariamente fundamental. Sob a categorização de línguas sintéticas, existem duas divisões: línguas aglutinantes, como é o caso do turco, no qual existe uma correspondência individual entre o significado e a forma; línguas flexivas, como é o caso do português, no qual esta correspondência “um a um” não é estabelecida (cf. Eifring & Theil, 2004). Neste sentido, é possível afirmar que a necessidade e a importância dada ao conceito de flexão nominal, adjetival ou verbal são muito mais elevadas em português do que propriamente em chinês. Devido a esta desigualdade flexional, abundam os exemplos de variação a nível morfológico e morfossintático na análise de discursos das duas línguas em paralelo, como é o caso dos diálogos apresentados em contraste no capítulo V da *Arte China* de Joaquim Gonçalves, e também no contexto geral de ensino e aprendizagem destas duas línguas, reciprocamente, para os falantes nativos dos mesmos. Por este motivo, a análise abaixo efetuada nesta secção centrar-se-á nas alternativas no âmbito das categorias morfossintáticas mais comuns em classes abertas de palavras, sobretudo adjetivos e verbos, mas também na classe fechada dos pronomes.

(1) Variação morfológica e morfossintática no tocante a pronomes pessoais

Tabela 51 Variação morfológica e morfossintática no tocante a pronomes pessoais

i.	Ouvi- <u>o</u> dizer.	我聽見說 (220)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Ouvi dizer.	我聽見說 (167) <i>uo tim kien xuo</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
iii.	Ouvi-o hoje. Não <u>o</u> creio.	今日聽見。我不信 (220)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iv.	Ouvi-o hoje. Não creio.	今日聽見 我不信 (167) <i>chim gê tim kien uo ou sin</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
v.	Não <u>lho</u> digas.	不要給他說這個 (220)	Impresso (Gonçalves, 1829)
vi.	Não <u>lhe</u> digas isto.	不要給他說這個 (168) <i>pu iau chi ta xuo che ko</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)

Ao comparar o capítulo V da *Arte China* de Joaquim Gonçalves com o manuscrito prévio à sua impressão, foram recenseados vários casos em que se apresentam formulações alternativas com o acréscimo do pronome pessoal átono. Relativamente à frase ii. acima citada, encontra-se o seguinte comentário na Edição Crítica de Barros e Ng (2014: 167): “Uma vez mais, na *Arte China* (p. 220), opta-se pela expressão do pronome, equivalendo a “ouvi dizer isso”, enquanto no manuscrito se oferece a versão mais elíptica e coloquial (*‘Ouvi dizer’*)”. Para a frase iv. Barros (*idem*, 167) comenta que “As versões do impresso são por norma mais explícitas e ou perifrásticas, embora a oralidade passe habitualmente sem tal explicitação”, e quanto à frase vi., Barros (168) indicou que no impresso se lê *Não lho digas* em alternativa. Regressando aos equivalentes em chinês, nos exemplos i., ii., iii. e iv., nas três orações chinesas “我聽見說 (Wǒ tīng jiàn shuō)” / “eu/ouvir/complemento resultativo/dizer”, “今日聽見 (Jīnrì tīng jiàn)” / “hoje/ouvir/complemento resultativo”, e “我不信 (Wǒ búxìn)” / “eu/não/crer” não se apresenta nenhum complemento direto, daí se poder deduzir que, na versão primitiva dos diálogos, o autor deu prioridade à fidelidade gramatical, enquanto no impresso optou por modificar as estruturas, tornando o conteúdo mais explícito, provavelmente devido às regências verbais em português. Entretanto, nas frases v. e vi., na própria oração em chinês “不要給他說這個 (Bùyào gěi tā shuō zhège)” / “não/preposição ‘para/a’ (que marca o complemento indireto)/ele/dizer/isto”, já se incorpora o complemento direto através do pronome demonstrativo “這個 (zhège)” / “isto”, ou seja, do manuscrito para o impresso, é notável o esforço do autor para melhor adaptar os equivalentes às características intrínsecas da língua portuguesa.



Devido à abundância de exemplos deste gênero, neste estudo não serão inventariadas todas as variantes de igual natureza. Para além deste primeiro fenómeno de acrescento do pronome pessoal em português, na qualidade de complemento direto, ao longo da recolha de exemplos, foi encontrado o seguinte caso no qual a estruturação da frase chinesa parece ter sido influenciada pelo emprego do pronome pessoal feminino átono em português:

Tabela 52 Variação morfológica e morfossintática no tocante a pronomes pessoais (caso específico)

vii.	A porta está aberta. Fecha- <b>a</b> .	門開了關他 (165) <i>men cai leau koan ta</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
------	--	--	---

Este exemplo retirado do manuscrito, embora não tenha sido fixado na *Arte China*, revela uma variação curiosa, neste caso com o emprego do pronome pessoal “他 (tā)” / “ele” na frase chinesa. No dicionário chinês-português do mesmo autor, este carácter está registado na entrada “他 拖 T’o, T’a, Outro” (Gonçalves, 1833: 103), enquanto no dicionário português-chinês do mesmo, para a primeira palavra *a, as*, o autor ofereceu uma série de palavras equivalentes, incluindo o pronome pessoal “他”, tendo proposto ainda um exemplo do uso concreto deste pronome pessoal átono através da oração “Levou a 把他拿了去。拿了他去 (Bǎ tā nále qù. Nále tā qù)...” (Gonçalves, 1831: 1).

Neste exemplo, acima apresentado na tabela, de acordo com o contexto, em português o pronome pessoal átono “a” refere-se ao sujeito da primeira oração, neste caso, *a porta*. Por *a porta* estar aberta, surge a necessidade de pedir ao interlocutor que a feche, neste caso o pedido é efetuado através do verbo conjugado na segunda pessoa do singular do imperativo, juntamente com o pronome pessoal átono no lugar de complemento direto, *fecha-a*, uso que continua a ser comum no português atual. No entanto, no caso do chinês, o uso do pronome pessoal como complemento direto não é corrente, sobretudo em frases com o verbo conjugado no imperativo, a não ser na estrutura enfática com a preposição “把 (bǎ)” / “preposição que enfatiza o complemento direto”, tal como a frase exemplar citada do dicionário português-chinês de Gonçalves, “把他拿了去 (Bǎ tā ná le qù)” / “preposição que enfatiza o complemento direto/pronome pessoal de terceira pessoa singular/levar/partícula modal que indica a conclusão de uma ação/complemento resultativo de direção”. Repara-se que, do manuscrito para o impresso, esta frase acima citada, tal como as diversas frases a seguir a esta, não foram incluídas na versão final entregue para impressão, portanto, é possível pressupor que se trate de uma transferência de aprendizagem negativa, a qual foi eliminada aquando do aprimoramento dos materiais a imprimir.

## (2) Variação morfológica e morfossintática no tocante a adjetivos

Tabela 53 Variação morfológica e morfossintática no tocante a adjetivos

i.	Isto he verdade, <i>ou</i> verdadeiro.	这个是真的 (218)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Isso hé verdade; <i>ou</i> verdadr.º.	这个是真的 (160) <i>che co xê chen ti</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
iii.	Pelos modos aquellas noticias todas são verdadeiras.	我看這個樣子那些事情 L 信儿都是真的。 (261)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iv.	He verdade, o que se diz delle	論他說的是真的么 (261)	Impresso (Gonçalves, 1829)

Durante a recolha de exemplos, foram encontradas várias formulações alternativas que dispõem de variação entre adjetivo e substantivo em português, sobretudo no que respeita à estrutura adjetival chinesa “真的 (zhēn de)” / “verdadeiro/partícula estrutural de adjetivação”. Ao comparar os primeiros dois exemplos retirados respetivamente da *Arte China* e do manuscrito, é possível reparar que era intenção inicial do autor fornecer duas formulações alternativas, pois essa variação já constava no próprio manuscrito. De forma análoga, comparando os outros dois exemplos acima citados, ambos retirados da obra impressa, repare-se que mesmo no espaço limitado a uma folha, para duas frases distintas, o autor teve o cuidado de empregar termos gramaticalmente distintos, mas semanticamente alternativos, *verdadeiras* e *verdade*.

## (3) Variação morfológica e morfossintática no tocante a verbos

### a) Pessoas verbais: tuteamento vs. voseamento

Tabela 54 Variação morfológica e morfossintática no tocante a verbos: pessoas verbais (a)

i.	<b>Dize</b> , o que <b>quiseres</b> .	隨便說 (216)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	<b>Diga</b> o q' <b>quizer</b> .	隨便說 (154) <i>sui pien xuo</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
iii.	Quanto <b>apostas</b> ?	你賭上多少 (217)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iv.	Quanto <b>aposta</b> ?	你賭上多少 (157) <i>ni tu xam tuo xau</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)

Comparando o manuscrito com o impresso, é recorrente a variação entre o tuteamento e o voseamento em português, porque o equivalente em chinês não expõe em si a categoria

morfossintática de pessoa verbal. Para as primeiras duas formulações alternativas, Barros comenta o seguinte: “é extremamente produtiva para o estudante de chinês e português esta alternância entre o tuteamento e o voseamento no manuscrito e no impresso” (Barros & Ng, 2014: 154). A frase chinesa correspondente, nos primeiros dois exemplos, não dispõe de especificação no que respeita ao falante a quem se dirige a conversa, pois o destinatário desta estrutura “隨便說 (suíbiàn shuō)” / 'à vontade/dizer' está implícito, ou seja, esta informação está sujeita ao contexto linguístico em que se insere, permitindo desta forma a aplicação das duas formas de tratamento pessoal de acordo com a relação com o interlocutor. Nos restantes dois exemplos comparativos, respetivamente recolhidos do impresso e do manuscrito, embora o sujeito frástico esteja exposto no equivalente em chinês — neste caso a forma usual da segunda pessoa do singular “你 (nǐ)”, e não o tratamento respeitoso, como o atual “您 (nín)” (cf. 3.2.1) — vale enfatizar que o enquadramento do pronome pessoal da segunda pessoa do singular em chinês abrange um escopo relativamente maior que em português, no que diz respeito à frequência de utilização deste tratamento nas duas línguas. No caso do português, o uso do pronome pessoal da segunda pessoa do singular (*tu*) e a concordância verbal com a segunda pessoa do singular são maioritariamente reservados ao tratamento familiar. No entanto, sendo o chinês uma língua não flexional, uma vez que não existe a concordância verbal, o uso do tratamento pessoal com respeito “您 (nín)”, que por vezes costuma ser comparado ao tratamento por *você* em português, transmite um grau de formalidade muito mais elevado que o equivalente português. Conforme demonstra a alternância acima encontrada no contexto criado por Gonçalves, para o mesmo pronome pessoal “你 (nǐ)” em chinês, o autor inicialmente tinha adotado a concordância verbal com a terceira pessoa do singular talvez porque, intuitivamente, esta formalidade tinha maior frequência de uso em português, embora mais tarde a tenha alterado para a segunda pessoa do singular na procura de maior conformidade entre as duas línguas apresentadas em contraste.

#### b) Outros casos de variação no tocante às pessoas verbais

Tabela 55 Variação morfológica e morfossintática no tocante a verbos: pessoas verbais (b)

i.	Que <b>faremos?</b>	該當作什么 (218)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Que <b>faremos?</b> <i>Idem.</i>	該當作什么 作甚么好 (161)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
iii.	<b>Vai-te, ou vamos.</b>	走罷。去罷 (219)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iv.	<b>Matáste-lo?</b>	殺了他么 (277)	Impresso (Gonçalves, 1829)

v.	<b><u>Matastello?</u></b>	殺了他么 (277)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
vi.	<b><u>Feris-te-lo?</u></b>	打傷了他么 (287)	Impresso (Gonçalves, 1829)
vii.	<b><u>Apanhaste-lo?</u></b>	赶上他么 (288)	Impresso (Gonçalves, 1829)

Para além da alternância entre o tuteamento e o voseamento, analisada na alínea anterior, no âmbito da categoria morfossintática de pessoa, foram encontrados ainda outros tipos de exemplos que evidenciam variação no tocante à concordância pessoal verbal. Nos primeiros dois exemplos apresentados neste quadro, mais uma vez a referência pessoal não está explícita na frase chinesa “該當作什么 (Gāidāng zuò shénme)” / “dever/fazer/o quê”, sendo a mesma subentendida de acordo com o contexto; neste caso, o padre Gonçalves optou pela concordância com a primeira pessoa do plural tanto no impresso como no manuscrito, em vez da segunda pessoa do singular. Esta liberdade de escolha torna-se ainda mais esclarecedora no terceiro exemplo acima citado, pois numa só frase o autor ofereceu aos seus discípulos duas formulações alternativas em português, *vai-te* e *vamos* correspondentes às duas formulações alternativas de variação lexical em chinês “走罷 (zǒu ba)” / “andar/partícula modal imperativo” e “去罷 (qù ba)” / ‘ir/partícula modal imperativo’. É possível reparar que, em ambas as possibilidades chinesas, está ausente a informação relativa ao sujeito frásico, pois, como de costume, esta referência está implícita e apenas se define de acordo com o contexto. Perante a liberdade de escolha concedida por esta ausência, o autor optou por demonstrar ambas as formulações, provavelmente numa tentativa de dar a conhecer esta particularidade do âmbito da linguística comparativa.

Fora das alternâncias que dizem respeito à concordância pessoal dos verbos possibilitadas pela característica não flexional da língua chinesa, no próprio português foram encontrados diversos exemplos de variação entre a concordância verbal com a segunda pessoa do singular e a segunda pessoa do plural. Nos exemplos iv., vi. e vii., observa-se o uso dos pronomes pessoais átonos com assimilação que implica a concordância verbal com a segunda pessoa do plural. No caso concreto do sexto exemplo, Barros afirma o seguinte:

...assim, lemos na *Arte China*: ***Feriste-lo?*** (no original *Feris-te-lo*, com o erro ainda actual da separação da terminação do pretérito perfeito, como se se tratasse do pronome pessoal da segunda pessoa do singular, *te*, e ainda com assimilação, partindo de uma forma verbal com paragoge de *-s* ou, mais provavelmente, analógica, por confusão com a forma da segunda pessoa

do plural, *feristes lo > feristello*, ou com a segunda do singular do presente do indicativo, como *feres lo > fere-lo*)... (Barros & Ng, 2014: 371)

Ao comparar o quarto e o quinto exemplos acima apresentados, é possível verificar que a assimilação não foi alterada do manuscrito para o impresso, ou seja, trata-se de uma confusão provavelmente ainda com certo grau de universalidade no contexto diacrónico. Na realidade, tal como foi referido na contextualização do português do século XIX, permaneceu na linguagem popular arcaizante como traço de solenidade o tratamento *vós* para o singular (cf. 2.1.1).

### c) Tempos e modos verbais

Sendo o chinês uma língua não flexional, muitas vezes as referências verbais, sobretudo de tempo e de modo, apesar de estarem associadas a certas partículas temporais e modais, estão implícitas no contexto. Nos exemplos infra apresentados, retirados de forma comparativa do manuscrito e do impresso, é possível observar uma certa alternância no que respeita aos tempos e modos verbais nas frases portuguesas, permanecendo os equivalentes chineses inalterados nestes aspetos.

Tabela 56 Variação morfológica e morfossintática no tocante a verbos: tempos e modos verbais (1)

i.	<b>Entendes</b> tudo, o que eu digo.	我說的你都懂得么 (222)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	<b>Entendeste</b> tudo, o q' eu digo?	我說的你都懂得 (173) <i>uo xuo ti ni tu tum to</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)

Trata-se de um exemplo representativo de divergência devida ao facto de o chinês não apresentar flexão modo-temporal. Segundo comenta Barros:

É distinta em dois aspectos a frase no impresso: à mesma frase interrogativa em chinês corresponde em português uma frase declarativa (ou pelo menos sem o ponto de interrogação) e com verbo no presente do indicativo, enquanto a do manuscrito é interrogativa e apresenta o verbo da oração principal no pretérito perfeito do indicativo. No entanto, o verbo da oração relativa acha-se no presente, bem como a resposta a esta interrogação. Esta divergência deve-se ao facto de o chinês não apresentar flexão modo-temporal. (Barros & Ng, 2014: 173)

Curiosamente, no que respeita a este primeiro aspeto de alternância comentado por Barros e Ng, repara-se que no equivalente em chinês apresentado no impresso foi acrescentado o último carácter “么 (me/ma)”, neste caso uma partícula interrogativa (cf. 3.2.1), tal como a frase

inicialmente afixada em português, no entanto, a frase portuguesa foi adaptada no impresso para melhor se aproximar da estrutura chinesa, ou seja, consta-se aqui um duplo esforço de revisão que inesperadamente conduziu à divergência entre a frase afirmativa em português e a frase interrogativa em chinês apresentadas na versão impressa. Portanto, é lógico supor que, para a publicação desta obra, o autor recorreu à colaboração de pelo menos um elemento terceiro, neste caso, um sujeito fluente em ambas as línguas. Relativamente ao segundo aspeto de divergência, isto é, a diferença entre os dois tempos verbais, esta distinção provavelmente também se devia à ausência da flexão modo-temporal em chinês, e do manuscrito para o impresso, possivelmente incentivado pela concordância entre a oração relativa e a principal. Tal como indica o contexto sintático, o autor afinal optou por uniformizar os tempos verbais para o presente do indicativo.

Tabela 57 Variação morfológica e morfossintática no tocante a verbos: tempos e modos verbais (2)

iii.	Eu <b>estava brincando.</b>	我玩兒 (218)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iv.	Eu <b>estou brincando.</b>	我玩兒 (160) <i>uo uan lh</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)

Diferentemente dos dois exemplos acima analisados, neste grupo de exemplos consta-se uma modificação do tempo verbal inicialmente interpretado no manuscrito para o adaptado no impresso, em termos concretos, do presente do indicativo *estou* para o pretérito imperfeito do indicativo *estava*. Relativamente a esta formulação alternativa, Barros comenta o seguinte: “Na *Arte China Eu estava brincando*, formulação equivalente que o verbo chinês não especifica, mas que apenas coloca o tópico no momento prévio, enquanto o presente do indicativo estende a acção ao momento em que dialogam, ainda o *agora*.” (Barros & Ng, 2014: 160). Esta modificação, tal como a alternância nos dois exemplos a seguir analisados, implica de certa maneira um típico processo de tradução e adaptação do chinês para português, isto é, escolher em primeiro lugar um tempo verbal simples que coexiste nas duas línguas envolvidas e posteriormente adaptá-lo de forma a aproximar-se do hábito da língua de chegada.

Tabela 58 Variação morfológica e morfossintática no tocante a verbos: tempos e modos verbais (3)

v.	Elle não suspeitou, que tu he, que lhe <b>botaras</b> o fogo?	他不疑惑是你放的 火 (277)	Impresso (Gonçalves, 1829)
vi.	Elle não suspeitou, q’ tu és, q’ lhe <b>botaste</b> o fogo;	他不疑惑是你放的 火 (349)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)

Neste grupo de exemplos, a variação morfossintática consiste na alteração do pretérito perfeito do indicativo inicialmente adotado no manuscrito para o pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo posteriormente modificado no impresso. Analisando o equivalente chinês “他不疑惑是你放的火 (Tā bù yíhuò shì nǐ fàng de huǒ)” / 'ele/não/suspeitar/ser/tu/botar/partícula estrutural/fogo', a oração subordinada substantiva completiva “是你放的火 (shì nǐ fàng de huǒ)” constitui um complemento direto do verbo “疑惑 (yíhuò)” na oração subordinante. Vale ressaltar que a estrutura frástica “是...的 (shì ... de)” costuma ser usada para dar ênfase à informação contida entre os dois caracteres chineses, quando o acontecimento teve lugar maioritariamente em pretéritos próximos, daí o motivo da opção pelo pretérito perfeito do indicativo na frase portuguesa apresentada no manuscrito. No entanto, do manuscrito para o impresso, de forma a melhor se aproximar da autêntica sequência de ações em português, o autor optou por modificar esta ação, obviamente antecedente da ação contida no verbo principal *suspeitou*, para o pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo, tempo verbal que não existe na língua chinesa.

Tabela 59 Variação morfológica e morfossintática no tocante a verbos: tempos e modos verbais (4)

vii.	Sopponhamos, que eu o não <b>sabia</b> , que tinha isso?	比方我不知道有什么關係 (222)	Impresso (Gonçalves, 1829)
viii.	Suponhamos, que eu não o <b>soubesse</b> ; Que tinha isso?	比方我不知道有什么關係(174) <i>pì fām uo pu chí tau ieu xê mo cum si</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
ix.	não que eu o <b>sabia</b> de certo.	並不是因為我知道一定 (222)	Impresso (Gonçalves, 1829)
x.	não q' eu o <b>soubesse</b> de certo.	並不是因為我知道一定 (175) <i>pìm pu xê in vei uo chí tau i tím</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)

Relativamente a estes quatro exemplos retirados alternativamente do impresso e do manuscrito, Barros apresenta a seguinte análise:

A formulação da frase oferece alguma variação útil na aprendizagem: na *Arte China* lê-se *Sopponhamos, que eu o não sabia, que tinha isso?* Ou seja, para além do afastamento gráfico na forma inicial no conjuntivo, surge o pronome pessoal antes do advérbio de negação, enquanto no manuscrito se lê depois dele e antes do verbo e, por fim, esta forma verbal surge no imperfeito do indicativo no impresso (*sabia*), numa variante muito coloquial, mas no imperfeito do conjuntivo

no impresso<sup>79</sup> (*soubesse*), mais formal, denunciando as preocupações didáticas em estilo mais elevado por parte do mestre. Esta mesma divergência *sabia/soubesse* entre as duas obras repete-se na última oração do diálogo. (Barros & Ng, 2014: 174-5)

Devido às duas formas gráficas do verbo *sabia/saiba* que surgem em duas frases imediatamente próximas no impresso, podem existir duas interpretações relativamente à intenção de Gonçalves: por um lado, tal como acima referido na análise de Barros, esta divergência pode refletir as preocupações didáticas do autor no que respeita à distinção entre o registo coloquial e o registo mais formal; por outro lado, se ambas as formas fossem interpretadas como a conjugação do verbo *saber* no presente do conjuntivo da primeira pessoa do singular *saiba*, a modificação efetuada do manuscrito para o impresso pode deixar adivinhar uma adaptação do tempo verbal, neste caso, do pretérito imperfeito do conjuntivo *soubesse* para o presente do conjuntivo *saiba* e esta divergência mais uma vez provavelmente se deve à ausência de flexão de tempo e de modo dos verbos em chinês.

Tabela 60 Variação morfológica e morfossintática no tocante a verbos: tempos e modos verbais (5)

xi.	Pozerão cerco à Cidade de <i>Tai iuén</i> : mas passados tres dias, <b>chegando</b> as tropas Imperiais elles largarão o cerco:	他們圍L霸住太原府過了三天官兵到了解了圍 (260)	Impresso (Gonçalves, 1829)
xii.	Puzeraõ cerco á Cid.e Tai yuen Mas passados 3. Dias <b>chegaraõ</b> as tropas Imperiaes, e elles largaraõ o cerco.	他們圍把住太原府過了三天官兵到了解了圍 (301) <i>ta men ui pa chu tai iuen fei cuo leau san tien cuan pim tau leau chie leau ui</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)

Por fim, este último grupo de exemplos representaram uma estrutura alternativa com o uso do gerúndio *chegando* no impresso em lugar do pretérito perfeito *chegaraõ* inicialmente adotado no manuscrito. A estrutura sintática empregada no manuscrito revela maior proximidade com a estruturação frástica chinesa, pois na segunda oração do equivalente chinês “官兵到了解了圍 (Guānbīng dào le jiě le wéi)” / 'tropa militar/chegar/partícula modal de ação concluída/largar/partícula modal de ação concluída/cerco', entre a sequência verbal composta por duas ações – *chegar* e *alargar*, não consta nenhuma organização sintática que especifique a relação entre as duas, simplesmente ligadas pela ordem sintática, ou seja, primeiro *chegaram*

<sup>79</sup> Trata-se de uma gralha, aqui refere-se ao manuscrito.



e depois *largaram*. No entanto, do manuscrito para o impresso, o autor optou por alternar esta sequência semântica, aproximando-a dos costumes sintáticos do português, neste caso uma oração da ação principal delimitada pela oração regida pelo gerúndio.

Através da análise efetuada nesta secção, é possível entender que uma grande parte das formulações alternativas da língua de chegada, na obra bilingue de Joaquim Gonçalves, neste caso provavelmente o português, consiste na ausência de flexão modo-temporal na língua de partida, neste caso o chinês. Devido a esta divergência fundamental no que diz respeito à flexão morfológica e morfossintática entre as duas línguas envolvidas, torna-se um desafio a escolha entre os diversos modos e tempos verbais e ainda entre as várias classes morfossintáticas de pessoa e de número, entre outros em português. Neste sentido, graças à coexistência das duas versões na obra metalinguística de Gonçalves, foi possível inferir as eventuais etapas pelas quais o autor poderá ter passado antes da fixação final do seu compêndio didático.

### 3.2.3 A variação sintática

No capítulo V da *Arte China* foram encontrados muitos casos de variação sintática, sobretudo em frases portuguesas, podendo ter-se em conta a possibilidade de os equivalentes portugueses terem sido fornecidos posteriormente à composição e fixação dos recursos chineses, uma vez que uma grande parte destes conteúdos pode ter sido oriunda dos exercícios de confissão, devido à profissão do padre Joaquim Gonçalves. Neste sentido, foram elencados alguns exemplos, como os abaixo apresentados na tabela, através dos quais é possível observar uma certa alternância exclusivamente restrita ao âmbito sintático, sem afetar o sentido semântico, comparando o manuscrito com o impresso.

Tabela 61 A variação sintática em português (1)

i.	Que te parece isto?	你想這一件事情怎么样 (219)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Que dizes tu a este resp. <sup>100</sup> ?	你想這一件事情怎么样 (162)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
iii.	Que dizes tu a isto?	你怎么样说 (219)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iv.	Que te parece	你怎么样想 (162)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)

Neste grupo de exemplos retirados alternativamente do impresso e do manuscrito de Joaquim Gonçalves, repara-se que as frases chinesas se mantiveram inalteradas após o processo de aprimoramento, enquanto os seus equivalentes portugueses sofreram modificações a vários

níveis. Relativamente às formulações alternativas contidas nestas frases, Barros apresenta a seguinte observação:

Na *Arte* surge frase alternativa: *Que te parece isto?* (p. 219). Na verdade, aperfeiçoou-se o diálogo a partir da versão manuscrita, já que duas linhas abaixo se regista em ambas as obras uma pergunta similar, que assim se repete no manuscrito: “que dizes tu a isto/isso”? Não obstante, o manuscrito incluirá a finalizar uma frase a mais, alternativa sinónima, semelhante à que o impresso preferiu acima “Que te parece?”. (Barros & Ng, 2014: 162)

Um possível motivo desta variação pode relevar da variação a nível lexical, comparando as duas formulações chinesas, conforme acima apresentadas, nos últimos dois exemplos: o verbo “想 (xiǎng)” / 'pensar' foi alterado para “說 (shuō)” / 'dizer'. Desta forma, na obra impressa a formulação portuguesa equivalente foi fixada com o uso do verbo *dizes*, enquanto na frase antecedente, na qual o verbo “想 (xiǎng)” se manteve inalterado em chinês nas duas versões, a formulação foi adaptada de forma a reduzir a repetição verbal, ou seja, a troca entre as duas formulações alternativas *que te parece* e *que dizes tu* resultou provavelmente da fixação do verbo *dizer* no seu equivalente chinês “說 (shuō)”.

Para além da variação sintática promovida pela correspondência literal do léxico nas duas línguas envolvidas, foram encontrados ainda vários exemplos nos quais a alternância parece ter sido motivada pela necessidade de aproximação estrutural entre o português e o chinês, como é o caso do seguinte grupo de formulações alternativas:

Tabela 62 A variação sintática em português (2)

v.	Estou mui distante, não ouço, o que elle diz.	我離那个人遠听不見他的話 (221)	Impresso (Gonçalves, 1829)
vi.	Naõ ouço, o q' aquelle homem diz, por estar m. <sup>to</sup> distante.	我離那个人遠听不見他的話 (170) <i>uo li na co jen iuen tim pu kien ta ti hoa</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)

Embora a frase chinesa “我離那个人遠听不見他的話 (Wǒ lí nà gè rén yuǎn tīng bú jiàn tā dehuà)” / 'eu/preposição 'de'/aquele/classificador/pessoa/longe/não conseguir ouvir 'verbo + complemento resultativo'/ele/partícula possessiva/palavra' não tenha sofrido alteração da versão manuscrita para a obra publicada, o seu equivalente português sofreu uma modificação significativa a nível sintático, apesar do conteúdo similar: foi inicialmente adotada uma ordem frástica mais direta no manuscrito, incluindo o uso de uma oração explicativa (*por estar...*),

enquanto no impresso consta uma mera justaposição das duas orações, sendo o nexos causal entre as duas subentendido (Barros & Ng, 2014: 170). Neste sentido, é possível supor a existência de um motivo ainda maior que a necessidade de manter a ordem natural e a estruturação lógica, conforme os hábitos linguísticos da língua de chegada – a aproximação estrutural ao português aplicado ao contexto didático para aprendizagem da língua chinesa.

No entanto, a procura da aproximação sintática não foi aplicada de forma total, tendo o autor deixado espaço suficiente para a valorização da naturalidade das frases portuguesas equivalentes, cujo cuidado linguístico se demonstra no grupo de exemplos a seguir:

Tabela 63 A variação sintática em português (3)

vii.	Percebeste, o que eu disse?	我說的你明白了沒有 (222)	Impresso (Gonçalves, 1829)
viii.	O que eu digo, percebeste?	我說的明白了沒有 (174) <i>hou xuo ti min po leau mei jeu</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)

Para a frase chinesa “我說的明白了沒有 (Wǒ shuō de míngbái le méiyǒu)” / “eu/dizer/partícula relativa ‘o que eu digo/disse’/ entender/partícula modal que indica a complementação de uma ação/advérbio de negação modal para ações completadas”, Gonçalves optou por alterar a formulação inicialmente adotada no manuscrito para uma estrutura direta, mais clara e mais fácil para os seus discípulos, mesmo que esta estrutura inicial demonstrasse maior proximidade com o seu equivalente chinês, segundo afirma o comentário de Barros na edição crítica do manuscrito (Barros & Ng, 2014: 174). A partir deste exemplo e de todos os restantes que contêm variação sintática nas frases portuguesas comentadas por Barros, é possível verificar que o mestre, autor desta obra metalinguística, teve cuidado primordial de natureza didática na elaboração e na revisão do seu compêndio, procurando sempre que possível avaliar a autenticidade da língua de chegada enquanto não deixava de se preocupar em facilitar a aprendizagem da língua chinesa, através do fornecimento de estruturas portuguesas aproximadas com os seus equivalentes chineses.

Para além dos casos abundantes de formulações alternativas portuguesas a nível sintático, a sua obra não carece de alternâncias sintáticas no próprio chinês, tal como abaixo se pode observar na tabela.

Tabela 64 A variação sintática em chinês

i.	Chega-te para mim.	近我来 L 跟前来 (219)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Isto que quer dizer?	这个有甚么意思 L 怎麼樣解 說 (222)	Impresso (Gonçalves, 1829)

iii.	Tu nunca estás quieto.	你常啣氣不老實 (221)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iv.	Tu nunca estás quieto.	你總不平安 (172) <i>ni çum pu pim gan</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
v.	Sim, e dizem, que està para morrer das feridas; as feridas são mortais.	打过了、有人說受了傷要死 受的傷要命 (262)	Impresso (Gonçalves, 1829)

Nos primeiros dois exemplos, o próprio autor pretende indicar a coexistência de formulações alternativas com o símbolo de equivalência “L” nas frases chinesas, enquanto as frases portuguesas não contêm variação alternativa equivalente. As duas formulações alternativas chinesas envolvidas no primeiro exemplo representam dois graus de especificação ligeiramente distintos, mas geralmente intercambiáveis: “近我来 (jìn wǒ lái)” / 'perto/eu/vir' contém um sintagma adverbial “近我 (jìn wǒ)” / 'perto de mim' que implica uma proximidade relativa, enquanto na formulação “跟前来 (gēnqián lái)” / 'vizinhança/vir', com o uso do substantivo “跟前 (gēnqián)” / 'vizinhança', se supõe maior proximidade física requerida nesse pedido. No segundo exemplo, encontram-se estruturas chinesas bastante afastadas: “这个有甚么意思 (zhè gè yǒu shénme yìsi)” / “sto/ter/que/significado” e “怎麼樣解說 (zěnmeyàng jiěshuō)” / 'como/interpretar', entretanto, tanta uma como outra transmitem a mesma dúvida relativamente à interpretação do sujeito frástico, a qual foi interpretada pelo autor no registo coloquial como *isto que quer dizer?*

Para além deste tipo de correspondência de uma frase portuguesa para mais do que uma estrutura alternativa chinesa, observam-se também modificações que acontecem no lado chinês da versão manuscrita para a versão impressa, como é o caso dos terceiro e quarto exemplos acima apresentados. Neste caso, para a formulação portuguesa *Tu nunca estás quieto*, o mestre apresenta duas formulações bastante afastadas a nível sintático: “你總不平安 (Nǐ zǒng bù píng'ān)” / 'tu/sempe/não/quieto' e “你常啣氣不老實 (Nǐ cháng táoqì bù lǎoshí)” / 'tu/sempe/brincalhão/não/honesto'. Para além da variação lexical visível nestas duas formulações, repara-se que na primeira frase foi aplicada uma estrutura negativa “tu nunca estás quieto” e na primeira parte da segunda frase foi utilizada uma estrutura afirmativa “tu és sempre brincalhão”. Esta ligeira diferença não chegou a incentivar a adaptação da própria estrutura do equivalente português, pois tanto uma como outra transmitem uma ideia parecida, neste caso, ambas se traduzem numa avaliação negativa sobre o sujeito.

No último exemplo, tanto no chinês como no português consta uma certa variação a nível sintático, neste caso “受了傷要死 (shòu le shāng yào sǐ)” / “sofrer/partícula modal de uma ação completada/ferida/verbo auxiliar que indica acontecimento no futuro ‘ir’/morrer” e “受的傷要命 (shòu de shāng yào mìng)” / “sofrer/partícula relativa/ferida/verbo auxiliar ‘fazer com que (perca)’/vida” em chinês, correspondendo às duas formulações *está para morrer das feridas e as feridas são mortais* em português. Em ambas as línguas, a última oração serve de explicação extra para completar a oração principal, sendo as orações justapostas, sem expor nenhum nexos causal, o que acontece muitas vezes em contextos orais. Devido à ausência de um nexos causal explícito, as mesmas podem também ser interpretadas como formulações alternativas, representando uma das situações nas quais mais frequentemente se encontram as variantes alternativas na obra de Gonçalves.

No âmbito da análise sintática, foram encontradas diversas formulações alternativas que surgiram provavelmente devido aos costumes sintáticos distintos das duas línguas alvo de estudo. No caso do português, a estrutura frástica costuma ser constituída por um sujeito e um predicado. Portanto, quando duas orações da mesma estrutura deste padrão ocorrem lado a lado, é necessário especificar o nexos entre as mesmas. Entretanto, sendo o chinês uma língua de maior liberdade, a ligação entre duas orações tende a ser muito mais implícita e subentende-se na maior parte dos casos. Para além desta causa principal da variação sintática, por vezes, variantes de natureza lexical também podem conduzir à ocorrência de divergência organizacional nas frases. No contexto de ensino e aprendizagem, e ainda no que diz respeito à tradução entre estas duas línguas, a estruturação frástica continua a ser um desafio, dificultando a obtenção de uma ordem sintática mais natural e autêntica na língua de chegada.

#### 3.2.4 A variação lexical

Nas obras didáticas do padre Joaquim Gonçalves, surgem vários exemplos de alternativas a nível lexical, sobretudo nos capítulos II, III e IV do compêndio impresso *Arte China*, onde o autor pretende fornecer sempre que possível as variedades da língua chinesa tanto para o estilo “vulgar” como para o estilo “sublime”. Estudos temáticos acerca das variantes lexicais, sobretudo no que respeita aos aspetos geográficos, culturais, interculturais e históricos, foram abordados por Ana Ng Cen (cf. Ng, 2015). Tendo em consideração a quantidade de alternativas lexicais ocorridas tanto na mesma obra impressa como, comparativamente, no impresso e no manuscrito, não será apresentada uma inventariação completa de todos os casos nos quais se observa variação a nível lexical, apenas serão analisados exemplos representativos de

alternativas promovidas por possíveis motivos políticos, conforme exemplificam as seguintes formulações.

Tabela 65 A variação lexical

i.	Pozeraõ cêrcõ à Cidade de <i>Tai iuén</i> :	他們圍 <u>壘</u> 住太原府 (260)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Puzeraõ cerco á Cid.º Tai yuen	他們圍 <u>把</u> 住太原府 (301) <i>ta men ui pa chu tai iuen fei</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
iii.	Em Cantão o ViceRei mandou hum marechal a subjoga-los:	在廣東呢、總督打發一個提督 <u>平服</u> 他們 (260)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iv.	Em cantão o ViceRei mandou o General da Prov.a subjugallos:	廣東尼、總督打發提督 <u>伐</u> 他們 (301) <i>cuam tum ni çum tu ta fa ti tu fa ta men</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
v.	Ouvi dizer, que em <i>Xansi</i> hum general á testa de hum exército lhes dera huma batalha, os vencêra, e inteiramente disbaratàra.	听見說在山西有一个將軍出兵同他們打过一次仗得勝了他們全 <u>打散</u> 了他們 (260)	Impresso (Gonçalves, 1829)
vi.	Ouvi dizer, q em <i>Xam sí</i> hum General á testa de hum exercito lhes dera hua batalha, e os vencera; e inteiram.te os subjogára	聽見說在山西有一个將軍出兵同他打过一次仗得了勝他們全 <u>壓服</u> 了他們 (301-2) <i>tim kien xuo çai xan si ieu i co chiam chun chu pim tum ta ta cuo i cê cham to leau cham ta men chuen ia fu leau ta men</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
vii.	Dizem, que là para <i>Suchoan</i> entrarão tropas estrangeiras, fazendo hostilidades.	有人說四川那一塊兒有外國的兵進來 <u>擾累地方</u> (260)	Impresso (Gonçalves, 1829)
viii.	Dizem, q' lá p.ª Sutchun entrarão tropas estrangeiras, fazd.º hostilid.es,	有人說四川那一塊耳有外國兵進來 <u>打仗</u> (302) <i>Ieu jen xuo sê xuan na i cóai lh ieu vai cuo pim chin lai ta cham</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)

No diálogo intitulado *Novidades*, isto é, o diálogo XXIX na *Arte China* e o diálogo 30 no manuscrito, foi encontrado um conjunto de variantes que percorreram, na língua chinesa, desde as formulações inicialmente adotadas na versão manuscrita até à fixação final no impresso. Curiosamente, neste excerto dedicado a notícias relacionadas com diversos conflitos regionais, quase todos os traços de modificação conservados conduzem a certos indícios motivacionais

de índole política. Começando pelo primeiro caso de alternância, o autor fornece aos seus discípulos uma ligeira alteração lexical na seguinte frase chinesa “他們圍把住太原府 (Tāmen wéibǎzhù tàiyuánfǔ)” / “eles/cercar/*Tai Yuan*/cidade”, tendo introduzido um sinal de sinónimo entre os dois verbos e alterado o segundo verbo “把 (bǎ)” para o seu homófono “霸 (bà)”. Trata-se do verbo neutro “把 (bǎ)”, que implica 'vigiar/impôr vigilância para que os inimigos não entrem' enquanto “霸 (bà)” transmite uma avaliação pejorativa, sendo o significado associado à ideia de 'dominar à força', ou seja, o primeiro verbo no sentido de *pôr cerco* aplica-se tanto a tropas militares cujo motivo predominantemente se concentra na salvaguarda dos interesses públicos como a quadrilhas criminosas que ocupam um certo local por interesses privados; entretanto, o segundo verbo dedica-se quase exclusivamente a este último contexto. Assim sendo, é possível suspeitar que, no que respeita aos movimentos dos piratas, a qualificação do acontecimento pareça ter sofrido certa alteração, tendo o mesmo incidente sido valorizado como um acontecimento neutro e posteriormente recebido uma apreciação negativa, possivelmente devido às reavaliações impostas ao longo do processo de revisão do livro didático de Joaquim Gonçalves.

No segundo grupo de exemplos, para além da alternância lexical que se observa nas frases portuguesas, neste caso, *general* e *marechal* para o termo chinês “提督 (tídū)”, tratamento de um cargo dos funcionários do imperador, o autor volta a introduzir variação lexical relativamente ao verbo chinês – “伐 (fá)” na versão manuscrita e “平服 (píngfú)” na obra publicada, correspondendo ambos ao equivalente português *subjugar*. Embora ambas as variedades se empreguem no sentido de 'subjugar', este primeiro verbo inicialmente adotado no manuscrito, cujo significado literal é 'cortar uma árvore', transmite certa ideia de 'submeter à força', enquanto o segundo termo significa literalmente 'convencer através de fazer acalmar', ou seja, não bastava depreciar a movimentação dos piratas: foram ainda justificadas as medidas de reação tomadas pelo governo. Esta reapreciação ou justificação moral verifica-se mais uma vez no grupo de exemplos logo a seguir, quando se fala dos resultados alcançados pelos militares; desta vez verificam-se dois termos alternativos, tanto em português, com *subjugar* e *desbaratar*, como em chinês, com “壓服 (yāfú)” e “打散 (dǎsǎn)”. Relativamente aos vocábulos inicialmente selecionados na versão manuscrita, tanto a palavra portuguesa *subjugar* como o seu equivalente em chinês “壓服 (yāfú)” implicam a ideia de 'controlar pela força das armas', enquanto os termos posteriormente adotados no impresso, *desbaratar* e “打散 (dǎsǎn)”, destacam mais a ideia de 'dissipar', ou seja, em termos de resultados atingidos pelas ações militares em resposta às ofensas dos piratas, a descrição registada na versão impressa transmite

maior delicadeza, tendo reduzido o grau de intensidade através da implicação de que tais operações militares se acharam concluídas a partir do momento em que as forças rebeldes se dissiparam e não permaneceram até à subjugação absoluta.

Por fim, o último grupo de exemplos também revela uma seleção lexical delicada no que respeita ao grau de gravidade das hostilidades desenvolvidas pelas tropas estrangeiras: no manuscrito foi inicialmente introduzido o verbo “打仗 (dǎzhàng)” / 'batalhar', o qual posteriormente foi alterado para o sintagma verbal “擾累地方 (Rǎolèi dìfāng)” / 'perturbar/local'. Esta modificação implica uma grande mudança no tocante à qualificação das ações hostis exercidas pelas tropas estrangeiras na região de *Sichuan*, pois esta hostilidade foi no início interpretada como um acontecimento tão grave que se designou como uma guerra ou batalha, mas posteriormente passou a ser nomeada apenas como uma perturbação da ordem social local, neste caso, um incidente muito menos intenso, em comparação com um conflito transfronteiriço.

Em síntese, a análise acima efetuada no que diz respeito à variação a nível lexical encontrada na obra de Joaquim Gonçalves foca-se nas possíveis influências políticas. Através das modificações lexicais observadas e analisadas, é possível entender que o julgamento proferido acerca de alguns casos de rebelião sofreu uma mudança radical a caminho da apreciação e da qualificação, sugerindo os traços de modificação uma reavaliação ou compromisso mais a favor das forças militares imperiais. Estes indícios de alternância, para além dos possíveis motivos didáticos, poderiam ao mesmo tempo refletir eventuais impulsos políticos que conduziriam à imposição de tais transformações.

### 3.2.5 Aspectos de alternância semântica e pragmática

Tendo em consideração o lapso temporal entre as duas línguas alvo conservadas na obra de Joaquim Gonçalves e as suas formas atuais, não é difícil imaginar a possibilidade de ocorrer evolução e alternância semântica, pois nenhuma destas línguas tem deixado de receber atualizações, que inevitavelmente afastariam certos aspectos pragmáticos daquilo que era considerado como o padrão. Neste estudo serão abordados apenas alguns aspectos de alternância semântica e pragmática no que à língua chinesa diz respeito, não só porque o desenvolvimento desta língua em comparação com a língua portuguesa tem sido muito mais radical (cf. 2.1), mas também porque a autora da presente dissertação tem maior facilidade em identificar estes aspectos na sua língua materna do que na sua segunda língua estrangeira, de uma perspetiva diacrónica. A escolha dos dois grupos de exemplos abaixo analisados foi incentivada pelo



estudo de Ota (1991) e Uchida (2011a), no que respeita à particularidade do mandarim utilizado na zona de Pequim.

(1) “狠 (hěn)”: do adjetivo ao advérbio de grau

Antes de iniciar a análise, é interessante lançar um olhar ao estudo de Uchida no que se refere a este advérbio de grau em chinês “狠 (hěn)”. Na tabela infracitada foi acrescentada não apenas a transcrição das frases chinesas de acordo com o *Pinyin*, mas também as frases portuguesas correspondentes, retiradas da *Arte China*, e ainda uma análise sintática literal das frases chinesas.

Tabela 66 Aspetos de alternância semântica e pragmática: “狠 (hěn)” (1)

Uchida (2011a: 234-5)	Transcrição em <i>pinyin</i>	Frases portuguesas correspondentes na <i>Arte China</i>	Análise sintática
你狠知禮。(1)	Nǐ hěn zhī lǐ.(1)	Tu es mui civil.	Tu/muito/saber/rituais.
我狠歡喜你。(1)	Wǒ hěn huānxǐ nǐ.(1)	Muito te estimo.	Eu/muito/gostar/(de) ti.
我心裡狠過不去你納。(1)	Wǒ xīnlǐ hěn guòbùqù nǐ nà.(1)	Vmce, me confunde, trantando-me assim.	Eu/no coração/muito/não conseguir passar/você.
天氣狠好。(10)	Tiānqì hěn hǎo.(10)	Faz bom tempo	Tempo/muito/bom.
*“這個酒熱的狠”(22)	*“Zhège jiǔ rè de hěn”(22)	Este vinho está muito quente.	Este/aguardente/quente/partícula estrutural/muito.

Nos primeiros quatro exemplos supracitados, a palavra “狠 (hěn)” desempenha a função de advérbio de grau, correspondente à grafia atual “很 (hěn)”, transmitindo o significado e uso do advérbio português *muito* (este advérbio chinês pode modificar tanto adjetivos como verbos modais e verbos de atividades sentimentais), que se emprega em ordem precedente ao conteúdo modificado, entretanto, no último exemplo, este advérbio faz parte da estrutura enfática de “adjetivo + partícula estrutural + advérbio de grau “狠 (hěn)”. Estudos diacrónicos relacionados com o tema indicam que esta palavra, inicialmente utilizada apenas como adjetivo no sentido de 'feroz/cruel', transitou para a função de advérbio provavelmente só a partir da dinastia Yuan (Wang, 2003), ou seja, trata-se de uma transição significativa da função sintática desta palavra, a qual, por sua vez, também é vista como uma das demarcações do dialeto de Pequim (Ota, 1991: 212-3). Para além destes cinco exemplos acima citados, na obra de Gonçalves existem muito mais ocorrências do uso deste carácter como advérbio de grau, no entanto, curiosamente foram também encontrados alguns traços de alteração do lugar deste advérbio através da

comparação da *Arte China* com a sua versão manuscrita. Segue abaixo um grupo de registos desta modificação:

Tabela 67 *Aspetos de alternância semântica e pragmática: “狼 (hěnl)” (2)*

i.	O Príncipe casou-se, e houverão em Pekim grandes festas	皇太子娶親在北京犬熱鬧 (261)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	O Príncipe cazou-se, e houverão em Pekim grd. <sup>es</sup> festas;	皇太子娶親在北京狼鬧熱(303) <i>hoam &lt;tai↑&gt;cê chiu chin çai pei</i> <i>chim &lt;hen↑&gt; nau jen</i>	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)

Ao comparar as duas frases, respetivamente recolhidas da versão impressa e da versão manuscrita, para além de alguns pormenores no âmbito da variação fonética encontrados nas frases portuguesas, como é o caso do registo que espelha a realização oral do substantivo *príncipe* com dissimilação *princepe* (Barros & Ng, 2014), é possível reparar em mais duas variantes nas frases chinesas: em primeiro lugar o advérbio de grau “狼 (hěnl)” foi substituído pelo carácter “犬 (quǎn)”, e, em segundo lugar, a ordem da última palavra “鬧熱 (nàorè)” foi trocada para “熱鬧(rènao)”.

Relativamente a esta última alternância adjetival, no Dicionário do Chinês Moderno esta formulação registada no manuscrito é classificada como um regionalismo, cujo significado se identifica com o registo padrão posteriormente adotado no impresso (《现代汉语词典》 [Dicionário do Chinês Moderno], 2016: 942). Repare-se que, na edição crítica, Barros fornece a seguinte observação nas notas de rodapé, aquando da transcrição da romanização desta palavra: “o autor registou *jen nau*, tendo depois colocado 2. e 1. sob essas formas, respetivamente, de modo que se pronunciassem na ordem inversa, de acordo com os caracteres” (Barros & Ng, 2014: 303). Assim sendo, embora o autor tenha alterado a ordem das respetivas romanizações para que as mesmas coincidissem com os respetivos caracteres, é possível suspeitar que esta forma, depois adotada para a impressão, provavelmente era considerada como a mais prestigiosa, tal como no mandarim atual, ainda que ambas as formas fossem aceites.

Retomando a modificação do advérbio de grau, vale ressaltar que não é certo se a grafia que corresponde ao carácter “犬 (quǎn)” foi propositadamente apresentada na *Arte China* ou representa uma gralha tipográfica, pois este carácter representa um substantivo que significa 'cão' no chinês clássico, tal como o seu sucessor “狗 (gǒu)” no chinês moderno. Embora este carácter seja de facto o radical tanto para o carácter “狼 (hěnl)” como para o “狗 (gǒu)”, nem no dicionário de chinês-português do mesmo autor (Gonçalves, 1833: 377) nem nos restantes diálogos do

capítulo V se encontra o uso do mesmo na posição de um advérbio de grau, ou seja, o mais provável é que o emprego do mesmo tenha sido consequência de uma gralha tipográfica, e na realidade este pudesse representar “太 (tài) (adv. 'demasiado')”, cuja grafia era por vezes confundida com “大 (dà) (adj. 'grande')” na *Arte China*, conforme se pode observar na tabela seguinte:

Tabela 68 Aspetos de alternância semântica e pragmática: “狠 (hěn)” (3)

i.	Tu faltas á tua obrigação:	你大缺了本分 (273)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Tu es mui astuto;	你大詭道 (278)	Impresso (Gonçalves, 1829)

Em ambas as frases, “大 (dà)” está na posição do advérbio de grau, modificando respetivamente o verbo “缺 (quē)” / 'faltar' e o adjetivo “詭道 (guǐdào)” / 'astuto', ou seja, esperava-se nestes lugares o advérbio “太 (tài)”, embora o uso deste carácter “大” como advérbio de grau se mantenha vivo na língua japonesa. Portanto, regressando à modificação acima analisada, um dos possíveis motivos da sua ocorrência pode ser a intenção de oferecer duas variedades lexicais aos discípulos, neste caso “狠 (hěn)” e “太 (tài)”. Por outro lado, também é possível interpretar esta alteração como um fenómeno de transferência negativa, pois embora a estruturação chinesa apresente umnexo subentendido entre as duas orações “皇太子娶親在北京狠鬧熱 (Huángtàizǐ qǔqīn zài běijīng hěn nàorè)” / “príncipe/casar-se/partícula de localidade/Pequim/advérbio de grau ‘muito’/movimentado”, no seu equivalente português o autor optou por aplicar duas orações copulativas: *o príncipe cazou-se e houveram em Pequim grandes festas*, sendo a segunda regida pelo verbo *haver*. Desta forma, estando presente o sintagma substantival português *grandes festas*, a modificação do advérbio “狠 (hěn)” para o adjetivo “大 (dà)” poderia ter sido promovida pela própria formulação do equivalente português.

(2) Pronomes pessoais da primeira pessoa do plural “咱們 (zánmen)” e “我們 (wǒmen)”

No ensino e aprendizagem do chinês como língua não materna, o pronome pessoal da primeira pessoa do plural “咱們 (zánmen)” costuma ser interpretado como um típico traço do mandarim utilizado no Norte da China, pois em termos da sua origem, este pronome é categorizado como um dêixis pessoal oriundo da fala do Norte da China, provavelmente desde

as dinastias Song e Yuan<sup>80</sup> (Li & Chen, 2009). Em comparação com o outro termo sinónimo geograficamente neutro, “我們 (wǒmen)”, este primeiro, devido à sua origem, é usado e conhecido como uma das características que distinguem a fala do Norte e a do Sul. Em termos do uso dos dois pronomes no chinês atual, o primeiro termo, quando aplicado numa conversa presencial, demonstra a exclusão do interlocutor a quem se dirige a conversa, ou seja, este uso exclui a segunda pessoa do singular ou do plural, enquanto o segundo termo neutro pode tanto incluir como excluir o sujeito com quem o diálogo foi estabelecido. Uchida fornece os seguintes exemplos da ocorrência desta primeira forma do pronome pessoal da primeira pessoa do plural “咱們 (zánmen)”, no seu estudo sobre as características distintas da língua chinesa conservada na obra de Gonçalves, no âmbito da qualificação desta obra como um material didático dedicado à típica fala do mandarim de Pequim, conforme demonstram os seguintes exemplos:

Tabela 69 Pronomes pessoais “咱們 (zánmen)” e “我們 (wǒmen)” (1)

(Uchida, 2011a: 234-5)	Transcrição em <i>pinyin</i>	Frases portuguesas na <i>Arte China</i>
咱們要上那裡去。(10 <sup>81</sup> )	Zánmen yào shàng nàlǐ qù.(10)	Aonde havemos de ir
咱們歇一歇罷。(10)	Zánmen xiē yi xiē ba.(10)	Descançemos
咱們都一塊兒走罷。(14)	Zánmen dōu yīkuàir zǒu ba.(14)	Vamos todos juntos.

Curiosamente, não foi apenas esta primeira variedade a preservada por Joaquim Gonçalves; na realidade, ambas as formas foram registadas na obra deste mestre, como é possível verificar na seguinte tabela com a coocorrência das duas, lado a lado:

Tabela 70 Pronomes pessoais “咱們 (zánmen)” e “我們 (wǒmen)” (2)

i.	Aonde havemos de ir	咱們要上那裡去(224)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Vamos à cidade.	我們上城罷(224)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iii.	Vamos todos juntos.	咱們都一塊兒走罷(230)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iv.	Talvez que o não alcancemos.	大概我們趕不上他(230)	Impresso (Gonçalves, 1829)

Todos estes exemplos foram recolhidos do quinto capítulo da *Arte China*, sendo as primeiras duas frases e as últimas duas encontradas em lugares adjacentes, ou seja, provavelmente constituintes de uma conversa dirigida por interlocutores distintos. Os primeiros

<sup>80</sup> Dinastia Song (960-1279) e Dinastia Yuan (1206-1368).

<sup>81</sup> Conforme o autor, estes números entre parênteses se referem aos diálogos correspondentes no capítulo V da *Arte China* (2011:234).

dois exemplos pertencem ao décimo diálogo, intitulado “Passear”, e estas duas frases surgem logo no início da conversa, somente depois de um breve comentário sobre o tempo favorável ao passeio. Repare-se que o pronome pessoal aplicado no segundo exemplo, sendo esta frase uma resposta à pergunta anteriormente feita, é distinto do utilizado na primeira frase, ou seja, em termos de referência, tanto no primeiro como no segundo, os dois pronomes referem-se aos dois falantes. Considerando que as duas frases pertencem a dois sujeitos distintos, é lógico depreender que esta diferença em termos da escolha dos dêixis pessoais possa ter sido derivada das naturalidades diferenciadas dos interlocutores.

O segundo grupo é extraído do décimo quatro diálogo, com o título “Ir para a Aula”, e as duas frases encontram-se registadas no final desta conversa. Também nelas se verifica esta mesma diferença: neste contexto, o interlocutor do terceiro exemplo reconheceu um condiscípulo que andava à sua frente, e após a confirmação da sua identidade com o segundo falante, este sugeriu que se despachassem para acompanhar o andamento desse colega. Em resposta a esta sugestão, o segundo interlocutor exprimiu o seu receio de não conseguir alcançar o colega anteriormente reconhecido; ou seja, apesar da existência de uma terceira figura, ambos os pronomes se referem aos dois interlocutores, sem alteração. Logo, é natural considerar que esta opção por dois termos diferenciados se devia ao facto de terem sido utilizados por dois sujeitos de origens geograficamente distintas.

Estatisticamente, e não só nos exemplos acima analisados, a ocorrência do termo “我們 (wǒmen)” é no geral muito mais frequente que a sua variante diatópica “咱們 (zánmen)”. Assim sendo, vale considerar a hipótese de que a intenção do Padre Joaquim Gonçalves talvez não fosse um louvor propositado ou um esforço especificamente dedicado ao mandarim de Pequim, mas ao mandarim na sua universalidade ou ao mandarim do Norte. Desta forma, é lógico pensar que aconteceu algumas das fontes a que recorreu o sinólogo português serem oriundas de uma figura cuja fala se identifica com a variante nobre de Pequim.

Em suma, no que respeita aos aspetos de alternância semântica e pragmática, foram realizadas duas análises temáticas respetivamente sobre o advérbio de grau “狠 (hěn)” e as duas formas do pronome pessoal da primeira pessoa do plural, “咱們 (zánmen)” e “我們 (wǒmen)”. No âmbito deste primeiro advérbio, a análise focou-se em alguns traços de curiosa modificação, capturada através da comparação da *Arte China* com a sua versão manuscrita, através das quais foi possível espreitar a variação pragmática acerca deste advérbio de grau. Ao longo da análise dos dois pronomes pessoais, através da comparação das respetivas frequências de ocorrência, foi levantada a seguinte dúvida: será que o chinês conservado na obra do Padre Joaquim

Gonçalves representava especificamente o mandarim padrão falado na região de Pequim ou apenas o mandarim do Norte na sua generalidade?

### 3.2.6 Mudanças do âmbito da tradução e do conteúdo (formulações contrárias, modulações, informações diferentes)

Para além dos vários níveis de formulação alternativa analisados nas secções anteriores do presente trabalho, foram encontrados ainda vários registos de variação no âmbito da tradução e do conteúdo, sobretudo formulações sequenciais fornecidas pelo padre Joaquim Gonçalves nos diálogos temáticos do capítulo V, sendo respostas alternativas de possível aplicação numa determinada ocasião. A seguir, serão apresentados e analisados alguns dos exemplos mais relevantes relacionados com os seguintes aspetos: formulações contrárias – duas ou mais respostas com sentidos inversos para uma mesma pergunta, modulações – conteúdos alternativos, e informações diferentes – conteúdos apresentados com? informações diferentes devido à necessidade de tradução.

#### (1) Formulações contrárias;

Tabela 71 Formulações contrárias

i.	Diga-me, pode-se saber isto, ou não? Isto pode-se dizer. Isto não se pode dizer.	請問能勾知道這個不能勾 這個說得。這個說不得 (220)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Entendes tudo, o que eu digo. Entendo perfeitamente. Não te entendo.	我說的你都懂得么 你說的我全懂得 不懂得你的話 (221)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iii.	Entendeste tudo, o q' eu digo? Entendo perfeitam. <sup>1e</sup> Não te entendo.	我說的你都懂得 你說的我全懂得 不懂得你的話 (173)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
iv.	Entendes China? Não: entendo-o completamente. Nada entendo.	你懂得中國話么 不懂得、都懂得 都不懂得 (222)	Impresso (Gonçalves, 1829)

O capítulo V da *Arte China* está repleto de exemplos de formulações contrárias, principalmente devido à preocupação didática do autor, sendo docente das duas línguas envolvidas. Na tabela acima inserida encontram-se apresentados alguns casos deste fenómeno: o autor pretende fornecer tanto quanto possível respostas alternativas para uma determinada

interrogação, oferecendo neste sentido tanto a resposta afirmativa como a negativa, para que os seus discípulos pudessem aplicar a aprendizagem adquirida no contexto em situações reais do dia-a-dia, conforme a sua própria necessidade.

Em termos concretos, no primeiro exemplo, para além das duas formulações contrárias alternativas tanto em português — *isto pode-se dizer e isto não se pode dizer* — como em chinês — “这个說得 (zhègè shuō dé)” / “isto/dizer/verbo auxiliar ‘poder’” e “这个說不得 (Zhègè shuō dé)” / “isto/dizer/não/verbo auxiliar ‘poder’” —, é também curiosa a estruturação da pergunta em português *Diga-me, pode-se saber isto, ou não*, pois embora não seja inapropriada, a redundância da última parte *ou não* parece ter sofrido alguma influência da formulação interrogativa em chinês “請問能勾知道這個不能勾 (Qǐngwèn nénggòu zhīdào zhègè bù nénggòu)” / “por favor perguntar/poder/saber/isto/não/poder”. Mesmo no chinês atual, quanto à estruturação de frases interrogativas, refere-se sobretudo a duas formulações alternativas: (Sujeito+) Predicado + Partícula Interrogativa “吗 (ma)” e (Sujeito+) Predicado (forma afirmativa + forma negativa com o advérbio de negação “不 (bù)” ou “没 (méi)”). Ou seja, a escolha desta formulação mais aproximada à estruturação sintática chinesa do autor pode refletir a pretensão do mesmo de dar ênfase a esta estrutura particular do chinês.

De forma semelhante, no segundo e quarto exemplos acima apresentados, neste caso duas interações enquadradas no mesmo diálogo intitulado “entender”, para além de formulações contrárias, o autor também procura oferecer aos potenciais leitores variação a nível lexical, *perfeitamente* na resposta à primeira interrogação e *completamente* na resposta a seguir. É curiosa a formulação da primeira frase no segundo exemplo, pois esta primeira oração em português é uma frase declarativa e não interrogativa, tal como comenta Barros relativamente a este terceiro exemplo, na edição crítica do manuscrito:

É distinta em dois aspectos a frase no impresso: à mesma frase interrogativa em chinês corresponde em português uma frase declarativa (ou pelo menos sem o ponto de interrogação) e com verbo no presente do indicativo, enquanto a do manuscrito é interrogativa e apresenta o verbo da oração principal no pretérito perfeito do indicativo. No entanto, o verbo da oração relativa acha-se no presente, bem como a resposta a esta interrogação. Esta divergência deve-se ao facto de o chinês não apresentar flexão modo-temporal. (Barros & Ng, 2014: 173)

Repare-se que, no manuscrito, esta frase foi inicialmente fixada na forma interrogativa com o ponto de interrogação, enquanto faltava a partícula interrogativa “么 (me/ma)” no seu equivalente chinês, no entanto, na versão impressa, esta partícula de interrogação foi

acrescentada à formulação em chinês, enquanto o ponto de interrogação foi retirado da oração portuguesa. Ou seja, tal como revela a análise realizada nas secções anteriores, o processo de revisão e preparação para a publicação da obra de Joaquim Gonçalves provavelmente teve a participação de mais de um elemento, e estes dois ou mais indivíduos contribuíram de forma relativamente separada para a edição do manuscrito.

## (2) Modulações;

Tabela 72 Modulações

i.	Que eu não seja homem, se minto. Que eu morra, se minto O ceo me castigue, se o que digo, he falso. Se eu não fallo verdade, a terra me trague,	我撒謊不是人 我說謊我死 我說假話天罰我 我說虛話地吞我 (217)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Tu fallas por amphibologia. idem. Eu fallo condicionalmente.	你說遮掩的話 你說含糊的話 我說活動的話 (217)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iii.	Que faremos? Que há para fazer? Que faremos agora? Que conselho me dás? Como se fará isto? Que remedio?	該當作什麼 有什麼可作的 如今我們作什麼好 你給我什麼主意 這個怎麼樣辦法兒 這個有什麼法子 (218)	Impresso (Gonçalves, 1829)

Mas não são apenas as formulações contrárias que impedem uma leitura fluída dos diálogos; durante o Capítulo V também são recorrentes as modulações compostas por um conjunto de formulações alternativas expostas em lugares adjacentes, que contribuem para enriquecer o material didático. Na tabela acima inserida são apresentadas três ocorrências deste fenómeno: o primeiro conjunto de formulações alternativas traduz-se numa sequência de juramentos equivalentes que faz sentido serem apresentados juntos no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, nas palavras de Barros (Barros & Ng, 2014: 158); de forma parecida, esta segunda sequência, das frases chinesas, também apresenta um conjunto de possibilidades lexicais “遮掩的 (zhēyǎn de)” / 'encobridor', “含糊的 (hánhú de)” / 'ambíguo' e “活動的 (huódòng de)” / 'móvel', num contexto de crítica relativamente a um depoimento falso; por fim, no último grupo de exemplos, este conjunto de interrogações estabelece uma sequência de pedidos de opinião num contexto de consulta. Para além destes três grupos de exemplos, são



abundantes as modulações de género semelhante que o autor pretende fornecer aos seus discípulos no ensino de uma língua estrangeira.

(3) Informações diferentes no âmbito da tradução;

Esta última categoria de variação, informações diferentes no âmbito da tradução, representa uma das principais formas de formulação alternativa, comparando a versão impressa com o manuscrito, pois é notável o esforço dedicado ao aperfeiçoamento dos recursos linguísticos a fixar para impressão, sobretudo no que respeita à redução de traços de tradução literal e à naturalização da língua de chegada. Seguem abaixo três grupos de exemplos deste processo de melhoramento da língua de chegada, neste caso, o português.

Tabela 73 Informações diferentes no âmbito da tradução (1)

i.	Não me toques	不要動手 (219)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Não movas a mão.	不要動手 (164)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
iii.	... e furtando o escrivão nos salários, e materiaes alguns centenares de taés, coube-lhe mais de cento, cinquenta taes:	那个内使在人工材料裡頭 消了幾百銀子他分了  百五十兩多銀子 (301)	Impresso (Gonçalves, 1829)
iv.	o Escrivão em slarios, e materiaes furtou alg.s centenares de taés; e elle participou mais de 150 taés:	那个内使在人工材料裡頭 開消了幾百銀子 他分一百五兩多銀子 (409)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
v.	Porem a medida, e peso eraõ maiores hum decimo,	但用的都是加一的斛斗秤 (302)	Manuscrito (ed. semidiplomática, Barros & Ng, 2014)
vi.	Porem pedia por hum alqueire maior, e pezo maior;	但用的都是加一的斛斗秤 (410)	Impresso (Gonçalves, 1829)

Nos primeiros dois exemplos, é óbvia a alteração da frase portuguesa do manuscrito para o impresso: *não movas a mão* e *não me toques*, enquanto o equivalente chinês se mantém igual em ambas as versões: “不要動手 (Bùyào dòng shǒu)” / “Advérbio de negação imperativa/mover/mão”. De facto, através do contexto fornecido não é possível especificar qual a referência exata desta oração em chinês, pois “não movas a mão” pode levar a várias interpretações dependendo do contexto, mas o objetivo desta oração imperativa realmente pode ser interpretado como o autor optou por fazer no impresso, *não me toques*, e assim torna-se

mais concreto, menos ambíguo e absurdo para possíveis leitores ou discípulos cuja língua materna não seja o chinês.

No segundo grupo de exemplos, é possível observar uma divergência substancial relativamente à ordem e à estrutura dos elementos na frase, do manuscrito para o impresso (Barros & Ng, 2014: 409), pois não apenas as duas orações copulativas foram modificadas para uma oração subordinada regida por um gerúndio, como também houve uma alteração significativa do verbo na oração principal, neste caso *ele participou* foi alterado para *coube-lhe*. Esta divergência na escolha do verbo provavelmente é devida à interpretação do verbo chinês “分 (fēn)” / 'dividir', que neste contexto implica que o escritor furtou alguns tais e ficou com uma parte. Neste sentido, em comparação com a interpretação inicial *ele participou*, isto é, o verbo “分 (fēn)” no sentido de 'repartir', conforme exemplifica o mesmo autor no seu dicionário chinês-português (Gonçalves, 1833: 95), a versão acertada no impresso torna-se menos ambígua por eliminar a possível interpretação do verbo *participou* no sentido de 'contribuir'. Vale ressaltar a divergência relativamente à apresentação visual do número nas duas versões: *150* na versão manuscrita e *cento, cincoenta* na versão impressa. Em primeiro lugar, a substituição da representação do número no sistema numeral indo-arábico inicialmente adotada no manuscrito provavelmente com o intuito de facilitar o registo pela formação em português reflete a preocupação didática do autor, pois é importante e essencial a leitura dos números no ensino de uma língua estrangeira. Em segundo lugar, é curioso o uso da vírgula entre *cento* e *cincoenta* em vez da conjunção copulativa “e” como o próprio número é hoje pronunciado em português. Recorrendo às frases equivalentes em chinês, repara-se que as duas formulações chinesas também revelam divergências menores no que diz respeito ao complemento direto do verbo: “一百五兩多 (yībǎiwǔ liǎng duō)” / “cento e cinquenta/unidade de medida chinesa que atualmente equivale a cinquenta gramas/mais” no manuscrito e “百五十兩多 (bǎi wǔshí liǎng duō)” / “cem/cinquenta/unidade de medida chinesa/mais” no impresso. Em chinês os números são pronunciados através da combinação do número em cada dígito e da unidade para cada dígito, neste caso para referir o número “cento e cinquenta/150” diz-se “一百五十 (yībǎiwǔshí)”, isto é “一 (yī<sup>82</sup>) (um)”, “百 (bǎi) (unidade para o dígito no lugar de cem)”, “五 (wǔ) (cinco)” e “十 (shí) (unidade para o dígito no lugar de dez). Esta última unidade por

---

<sup>82</sup> No caso do número, a sua leitura sofre mudança consoante a sílaba que vem a seguir, neste caso, quando for uma sílaba dita do quarto tom, indicado pelo acento grave, a leitura deste número passa para o segundo tom indicado pelo acento agudo, e nos restantes casos a mesma passa para o quarto tom, a não ser em contextos para indicar a ordem, como em números ordinais, dias da semana, etc.

costume pode ser omissa, tal como foi omitida na formulação apresentada no manuscrito, embora a última unidade não deva ser omitida, de acordo com o critério atual, quando o algarismo é seguido por outra unidade de medida, como se verifica na formulação do impresso. Ou seja, é possível suspeitar que a formulação inicial possa demonstrar um erro comum na aprendizagem do chinês, que posteriormente foi emendado na versão impressa. No entanto, tirando esta primeira divergência relativa à omissão da última unidade deste número, consta ainda uma pequena diferença, i.e., a redução do número do primeiro dígito “um”, cuja ausência na formulação do impresso permite uma interpretação alternativa relativamente à referência do número, neste caso “百五十 (bǎi wǔshí)” pode indicar 'cem ou cinquenta' ou 'por volta de cinquenta ou cem', ou seja, uma quantidade aproximada em vez de um número exato. Assim sendo, pode ser que o autor tenha propositadamente querido destacar este pormenor através do uso da vírgula, embora possa ter sido simplesmente uma gralha tipográfica sem intenção nenhuma. De qualquer forma, é certo o cuidado que o mestre teve na preparação do seu compêndio de ensino da língua chinesa e da língua portuguesa, no sentido de auxiliar tanto quanto possível o processo de aprendizagem por parte dos seus discípulos através do aprimoramento da estrutura sintática e do fornecimento da leitura numeral.

Neste último grupo de exemplos, nota-se uma variação substancial na formulação da frase portuguesa comparando as duas versões, no entanto, nos respetivos equivalentes chineses não existe divergência. A formulação chinesa “但用的都是加一的斛斗秤 (Dàn yòng de dōu shì jiā yī de hú dòu chèn)” literalmente traduz-se como “mas/usar/partícula relativa/tudo/ser/mais/um/partícula relativa/um medidor de peso retangular para cereais/um medidor de peso tipo colher para cereais/instrumento para pesar em geral”. Desta forma, observam-se duas ferramentas culturalmente peculiares “斛 (hú)” e “斗 (dǒu)”, sendo um “斛 (hú)” equivalente a dez ou a cinco “斗 (dǒu)”, dependendo da época histórica (《现代汉语词典》 [Dicionário do Chinês Moderno], 2016: 550).

Retornando às frases portuguesas, repara-se que o autor inicialmente tinha introduzido a medida portuguesa antiga *alqueire*, 'unidade de medida de capacidade para secos e líquidos, que varia entre 13 e 22 litros' (*Dicionário da Língua Portuguesa*, 2003: 75), mas posteriormente, na edição final impressa, optou por adotar uma palavra semanticamente alternativa mais genérica, *medida*, ou seja, é possível presumir que o mestre teve cuidado extremo no que respeita a termos reservados a cada cultura, neste caso da língua chinesa, pois sendo o chinês a principal língua de ensino, o autor preferiu reduzir tanto quanto possível equivalências culturalmente distintas, dando prioridade a palavras isentas de influência cultural.

São abundantes os exemplos que demonstram esta reflexão do sinólogo português em toda a sua obra, no que diz respeito a referências culturais que merecem ser estudadas de forma pormenorizada em futuros estudos.

No âmbito da tradução, vale referir ainda alguns exemplos nos quais o autor omitiu parcialmente a informação transmitida nas frases equivalentes chinesas, provavelmente porque a julgava desnecessária, tal como revelam as citações apresentadas na tabela abaixo:

Tabela 74 Informações diferentes no âmbito da tradução (2)

i.	Quem he este? He hum ladraõ.	這個人是誰。是賤賊 (301)	Impresso (Gonçalves, 1829)
ii.	Porque o preço estava no edital	官價在告示上頭寫著 (302)	Impresso (Gonçalves, 1829)

Em ambos os exemplos, note-se que, ao invés de oferecer uma tradução cem por cento fiel, o autor optou por omitir alguma informação secundária, possivelmente por tê-la achado desnecessária. Neste primeiro exemplo, na resposta chinesa “是賤賊 (shì jiàn zéi)” / “ser/desprezível/ladão” escolhe-se um adjetivo relativo à valorização dos ladrões, enquanto na frase portuguesa não foi incluída esta apreciação, possivelmente porque o autor considera a mesma uma conotação culturalmente secundária, ou seja, para o autor não é necessário enfatizar este preconceito na língua portuguesa. No segundo exemplo, para o termo “官價 (guān jià)” / “oficial/preço” o autor também reduziu a informação secundária transmitida através do adjetivo chinês na frase equivalente em português. De facto, através do contexto é lógico depreender que o *preço* se refere ao preço oficial, pois é o preço fixado no edital, logo, tornar-se-ia redundante a tradução do adjetivo chinês. Estes dois exemplos, tal como os restantes casos que foram encontrados ao longo da recolha de formulações alternativas, possibilitam perceber e estudar de forma detalhada o método de tradução e exemplificação de Joaquim Gonçalves, pois a sua obra, para além do interesse didático, que tem sido grandemente elogiado, também consiste numa base de dados de alta qualidade para estudos temáticos, sobretudo no que diz respeito à tradução de referências culturalmente distintas, que merecem ser aprofundadas em futuros estudos, como já referia Barros (2014).

Em síntese, através da análise efetuada nesta secção, no tocante às mudanças de conteúdo, é de assinalar a preocupação didática do padre Joaquim Gonçalves, demonstrada através das formulações contrárias, sendo estas respostas variadas para uma mesma interrogação, e das modulações alternativas, que enriquecem os recursos de entrada no contexto de ensino de uma língua estrangeira. Relativamente às alterações no âmbito da tradução, é de enfatizar o cuidado que o autor teve durante o processo de preparação da sua obra, antes de a mesma ter sido

impressa. Através da comparação da versão manuscrita com a edição final impressa, é fácil encontrar formulações substancialmente distintas, as quais refletem muitas vezes a tentativa deste mestre português no sentido de aproximar a língua de chegada, neste caso o português, à sua forma mais natural e lógica possível. Além disso, Gonçalves procura ainda facilitar a aprendizagem das duas línguas por parte dos aprendizes, tentando fornecer sempre que possível uma leitura assistida, como no caso da preferência pelos números soletrados em português em relação às formas indo-arábicas.

## 4. ALGUNS ASPETOS A APROFUNDAR EM ESTUDOS FUTUROS

A metodologia didática do padre lazarista português Joaquim Afonso Gonçalves é considerada pioneira não apenas no contexto histórico em que se insere, mas também para o atual ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Tendo em conta a carência em termos da quantidade de estudos temáticos e monográficos sobre estas obras compendiosas e reflexivas do ilustre sinólogo português Joaquim Gonçalves, após quase dois séculos desde a sua publicação, pretende-se propor nesta secção alguns aspetos inovadores na obra do padre Joaquim Gonçalves, para além daqueles abordados nas secções anteriores, que merecem ser aprofundados em futuros estudos, nomeadamente a partir das seguintes duas visões: implicações para o estudo diacrónico da língua chinesa e intenções pedagógicas/linguísticas relativamente ao ensino-aprendizagem de línguas segundas/estrangeiras.

Tendo em consideração a breve contextualização da linguística missionária do século XIX fornecida na subsecção 1.2.2 e os aspetos característicos da língua chinesa da mesma época abordados na subsecção 2.1.2, perante a rica variedade de dialetos que se encontravam ativos nesse período de grande referência no que respeita à transição de paradigma da língua chinesa, i.e., um século marcante da modernização da norma padronizada nacional, Joaquim Gonçalves optou pelo modelo de posição dominante no seu tempo – o dialeto de Pequim ou, em termos generalizados, o padrão do Norte da China, dependendo do critério de demarcação entre os dois. Graças a esta escolha invulgar, tendo em conta “a conjugação da linguística contrastiva com as culturas, literaturas, filosofias e religiões do chinês” (Barros, 2014: 110), a introdução das vertentes coloquial e escrita em contraste, bem como as formulações alternativas a vários níveis, as célebres obras do Padre Gonçalves deixaram-nos uma fonte extraordinária para o estudo periférico das características transitórias na evolução da língua chinesa no século XIX, tendo as obras didáticas do seu contemporâneo e seu declarado admirador – o missionário britânico Thomas Wade – sido utilizadas como fontes linguísticas de referência para a restauração da língua chinesa falada na região norte do país, a partir das opulentas referências à variação diatópica, diafásica e diastrática.

No que respeita às implicações da obra do Padre Joaquim Gonçalves para o estudo cronológico da língua chinesa, esta podia fornecer amplos dados linguísticos primários que permitiriam uma perceção da evolução dos caracteres chineses, sobretudo em relação ao processo de simplificação dos mesmos. Não é difícil reparar, bastando uma leitura breve, na

particularidade da forma escrita de certos caracteres chineses na *Arte China*. Porém, nem todas as escritas irregulares têm a ver com variação diacrônica, pois, considerando a natureza semiográfica da escrita chinesa (cf. Yu, 2015) e a primeira impressão primitiva, intuitiva, criativa e religiosa que a escrita chinesa podia impor a aprendizes do chinês (cf. Ho, 2009), não é incompreensível a ocorrência de divergências devido a fatores pessoais, neste caso sob a influência dos hábitos de escrita de cada um. São exemplos desta os caracteres chineses apresentados na *Lista dos Caracteres Chineses que Não Correspondem Exatamente à Variante Representada no Manuscrito*, da autoria de Ana Ng Cen (Barros & Ng, 2017: 79-80).

A evolução dos caracteres chineses teve início logo após a gênese dos mesmos no princípio da civilização chinesa, e acompanhou o desenvolvimento da identidade cultural, bem como a história desta cultura (Yu, 2015: 25). Do ponto de vista do desenvolvimento histórico dos caracteres chineses, a normalização ou simplificação da escrita chinesa tem sido sempre a sua tendência primordial, e estes processos podem ser divididos em duas etapas: por um lado, a revisão e modificação do estilo de escrita e, por outro, a redução de traços<sup>83</sup> (Yuan & Yu, 1992: 34). Yuan e Yu afirmam ainda que a modificação se refere à evolução entre os vários estilos<sup>84</sup>, enquanto a redução de traços diz respeito aos caracteres simplificados que têm acompanhado o desenvolvimento da escrita chinesa desde a sua criação. Diacronicamente, a evolução e normalização da escrita chinesa conheceu sobretudo duas etapas, sendo a primeira caracterizada pela modificação do estilo e a segunda preenchida pela redução de traços (*idem, ibidem*).

Segundo Yuan e Yu, os caracteres simplificados do chinês, que surgiram principalmente após a evolução do estilo 楷书 (kǎishū), ganharam grande popularidade entre o povo chinês. Porém, sob a oposição das classes dirigentes feudais, estes caracteres com traços reduzidos eram considerados “vulgares”, especialmente no decurso das dinastias Ming e Qing, durante as quais a tendência ortográfica procurava um retorno aos clássicos. Foi após a revolução da China moderna, em 1949 que estas formas simplificadas foram finalmente reconhecidas como registo formal da língua chinesa e ganharam o seu estatuto oficial, como a ortografia do chinês/mandarim. Não é difícil reparar que a principal preocupação da maior parte dos estudos

---

<sup>83</sup> Tradução da autora. Texto original: “從漢字演變的歷史來看，它的發展的總趨勢是簡化。這種簡化最重要的有兩個方面：一是省改字體；一事簡化筆劃。(Cóng hànzi yǎnbiàn de lìshǐ lái kàn, tā de fāzhǎn de zǒng qūshì shì jiǎnhuà. Zhè zhōng jiǎnhuà zuì zhòngyào de yǒu liǎng gè fāngmiàn: Yīshì shěng gǎi zìtǐ; yīshì jiǎnhuà bǐhuà.)”

<sup>84</sup> Sobre os vários estilos da escrita chinesa, Yu Yibing (2015: 35) afirma o seguinte: “São alguns exemplos os estilos 甲骨文 (jiǎgǔwén), 金文(jīnwén), 籀文(zhòuwén) e 篆文(zhuànwén), classificados como escrita antiga, enquanto os estilos 隸書(lìshū), 草書(cǎoshū), 楷書(kǎishū) e 行書(xíngshū) são tidos como escrita(s) contemporânea(s). O fim da dinastia Qin (秦朝, qíncháo) e início de dinastia Han (漢朝, hàncháo) marcam a transição entre estas duas etapas no desenvolvimento e evolução da escrita. Pensamos que é relevante ter uma ideia desta perspectiva diacrônica.”

diacrônicos sobre a evolução da escrita chinesa se foca na sua primeira etapa de evolução<sup>85</sup>, ou seja, o período antigo, pois foi nessa altura de transição que se testemunharam as mudanças mais substanciais da escrita chinesa<sup>86</sup>. No entanto, para além desse interesse em retratar um panorama da evolução da escrita chinesa que compreende um período maior do que três milénios, desde o nascimento da civilização chinesa, são relativamente escassos os estudos sobre o século imediatamente anterior aos movimentos de simplificação ortográfica, i.e., o século XIX.

Em síntese, o impresso *Arte China*, em conjugação com o manuscrito 7975 da Biblioteca Nacional de Portugal, conhecido como *Frases de Gonçalves*, editado por Barros e Ng (2014; 2017), fornece-nos um rico conjunto de dados linguísticos autênticos sobre a escrita chinesa no século XIX, os quais podiam ser aproveitados para aprofundar o estudo relativamente ao desenvolvimento da mesma sobre este período, ainda escassamente elaborado. Algumas ocorrências destas formas particulares encontradas no Capítulo V da *Arte China* podem transportar em si alguma implicação para os posteriores movimentos de redução da escrita em chinês no século XX. Exemplos representativos foram fornecidos e analisados no terceiro capítulo desta dissertação, sendo uma das partes constituintes da variação gráfica da língua chinesa.

O interesse em aprender línguas estrangeiras surgiu pelo menos desde os tempos romanos, quando teve lugar o contacto entre culturas distintas, mas muito provavelmente antes disso. A partir desse momento, têm sido propostas inúmeras metodologias pedagógicas sobre o tema de ensino-aprendizagem de línguas segundas. Levi comenta o tributo do Padre Joaquim Gonçalves da seguinte maneira:

Embora tenha sido parcialmente inspirado pelo trabalho e pela filosofia de ensino/pesquisa do Reverendo Robert Morrison, o primeiro missionário protestante na China, o Padre Joaquim Gonçalves foi mais longe que este evangelizador e presbítero em termos da metodologia e da contribuição linguística/filosófica para o ensino-aprendizagem da língua chinesa como língua segunda. (Levi, 2007: 229<sup>87</sup>)

---

<sup>85</sup> De acordo com Yuan e Yu (1992: 34), esta primeira fase transitória refere-se ao período compreendido entre as dinastias Shang (1600 a.C. — 1046 a.C.) e Zhou (1046 a.C. — 771 a.C.) e as dinastias Wei (220 — 265) e Jin (265 — 420).

<sup>86</sup> Segundo Yuan e Yu (1992: 34), após a evolução para o estilo 楷書 (kǎishū), pode-se dizer que os estilos da escrita chinesa se encontram primordialmente definidos.

<sup>87</sup> Tradução da autora. Texto original: “Though partly inspired by the work and, moreover, the teaching/research philosophy of Reverend Robert Morrison, the first Protestant missionary to China, Father Gonçalves went a few steps further the Presbyterian minister as far as methodology and linguistic/philological contributions to a successful learning and teaching of Chinese as a Second Language.”



Em termos mais específicos, no que diz respeito às intenções pedagógicas das obras do Padre Joaquim Gonçalves, observa-se a valorização especial que o próprio padre dava à natureza progressiva da aprendizagem de uma língua segunda, sobretudo, a língua chinesa – uma língua oriental tão afastada da sua própria língua materna. Quanto ao método inovador de ensino do Padre Joaquim Gonçalves, Levi mostra de forma resumida quatro características principais:

... o método inovador do Padre Gonçalves pode ser reduzido a quatro recomendações essenciais:

1. analisar e estudar os caracteres chineses, descobrindo e aprendendo desta forma os seus radicais;
2. em primeiro lugar, não aprender caracteres desnecessários ou raramente utilizados, ou seja, os aprendizes devem aprender e dominar caracteres simples ou complexos que sejam realmente utilizados no quotidiano;
3. não memorizar os caracteres chineses da forma que os chineses fazem, mas agrupá-los de forma alfabética, de acordo com o número de traços;
4. ensinar/aprender as regras gramaticais enquanto os aprendizes aprenderem os caracteres chineses, de forma que estes consigam reconhecer não apenas os caracteres em si, mas também o tipo e/ou o radical ao qual pertencem, o que por sua vez facilitará a consulta de um dicionário chinês. (Levi, 2007: 220<sup>88</sup>)

Através dessa visão resumida, entende-se que o Padre Joaquim Gonçalves recomenda o tratamento com cuidado especial da progressividade no ensino-aprendizagem da língua chinesa, particularmente dos elementos básicos desta língua, i.e., os caracteres chineses – constituintes mínimos do vocabulário chinês. Conforme citado em Hogetop (2017: 21), “Nation (2011) afirma que as pesquisas em ensino de vocabulário de primeira e de segunda língua ocorreram em mais de 30% nos últimos 12 anos”, o que confirma novamente o caráter inovador da filosofia pedagógica do ilustre sinólogo lazarista Joaquim Gonçalves.

---

<sup>88</sup> Tradução da autora. Texto original: “... Father Gonçalves’ innovative approach can further be reduced to four essential recommendations:

1. To analyze and study the Chinese characters, thus discovering and learning their roots;
2. At first, not to learn characters that are unnecessary or seldom used, in other words, students should learn and master simple or complex characters that are used in every-day life;
3. Not to memorize the Chinese characters as the Chinese do, but rather, to group them alphabetically by number of strokes;
4. To give/learn the grammatical as student learn the Chinese characters, so that students can recognize not only the character but also the type and/or root to which each character belongs, which in turn will facilitate the consultation of a Chinese dictionary.”

Sobre a aprendizagem de vocabulário, Schmitt (2000) destaca a natureza progressiva deste processo, ao afirmar que o domínio completo de uma palavra implica diversos tipos de conhecimento relativamente às palavras, sobretudo a pronúncia, a escrita e o significado, entre outros aspetos (Schmitt, 2000: 117). Para além deste destaque, Schmitt ilustra ainda o processo de aprendizagem lexical a partir da relação entre a aquisição do significado de uma palavra e a aprendizagem do seu conhecimento gramatical/morfológico, chegando à conclusão de que, de facto, o que se sabe acerca da aprendizagem destes dois aspetos de uma palavra é ainda muito limitado, e que uma teoria global da aprendizagem lexical só será possível quando se conseguir descrever os processos de aprendizagem até um certo ponto mínimo (*idem*, 127). Embora os estudos de Schmitt se restrinjam maioritariamente à língua inglesa, considerando que tanto os caracteres chineses como as palavras inglesas são constituintes mínimos da respetiva língua, o método didático de ensino-aprendizagem progressivo da língua chinesa podia talvez ser aproveitado para aprofundar as teorias desenvolvidas por este a respeito da aprendizagem de vocabulário.

Ainda, no âmbito da tradução, o P.<sup>e</sup> Joaquim Gonçalves estabeleceu uma rica fonte de recursos, isto não apenas nos textos bilingues, apresentados quase sempre em paralelo, mas também no seu manuscrito, cuja variação com o impresso permite aceder ao seu processo de tradução intercultural, no qual reflete vários aspetos comparativamente distintos das duas línguas – o chinês e o português. Sendo o português uma língua estrangeira cuja aprendizagem ainda está em expansão para falantes nativos de chinês, apesar da existência de alguns estudos comparativos linguísticos na área do ensino da tradução bilingue português-chinês e chinês-português, ainda carece de materiais didáticos com recursos qualificados e representativos, o que demonstra não apenas a barreira interlinguística no registo escrito, mas também a carência de dados autênticos e representativos do estilo oral.

Em conclusão, os aspetos acima abordados são apenas alguns dos que podiam ser utilizados como referência tanto nos estudos sincrónicos, quanto às diferenças internas apresentadas na língua chinesa do século XIX a nível diatópico, diastrático e diafásico, como na investigação diacrónica do desenvolvimento da escrita chinesa durante o período imediatamente anterior aos movimentos ortográficos que deram definição à atual forma escrita do chinês. Além disso, para além dos três aspetos inovadores da metodologia didática do Padre Joaquim Gonçalves acima expostos, nas três secções antecedentes, as obras a tal ponto compendiosas e reflexivas desta figura colossal da sinologia ocidental podiam ainda servir de referência eminente para a pesquisa em ensino-aprendizagem da língua chinesa como língua segunda.



## CONCLUSÃO

Desenvolvidos os três capítulos principais desta dissertação, pode-se concluir que os estudos gramaticais da língua chinesa tiveram um forte contributo dos missionários europeus, muitas vezes acusados da aplicação mecânica das teorias linguísticas originalmente propostas para a descrição das línguas europeias à língua chinesa. Na realidade, são por vezes excelentes exemplos do aproveitamento dos méritos da investigação linguística ocidental adaptada às teorias tradicionais da língua chinesa. No caso concreto das formulações alternativas da obra de Joaquim Gonçalves, estas fornecem-nos uma fonte rica de recursos metalinguísticos, apresentados sempre em contraste, revestindo-se de muita importância não só para o ensino e aprendizagem do chinês e do português, mas também para o conhecimento e descrição das duas línguas no contexto histórico em que se inserem, e permitindo realizar uma introspeção e descrição destes dois sistemas linguísticos de uma perspectiva diacrónica.

Este trabalho iniciou-se pela recolha de informações biográficas e bibliográficas do padre lazarista português Joaquim Afonso Gonçalves, cuja vida foi dedicada ao ensino e aprendizagem da língua chinesa enquanto professor e investigador deste idioma no território de Macau. Através dos dados apresentados, foi possível afirmar que ainda estão por investigar muitos pormenores acerca da sua estadia no extremo oriente, tal como publicações anónimas que possam ter sido fruto do seu trabalho intelectual, embora os trabalhos metalinguísticos deste sinólogo português nunca tenham deixado de receber elogios, desde a sua criação até ao lapso temporal atual, pelo seu contributo inovador para o ensino da língua chinesa. Em comparação com outras obras didáticas da língua chinesa, elaboradas por outros missionários europeus contemporâneos, que por costume davam prioridade ao estudo das línguas locais com o intuito de beneficiar diretamente as atividades de evangelização, é de destacar a escolha do padre Gonçalves pela norma mais nobre do chinês no seu contexto histórico, neste caso, o mandarim do norte, apesar da distância geográfica entre o seu local de residência e o centro político do império chinês, não esquecendo, ao mesmo tempo, a variante de maior influência e circulação local, neste caso, o cantonês. Os interesses e esforços que os missionários europeus tributaram ao estudo das diversas variantes da língua chinesa transformou-se numa base de dados metalinguísticos de importância capital, que possibilitará a realização de investigações sobre todas estas variedades linguísticas, muitas já em extinção no século XXI.

O segundo capítulo do presente trabalho focou-se na contextualização linguística dos dois idiomas, numa perspectiva comparativa em relação às suas normas atuais. Desta forma, foi

possível capturar algumas características do português e do chinês do século XIX, neste caso, o português que circulava na altura de Joaquim Gonçalves evidenciava diversos traços, sobretudo a nível gráfico e lexical, distintos da sua forma moderna; de modo análogo, o século XIX marcou uma fase transitória da língua chinesa, especialmente no que diz respeito à mudança de paradigma, visto que o mandarim falado na região de Pequim começou a roubar o palco ao chinês padrão do Norte. Com base nestes aspetos característicos das duas línguas envolvidas na obra de Gonçalves, de há dois séculos atrás, foi abordado ainda o ensino-aprendizagem por contraste linguístico e os consequentes problemas de equivalência. Neste sentido, o docente português da língua chinesa pretende fornecer na sua obra referências linguísticas em contraste, sempre que possível, e devido a este esforço seu, foi criado um conjunto de pares linguísticos que refletem não apenas o método tradicional de tradução, mas também referências interculturais, quando a equivalência cem por cento fiel estava fora do alcance. No âmbito da organização contrastiva dos recursos didáticos na sua trilogia dedicada ao estudo da língua chinesa, foi referida ainda a introdução do registo “vulgar” em contraste com o “sublime”, que demonstra o valor que o autor dava aos diversos estilos discursivos para o ensino de línguas vivas. Por fim, foi abordada a importância das formulações alternativas do padre lazarista, que refletem a preocupação deste sinólogo em propor aos seus discípulos a variação linguística como um método de enriquecer a aquisição de recursos alternativos.

O último capítulo, sendo a componente mais extensa deste trabalho, concentrou-se no recenseamento, categorização e análise de formulações alternativas com base nos enquadramentos teóricos anteriormente efetuados. Iniciou-se com a apresentação dos vários tipos de alternativas: variação diatópica, diastrática e diafásica, não esquecendo os níveis do sistema linguístico nos quais ocorrem as variantes: os níveis gráfico, fonético, morfológico, sintático, lexical, semântico, pragmático e ainda no âmbito da tradução e do conteúdo, visto que na obra de Joaquim Gonçalves abundam os textos contrastivos em chinês e português. De seguida, foi inventariado um conjunto de formulações alternativas e as mesmas foram categorizadas de acordo com os vários níveis. Desta forma, foi realizada a análise dos exemplos concretos, destacando a importância desta variação tanto no ensino e aprendizagem como para o conhecimento e descrição do chinês e do português.

A primeira categoria, a variação gráfica, fonética e morfofonológica, representa uma grande percentagem de formulações alternativas, uma vez que foram promovidos movimentos de reforma de natureza ortográfica tanto no caso do português, com o lançamento do *Acordo Ortográfico* em 1990 e vários anteriores a ele, como no caso do chinês, com a simplificação dos caracteres chineses, divulgada pelo governo chinês numa tentativa de melhorar o nível de

literacia entre a população, após a proclamação da República Popular da China. Graças à existência de um manuscrito de Joaquim Gonçalves, provavelmente uma versão preparatória antes da publicação da versão impressa, posteriormente publicada por Anabela Leal de Barros e Ana Ng Cen, em 2014, foi possível conhecer a romanização de uma grande parte das frases chinesas publicadas no capítulo V da *Arte China*. Com base nestas leituras preservadas, fez-se uma tentativa de comparação fonética entre a pronúncia de alguns caracteres chineses, de acordo com a transcrição romanizada, realizada possivelmente pelo próprio autor como uma forma de assistência à leitura às frases chinesas e a pronúncia prototípica do chinês moderno de acordo com o sistema de transcrição oficial *Pinyin*. É de admitir que existe ainda um grande espaço para aprimorar a análise efetuada nesta subsecção, sobretudo no que diz respeito aos fenómenos de mudança fonética, porque poderia ter sido mais bem aproveitada o *Appendice* intitulado *Arte China sem Letras Chinas com a pronúncia mandarina e de cantão*, anexado na parte final do próprio compêndio gramatical *Arte China*, e no qual o autor, para além de ter esclarecido o valor das letras europeias na pronúncia do chinês, fornece uma transcrição fonética completa da sua gramática, a qual certamente espelhará muito mais fenómenos fonéticos estudáveis. De qualquer forma, devido ao volume que este presente trabalho ganhou durante a investigação, foi tomada a decisão de guardar este compêndio para futuros estudos.

A análise sob a categoria da variação morfológica e morfossintática foi executada em torno de algumas palavras de classes abertas, sobretudo adjetivos e verbos, não tendo excluído os pronomes, apesar da sua classe morfológica fechada. Em termos concretos, através da comparação realizada entre a obra publicada e o manuscrito inédito de Gonçalves, foram recolhidos vários exemplos de variação, que surgiram ao autor provavelmente ao longo dos trabalhos de aprimoramento e modificação para a publicação final da *Arte China*. Neste sentido, foram capturados muitos traços de acréscimo e redução de informações secundárias ausentes nas respetivas frases equivalentes em português, numa tentativa de aproximar a língua de chegada, neste caso o português, aos hábitos linguísticos nativos. No caso concreto dos verbos, tendo em conta que a língua chinesa não apresenta flexão modo-temporal, o autor teve muito cuidado em processar os nexos frásticos subentendidos em chinês, de forma a expor estas informações através da escolha de um modo ou tempo verbal apropriado e lógico.

No que diz respeito à variação sintática, foram analisados alguns casos de variação comparando a versão primitiva registada no manuscrito e a versão final pós-edição no livro publicado. Neste sentido, observou-se que grande parte destas formulações alternativas ocorreu provavelmente devido aos costumes sintáticos distintos das duas línguas envolvidas, portanto, o autor teve em muitas ocasiões de ajustar a ordem frástica, inicialmente influenciada pela

estruturação sintática em chinês, de forma reduzir a limitação imposta por esta influência. Além deste tipo de variação, foram também apresentados e analisados exemplos de variação devidamente indicados por um sinal do próprio autor, cuja presença evidenciou novamente a preocupação didática de Gonçalves em proporcionar aos seus alunos recursos alternativos, sempre que possível.

A nível lexical, os exemplos de formulações alternativas foram restringidos a variações que podem ter sido promovidas por possíveis motivos políticos, uma vez que um grande número de variantes a nível lexical já tinha sido abordado em estudos anteriores, como é o caso da Introdução de Anabela Barros às próprias edições do manuscrito (Barros e Ng, 2014; 2017) e da dissertação de mestrado de Ana Ng Cen, publicada em 2015. Assim sendo, foi possível observar, por detrás dos traços de transformação, uma certa influência política que fortemente influenciou a reavaliação de um conjunto de incidentes políticos. No âmbito da alternância semântica e pragmática, devido às limitações do conhecimento linguístico da autora do presente trabalho no que diz respeito a estudos pragmáticos da língua portuguesa, foram escolhidos dois exemplos de possível mudança de natureza semântica e pragmática da língua chinesa com base no estudo temático que Uchida dedicou à obra de Joaquim Gonçalves em 2011. Ao longo da análise destes dois exemplos, foi levantada uma dúvida relativamente à qualificação e categorização do chinês registado na obra do padre lazarista português, pois, segundo as ocorrências específicas do pronome pessoal da primeira pessoa do plural em chinês na sua obra, existe a possibilidade de que o traço típico do mandarim falado na região de Pequim fosse apenas uma característica de um interlocutor específico, mas não de todos os recursos metalinguísticos em geral.

Na última categoria de formulações alternativas, no âmbito da tradução e do conteúdo, foram evidenciados alguns exemplos de variação a partir de três perspetivas: formulações contrárias, modulações e informações diferentes. Com base nos estudos realizados sobre este tema, foi possível reafirmar a preocupação didática do padre Joaquim Gonçalves, uma vez que este forneceu aos seus leitores uma quantidade considerável de respostas e modulações alternativas no contexto de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira. Em termos específicos sobre o seu estilo de tradução, salientam-se as suas tentativas de procurar manifestar uma atitude o mais neutra possível no que diz respeito a referências interculturais, tal como os seus esforços em fornecer uma leitura assistida e eficaz através da soletração de referências numerais em português.

Por fim, foram propostos alguns aspetos que vale a pena aprofundar em estudos futuros. Em termos concretos, a obra de Joaquim Gonçalves fornece-nos uma fonte de recursos

metalinguísticos que ajudarão a investigar diversos aspetos diacrónicos tanto do português como do chinês, sobretudo no que diz respeito ao desenvolvimento do sistema de escrita da língua chinesa, durante os cem anos antes do lançamento da reforma ortográfica, e à sua evolução fonética e fonológica. Tendo em conta a natureza contrastiva da maior parte dos recursos linguísticos preservados na obra do padre lazarista português, a sua trilogia pode servir ainda de base de dados para eventuais estudos comparativos entre o português e o chinês, tal como para o desenvolvimento de material didático para o ensino e estudo sobre a tradução intercultural entre estas duas línguas, uma vez que o seu manuscrito inédito revela inúmeros traços de alteração que permitem restaurar os processos de tradução ou criação de recursos bilíngues em contraste.

Em conclusão, é de afirmar que a contribuição metalinguística do padre lazarista português enquanto professor e sinólogo necessita de ser investigada mais a fundo. O seu método de ensino-aprendizagem de português e chinês como línguas não maternas é um sistema completo e inovador, tendo em conta a grande quantidade de recursos linguísticos apresentados em contraste, tanto no estilo escrito como no registo oral. As formulações alternativas incluídas na sua trilogia evidenciam que tanto o chinês como o português possuem um alto grau de flexibilidade e adaptabilidade, especialmente quando surge a necessidade de introduzir informações culturalmente novas numa destas línguas. Tal como acontece em qualquer contexto de contacto linguístico, a influência linguística acontece sempre de forma recíproca, o que exige estudos aprofundados para que esta dinâmica seja amplamente compreendida. Foi uma das principais intenções deste trabalho dar a conhecer as potencialidades do estudo linguístico do padre Joaquim Gonçalves, sobretudo no ensino e aprendizagem e para o conhecimento e descrição do chinês e do português, que estão na base deste enorme leque de formulações alternativas.





## BIBLIOGRAFIA

- Aarts, Flor (1982). "The contrastive analysis debate: Problems and solutions". *Studia Anglica Posnaniensia*, nº14, pp. 47–68.
- Anastácio, Vanda (2007). "O Terramoto de 1755: Marco da História Literária?", in A. C. Araújo, J. L. Cardoso, N. G. Monteiro, W. Rosa, & J. V. Serrão (Eds.), *O Terramoto de 1755. Impactos Históricos* pp. 363–367. Lisboa: Livros Horizonte.
- Aresta, António (2000). "Joaquim Afonso Gonçalves, professor e sinólogo", *Revista Administração*, nº 48 XII, pp. 677–683.
- Barros, Anabela (2012). "Variação fonética no discurso metalinguístico e fixação do texto: a edição de obras gramaticais dos séculos XVI-XVIII", *Revista Portuguesa de Humanidades. Estudos Linguísticos*, 16-1, pp. 83-112.
- Barros, Anabela (2014). "Referências interculturais oitocentistas nas obras metalinguísticas em Português e Chinês do P.e Joaquim Gonçalves", *Diacrítica*, nº 28 (1), pp. 103–139.
- Barros, Anabela (2015). "A inflexão erudita do português clássico segundo fontes metalinguísticas monolíngues e multilíngues: restauração de sequências consonânticas etimológicas", in Marques, Maria Aldina, & Sánchez Rei, Xosé Manuel (eds.), *Novas perspectivas linguísticas no espaço galego-português*. Coruña: Universidade da Coruña, Área de Filoloxías Galega e Portuguesa, pp. 67-88.
- Barros, A. & Ng, A. C. (2014). *Gramática e Diálogos em Português e Chinês, um Manuscrito Inédito do P.e Joaquim Afonso Gonçalves* (1ª edição). V.N. Famalicão: Edições Húmus.
- Barros, A. & Ng, A. C. (2017). *O Método de Joaquim Afonso Gonçalves para o Ensino-aprendizagem do Chinês e do Português* (1ª edição). V. N. Famalicão: Edições Húmus.
- Barroso, Henrique (1999). *Forma e Substância da Expressão da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Bluteau, Raphael (1720). *Vocabulário portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplo* (vol. VII). Lisboa: Pascoal da Sylva.
- Brandt, J. van den. (1936). *Les lazaristes en Chine, 1697-1935*. Pei-P'ing: Imprimerie des Lazaristes.
- Callery, J. M. (1846). "Notice Biographique sur le pere J. A. Gonçalves, comprising an account of his life with notices of his various sinological productions", *The Chinese Repository*,

N.º 15(2), 69–80.

- Castro, Ivo (2011). *Introdução à História do Português* (2ª edição). Lisboa: Edições Colibri.
- Castro, Ivo (2015). "A nova ortografia tem 25 anos", *Diacrítica*, 29 (1), pp. 498–507.
- Couling, Samuel (1973). *The Encyclopaedia Sinica*. Taipei: Ch'eng Wen Publishing Company (reimpressão).
- Cunha, C. & Cintra, L. (2006). *Breve Gramática do Português Contemporâneo* (18ª ed.). Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Dicionário da Língua Portuguesa*. (2003) (Dicionário). Porto Editora.
- Dictionary of Chinese Character Variants. (2016). Consultado a 17 de Maio de 2019, de [http://dict.variants.moe.edu.tw/variants/rbt/page\\_content3.do?pageId=2982201](http://dict.variants.moe.edu.tw/variants/rbt/page_content3.do?pageId=2982201)
- Eifring, H. B., & Theil, R. (2004). "Linguistic Typology", in *Linguistics for students of Asian and African languages*. Institutt for østeuropeiske og orientalske studier.
- Felício, C. F., & Xavier, V. R. D. (2019). "Cotejo entre variantes gráficas em manuscritos goianos dos séculos XVIII e XIX", *Filologia e Linguística Portuguesa*, 21(1), pp. 61–79.
- Fontes, Susana & Coelho, Sónia & Kemmler, Rolf (2014). "Práticas ortográficas em inícios do século XIX: a ortografia portuguesa na Gazeta de Lisboa (1815) e na Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza (1822)", *Revista de Letras*, 13, pp. 23-36.
- Fujita, Itsuko (2007). "Thomas Francis Wade and Chinese conversation textbook (1) The Comparison of with Yuyanzierji, Wendapian and Qingwenzhiyao", *Journal of the International exchange Support Center, Niigata University*, N.º 3, pp. 49–80.
- Gonçalves, Filomena (1992). *Madureira Feijó, ortografista do século XVIII. Para uma história da Ortografia Portuguesa*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Gonçalves, Joaquim (1829). *Arte China, constante de alfabeto e grammatica comprehendendo modelos das diferentes composições*. Macau: Real collegio de S. Jose.
- Gonçalves, Joaquim (1831). *Diccionario portuguez-china no estilo vulgar mandarim e classico geral*. Macau: Real collegio de S. José.
- Gonçalves, Joaquim (1833). *Diccionario china-portuguez*. Macau: Real Collegio de S. José.
- Ho, Yeh Chia (2009). "O Pensamento Confundente na Língua Chinesa: Estudo de Dois Conceitos Confucianos", in R. C. G. Castro (Ed.), *O Intérprete do logos: textos em homenagem a Jean Lauand* (pp. 173–182). São Paulo: Factash Editora.
- Hogetop, Mónica (2017). "Estratégias de Ensino e Aprendizagem de Vocabulário em Segunda Língua e o Emprego das Expressões Idiomáticas", *Interfaces Científicas - Educação*, Vol. 5(2), pp. 19–28.
- König, Ekkehard (2012). "The place of contrastive linguistics in language comparison",

*Languages in Contrast*, Vol. 12(1), pp. 3–26.

- Levi, Joseph (2007). "Padre Joaquim Afonso Gonçalves (1781-1834) and the *Arte China* (1829): An innovative linguistic approach to teaching Chinese grammar", in O. Zwartjies, G. James, & E. Ridruejo (Eds.), *Missionary Linguistics III/ Lingüística Misionera III. Morphology and Syntax. Selected papers from the Third and Fourth International Conferences on Missionary Linguistics, Hong Kong/Macau, 12-15 March 2005, Valladolid, 8-11 March 2006* (pp. 211–231). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Li, Yunfu 李运富 (2006). 关于“异体字”的几个问题. 《语言文字应用》, nº 1, pp. 71–78. ["On Allograph", *Applied Linguistics*, nº 1, pp. 71–78.]
- Li, Zhongmei & Chen, Haiqing 李忠美, 陈海庆 (2009). 指示语“我们”与“咱们”的异同及其语用含义探析. 《现代汉语》, nº 5, pp. 33–35. ["Sobre as semelhanças e diferenças dos pronomes 'nós' e 'nós' e os seus significados pragmáticos", *Chinês Moderno*. nº5, pp. 33–35.]
- Liu, Ruomei 柳若梅 (2009). 江沙维的《汉字文法》与比丘林的《汉文启蒙》. 《华南师范大学学报》, nº 6 (社会科学版), pp. 151-156+160. ["*Arte China* of Portuguese Missionary J. A. Gonsalves and *Chinese Grammar* of Russian Sinologist N. J. Bichurin", *Journal of South China Normal University*, nº 6 (Social Science Edition), pp. 151-156+160]
- Martins, Nilce (1988). *História da Língua Portuguesa – V. Século XIX*, in *Série Fundamentos*. São Paulo: Editora Ática.
- Ng, Ana Cen (2015). *Alguns aspetos da variação linguística num manuscrito e no impresso Arte China, de Joaquim Gonçalves*. Dissertação de Mestrado em Estudos Interculturais Português-Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial, orientada por Anabela Leal de Barros e apresentada à Universidade do Minho em janeiro de 2015.
- Oliveira, Antônio & Nascimento, Ilderlândio (2017). "As variedades linguísticas no livro didático Português – linguagens: uma abordagem sociolinguística", *Letrônica (Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS)*, v. 10 (n. 1), pp. 336–349.
- Ota, Tatsuo (1991). *Comprehensive Studies of the History of the Chinese Language* (1. ed.). Chongqing: Chongqing Publishing House.
- Peres, João & Mória, Telmo (1995). "Gramática, variação e desvio", in *Áreas Críticas da Língua Portuguesa* (pp. 34–41). Lisboa: Caminho.
- Pinto, Alexandre (2008). *O Papel da Tradução no Ensino/Aprendizagem do Português Língua*

- Não Materna: Considerações Teóricas e Práticas Lectivas, *Linguanet - Universidade Católica Portuguesa*, nº 1, pp. 1–18.
- Pinto, Rolando (1988). História da Língua Portuguesa – IV. Século XVIII, in *Série Fundamentos*. São Paulo: Editora Ática.
- Schmitt, Nobert (2000). *Vocabulary in Language Teaching*. (J. C. Richards, Ed.) (Cambridge). Cambridge: Cambridge University Press.
- Silva, Inocêncio (1860). *Diccionario Bibliographico Portuguez. Estudos de Innocencio Francisco da Silva Applicaveis a Portugal e ao Brasil* (vol. 4). Lisboa: Imprensa Nacional.
- Song, Ju 宋桔 (2010). 清末佚名《語言問答》研究. 《或問》. nº 19, pp.11–26. ["Pesquisa sobre *Yuyanwenda*, um compêndio anónimo do final da dinastia Qing", *Wakumon*. nº 19, pp. 11–26.]
- Song, Ju 宋桔 (2012). 《语言自述集》《瀛海笔记》之主角——晚晴文化接触中的应龙田. 《或問》, nº 22, pp. 67–78. ["O protagonista de *Yü yen tzu êrh chi* e *Yinghai Notes* – YING LUNG-T'IIEN no contato cultural do final do Qing", *Wakumon*. nº 22, pp. 67–78.]
- Teixeira, José (2014). *Como Funcionam as Línguas? Uma Iniciação às Ciências da Linguagem* (1ª Edição). V. N. Famalicão: Papelmunde, SMG, Lda.
- Teixeira, Manuel (1961). As ordens e congregações religiosas em Macau, in *Macau e a Sua Diocese* (vol. 3). Macau: Tipografia da Missão do Padroado.
- Teixeira, Manuel (1967). Padres da diocese de Macau, in *Macau e a Sua Diocese* (vol. 7). Macau: Tipografia da Missão do Padroado.
- Teixeira, Manuel (1976). Bispos, missionários, igrejas e escolas, in *Macau e a Sua Diocese* (vol. 12). Tipografia da Missão do Padroado.
- Uchida, Keiichi (2000). “您”に関わることがら. 《関西大学文学論集》, vol. 50(2), pp.120–148. ["Dos assuntos associados com 'nin' ", *Essays and studies by members of the Literary Faculty of Kansai University*. vol. 50(2), pp. 120–148.]
- Uchida, Keiichi (2004). 近代西人の汉语语法研究. 邹, 嘉彦 & 游, 汝杰 (Eds.), 《语言接触论集》 (pp. 258–272). 上海: 上海教育出版社. ["Chinese Studies of Western Scholars in Pre-modern Times", in Zou, Jiayan & You, Rujie (Eds.) *Essays about Language Contact*, (pp. 258–272). Shanghai: Shanghai Education Publishing House].
- Uchida, Keiichi (2010). 近代西洋人学的汉语 — 他们的汉语语体观. 《東アジア文化交渉研究》, nº 3, pp. 199–212. ["The Chinese Language Learned by Modern Westerners: Their Views of Chinese Writing Styles", *Journal of East Asian cultural interaction studies*, nº 3, pp. 199–212]

- Uchida, Keiichi (2011a). "The 19th-century Missionary Goncalves and The Portuguese Lazarist Church and it's Linguistic Policy", *Journal of East Asian Cultural Interaction Studies* (pp. 229–242). Osaka: Kansai University, Institute for Cultural Interaction Studies.
- Uchida, Keiichi (2011b). "The Peripheral Approach in Chinese Linguistics as an Area of Cultural Interaction Studies", *A Selection of Essays on Oriental Studies of ICI S*, pp. 123–137.
- Uchida, Keiichi (2012a). 开创域外汉语研究的新局面 ["Explorar nova abordagem no estudo da língua chinesa fora da China"], *Esta Asian Cultural Interaction Studies Supplemental*, nº 8, pp. 141–156.
- Uchida, Keiichi (2012b). 近代西洋人汉语研究——汉语语言学的“周边”研究法. 《国际汉学》, nº 2, pp. 292–312. ["Modern Western Chinese Studies – The 'Peripheral' Approach in Chinese Linguistics", *International Sinology*, nº 2 pp. 292–312.]
- Wang, Jing 王静 (2003). “很”的语法化过程 ["The Grammaticalization of 'Very' "], *Journal of Huaiyin Teachers College (Social Science)*, nº 25, pp. 557–560.
- Wang, Li 王力 (Ed.). (2000). 《王力古漢語字典》 [*The Wang Li Character Dictionary of Ancient Chinese*]. Beijing: Zhonghua Publishing House.
- Wang, Li 王力 (2016). 汉语发展史鸟瞰. 《古代汉语常识》 (Kindle). Beijing: Beijing Unites Publishing Co., Ltd. ["Visão Geral da História da Língua Chinesa", in *Conhecimentos Gerais do Chinês Clássico (Kindle)*. Beijing: Beijing Unites Publishing Co., Ltd.]
- Wang, Li, Cen, Qixiang & Lin, Tao 王立, 岑麒祥&林焘 (2010). 《古汉语常用字字典》 [*Dicionários dos Caracteres Frequentemente Usados no Chinês Antigo*]. (S. Jiang, Z. Tang, & W. Zhang, Eds.) (4ª Edição). Beijing: The Commercial Press.
- Wang, Mingyu & Lu, Chunhui (2015). 江沙维《汉字文法》序言. 《或问》, nº 28, pp. 177–186. ["Prólogo da Arte China de Joaquim Gonçalves", *Wakuwon*, nº 28, pp. 177–186.]
- Wang, Qi 王琪 (2008). "On The Evolution from Zhu(箸) to Kuaizi (筷子)", *Research in Ancient Chinese Language*, nº 1, pp. 73–76.
- Williams, Edwin Bucher (1991). *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa* (5ª edição). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Xu, Baohua & Hamada, Ichiro 许宝华&宫田一郎 (Eds.). (1999). *汉语方言大词典* [*Grande Dicionário Dialectal do Chinês*]. Beijing: Zhonghua Publishing House.
- Ye, Nong 叶农 (2010). 十九世纪活跃在澳门的葡籍汉学家——江沙维神父. 《国际汉学》, nº 2, pp. 56–67. ["O sinólogo português ativo em Macau durante o século XIX – Padre

- Joaquim Gonçalves", *International Sinology*, n° 2, pp. 56–67.]
- Yu, Yibing (2015). *Aprendizagem da Cultura Chinesa e Aquisição de Caracteres*. Dissertação de Mestrado em Estudos Interculturais Português-Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial, orientada por Sun Lam e apresentada à Universidade do Minho em abril de 2015.
- Yuan, Zheng & Yu, Wei 远征&余韦 (1992). 汉字简化运动的兴起和发展 ["Origem e Desenvolvimento dos Movimentos de Simplificação dos Caracteres Chineses"], *Journal of Anhui Institute of Education*, n° 3, pp. 34–39.
- Zhu, Feng 朱凤 (2016). 江沙维手稿之考证——有关汉语语法的分析. 《或问》, n° 29, pp. 29–40. ["Pesquisa textual sobre o manuscrito de Joaquim Gonçalves - Análise sobre a gramática chinesa", *Wakumon*, n° 29, pp. 29–40.]
- 《现代汉语词典》 [*Dicionário do Chinês Moderno*].(2016) (7ª Edição). The Commercial Press.